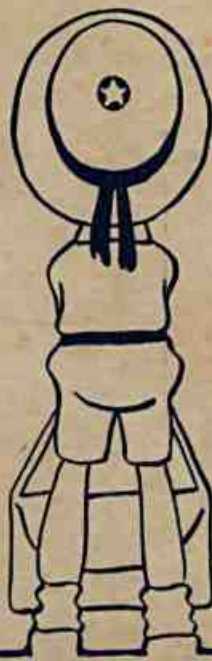
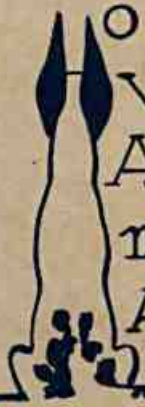
Preço 4$000

Pelo correio 4$500

LEITURA PARA TODOS
o melhor
magazine mensal
o texto mais variado
As gravuras mais bellas
A impressão mais nitida

ALMANACH DO TICO-TICO

BOAS FESTAS, GENTIS LEITORES!

Eis, de novo, o *Almanach d'O Tico-Tico*. A captivante gentileza, o bom acolhimento, as confortadoras palavras com que nos distinguem, todos os annos, os nossos queridos leitores, animaram-nos á confecção do *Almanach* para 1920, não medindo sacrificios, não parando ante impecilhos creados pela alta de todos os artigos necessarios á feitura de publicações como esta. E a nossa dedicação, cremos, terá a recompensa por nós almejada: — o agradecimento dos nossos leitores pelas horas de prazer e de recreio espiritual que as paginas deste *Almanach* irão proporcionar-lhes.

E' nosso desejo que o anno de 1920 seja para os leitores do *Almanach* de ventura incessante e que, cada uma das historias, dos contos, dos brinquedos, dos passatempos que figuram nestas paginas sirva para recrear-lhes o espirito e recordar-lhes que o mundo, a vida futura, pertencem aos que têm instrucção, aos que aprendem e sabem tirar proveito das lições e dos conselhos que lhes são dados na infancia, indicando-lhes o caminho do dever e do saber, unica estrada por onde o homem deve seguir para vencer na vida.

Aproveitem, pois, caros leitores, o anno que se vae iniciar em constantes estudos e nunca se esqueçam de que cada anno que passa torna mais proxima a época em que as creanças terão de caminhar e conduzir-se por si mesmas.

São estes os votos que fazemos aos leitores ao começar o anno de 1920.

CREANÇAS FELIZES

Livres dos males do peito!

São creanças que tomaram

Peitoral Marinho

que cura qualquer

TOSSE	DORES NO PEITO	CALAFRIOS
FALTA DE AR	GRIPPE	ROUQUIDÃO
CATARRHO	COQUELUCHE	INFLUENZA
DEFLUXO	ASTHMA	RESFRIAMENTOS
CORYSA	DORES NOS OUVIDOS	CONSTIPAÇÕES
	DORES NA GARGANTA	

A' VENDA EM TODA A PARTE

Deposito: - Rua Sete de Setembro, n. 186 - Rio

AOS SRS. CHEFES DE FAMILIA!

O MENINO FERNANDO

Rua de Sant'Anna n. 61, nesta Capital

Curado de grandes espinhas.

MENINA AMELIA

Rua do Pilar, 77 — Bahia

Curada de coceiras e tumores por todo o corpo.

MENINO JOSE'

Residente em Accioly, Espirito Santo

Curado de coceira pertinaz e corpo todo chagado.

MENINO OSWALDO

MENINO SILVIO

MENINO JOSE'

Residentes em Iudayassú — Estado do Rio — Todos tres curados de sarnas.

O ELIXIR DE NOGUEIRA

é o remedio contra todas as molestias provenientes do sangue impuro. mais afamado da America do Sul

A' venda em toda parte. — PERFUMARIA SILVA — Rua do Theatro n. 9 — Rio

CURIOSIDADES

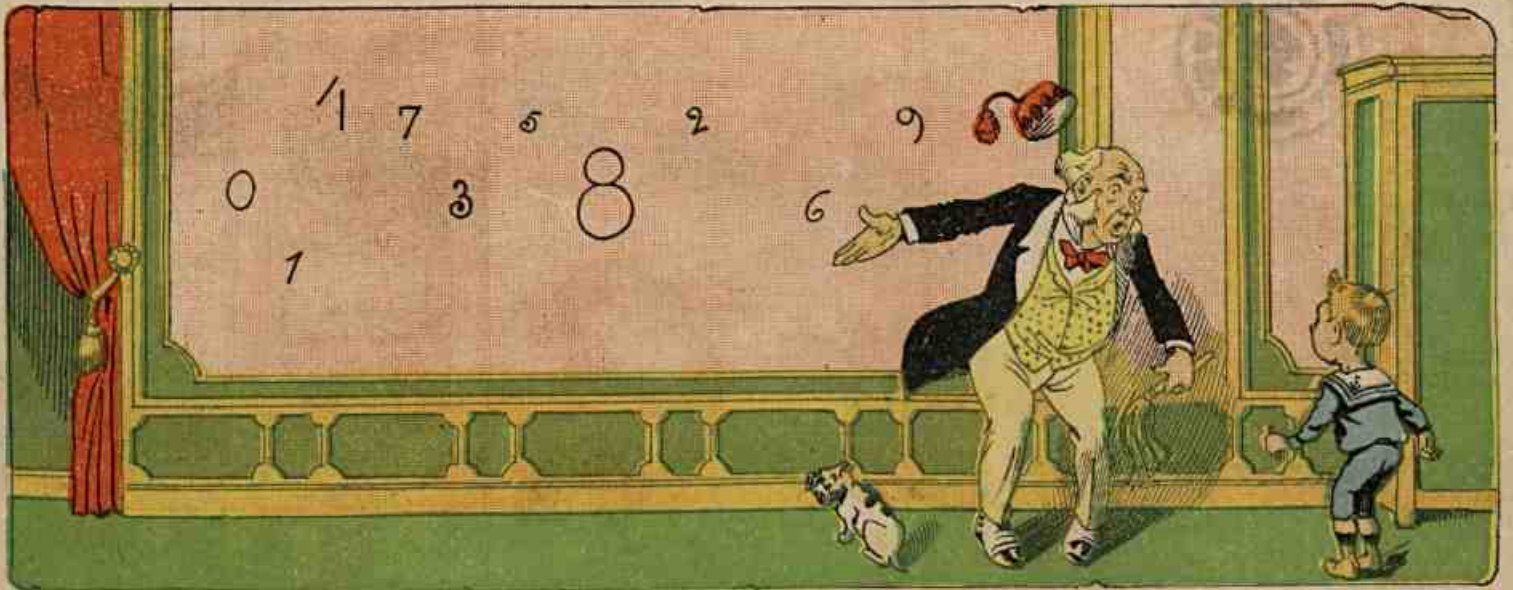
As minas de ouro na China

Nos tempos antigos explorava-se na China grande numero de minas de ouro e de prata. De facto, não ha uma só das provincias do ex-Celeste Imperio que não possúa metaes preciosos. Mas as partes facilmente accessiveis exgottaram-se afinal pelo trabalho de muitos seculos.

Os operarios foram obrigados, como nas outras partes o mundo, a descer ao interior da terra. Tinham de combater as inundações e os deslocamentos de gazes mephiticos e não podiam fazel-o, por estarem pouco adeantados na arte de extrahir as aguas e desconhecerem os processos de ventilação. Attribuiam qualquer desastre á colera dos Fen-Shin, genios infernaes que estavam irritados por ver que os homens despojavam a terra dos seus thesouros.

A' colera desses genios attribuiam tambem a peste e os tremores de terra. Por isso, no fim do seculo XIV, um dos ultimos imperadores da dynastia dos Shun publicou um decreto prohibindo, sob pena de morte, a exploração das minas.

Entretanto, toleraram-se os trabalhos superficiaes em algumas provincias; e por causa das despezas da guerra com a França, o governo imperial de Pekin comprehendeu a necessidade de augmentar os recursos do thesouro e arriscou-se a arrostar a colera dos genios. Li-Hun-Chang e o principe de Kung resolveram abrir de novo as minas importantes situadas nas proximidades de Cheefou, cidade consideravel do Chantong, que é uma provincia celebre, por ter nascido nella Confucio, o legislador chinez, ha dois mil e quatrocentos annos.

A MANIA DO ARCHIMEDES

Archimedes, filho do sabio Dr. Algebra, não podia passar deante de um muro ou de uma parede, sem que escrevesse nelles uma série de numeros.

Essas disposições para a mathematica eram a felicidade do pae de Archimedes e seriam tambem seu orgulho se, algumas vezes, não fosse obrigado a chamar...

...o celebre pintor Dr. Pincel para disfarçar habilmente, sob uma pintura graciosa, os algarismos rabiscados no muro pelo joven Archimedes.

O PAU DE SEBO

Na praça de uma feira installaram um páu de sebo para os animaes, que o cercaram, alegres e cobiçosos, cada qual almejando os lindos brinquêdos e gulodices que estavam ao alto.

Convidaram o macaco a subir em primeiro logar, mas este declinou do convite e da honra: — Não, não, meus amigos, eu subirei em ultimo logar.

A vacca então resolveu-se a subir. Coitada, nem chegara a meio do caminho: despencara-se ao chão, no meio da risada geral dos outros animaes.

O porco disse: — Eu sou mais agil e chegarei mais depressa. Pouco mais do que a vacca subiu e cahiu tambem, causando hilaridade.

A cabra experimentou subir e chegou até ao alto e embora se dependurasse pelos chifres, não conseguiu apanhar nenhum dos premios.

Chegou a vez do macaco que, num minuto, apanhou todos os premios, justa recompensa da sua agilidade e da delicadeza com que se houvera com os demais bichos.

CONSEQUENCIAS DE UMA DESOBEDIENCIA

O pae de Roberto muitas vezes o prohibira de soltar seus cães de caça. Mas o menino era desobediente e seu maior prazer, contrariando as recommendações paternas, era soltar os cães caçadores e introduzil-os...

...no gallinheiro para perseguirem as gallinhas e os marrecos indefesos. Um dia, os paes de Roberto sahiram e o menino, vendo-se só, teve logo idéa de soltar os cães e dar com elles um pas-

...seio pela estrada. Assim fez, tendo antes amarrado á colleira de cada um dos cães uma corda.

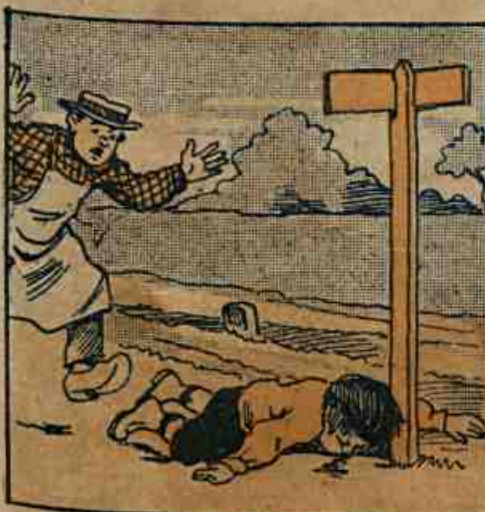
Guiados pelo travesso menino, iam os cães passo a passo quando, de repente...

...apparece uma lebre. Os cães lançam-se immediatamente a perseguil-a. Na estrada achava-se um carrinho de mão do jardineiro. Roberto salta para o carro e eil-o sempre a guiar os cães, que seguem a lebre.

Bruscamente, o animal perseguido abandona a estrada e os cães passam um á direita e outro á esquerda de um poste indicador.

Junto ao poste havia uma grande pedra contra...

...a qual esbarrou o carrinho, fazendo com que Roberto batesse violentamente com a testa no poste.

O choque foi terrivel e Roberto cahiu ensanguentado e sem sentidos. O jardineiro,...

...que vira o accidente, correu para acudir ao desobediente menino. Levantando-o do chão, o solicito jardineiro conduziu Roberto á casa de seus paes...

...no proprio carrinho de que o menino tão desastradamente se apoderara para levar a effeito sua travessura. Roberto, que foi obrigado a...

...guardar o leito durante muitos dias, aproveitou bem a dura lição do castigo, pois é hoje um menino obediente, docil e muito estudioso.

OS ANIMAES NA ESCOLA
Numa escola de meninas, a professora mais de uma vez, dissera: — Não quero que tragam animaes para a aula! Perturbam a ordem!,
Numa manhã, porém, Suzanna chegou á escola com um lindo gatinho preto. A professora viu-o e mandou que Suzanna voltasse á casa para deixar o animal.
As alumnas, no entanto, supplicam: — Deixe-o ficar! E' tão bonito! E as meninas estão quasi em revolta. A professora cede.
Tres dias depois, Marietta chega á escola com um cãosinho, Velludo. Todas as collegas approximam-se, fazem circulo, para admirar o cãosinho.
ABCD
Chega a professora: — Já disse, não quero animaes aqui! As alumnas, porém, falam, pedem, supplicam: — Não é justo mandar embora o cãosinho, tendo consentido ficar o gato! Ante tal replica, a professora cedeu mais uma vez.
No dia seguite, Rosa recebeu de presente um bello carneiro branco como a neve e resolveu leval-o á escola para que as amiguinhas o vissem.
Foi um successo! Todos os alumnos achavam lindo o carneiro, que trazia ao pescoço, á moda de gravata, gracioso laço de fita. A professora, porém, não se conformou desta vez com as reclamações: foi chamar a directora.
Esta chega e, com a maior energia, prohibe de uma vez para sempre que as meninas venham para o collegio com animaes. Mal acabára a directora de falar, eis que surge á porta da...
...aula um tigre, que fugira do Jardim zoologico e ali fôra ter, attrahido, sem duvida, pelo...
...cheiro do carneiro. De um salto, a fera precipita-se sobre o carneirinho, cravando-lhe no dorso as agudas presas. Desde então os alumnos não levaram mais animaes para a aula e prestaram mais attenção ás lições.

DY-NA-MO-GE-NOL

QUI LÉMEDIO GOTOSO!

E ainda pu cima dá saúde, força e vigor!

O Dynamogenol é de resultados surprehendentes nos seguintes casos:

ANEMIA	**BRONCHITES CHRONICAS**	**MAGREZA**
FADIGA CEREBRAL		**DORES DE CABEÇA**
NERVOSO	**PALLIDEZ**	**FALTA DE APPETITE**
VERTIGENS	**CONVALESCENÇA**	**FRAQUEZA GERAL**

A' venda em toda parte — Deposito: Rua 7 de Setembro, 186 — Rio

Grindelia
Por que não hei de estar contente si tomei o XAROPE GRINDELIA de Oliveira Junior e já não tenho mais tosse?
GRINDELIA cura molestias do peito, influenza, asthma e bronchite. A' venda em toda parte.
Depositarios: Araujo Freitas & Cia.—Ourives, 88—Rio

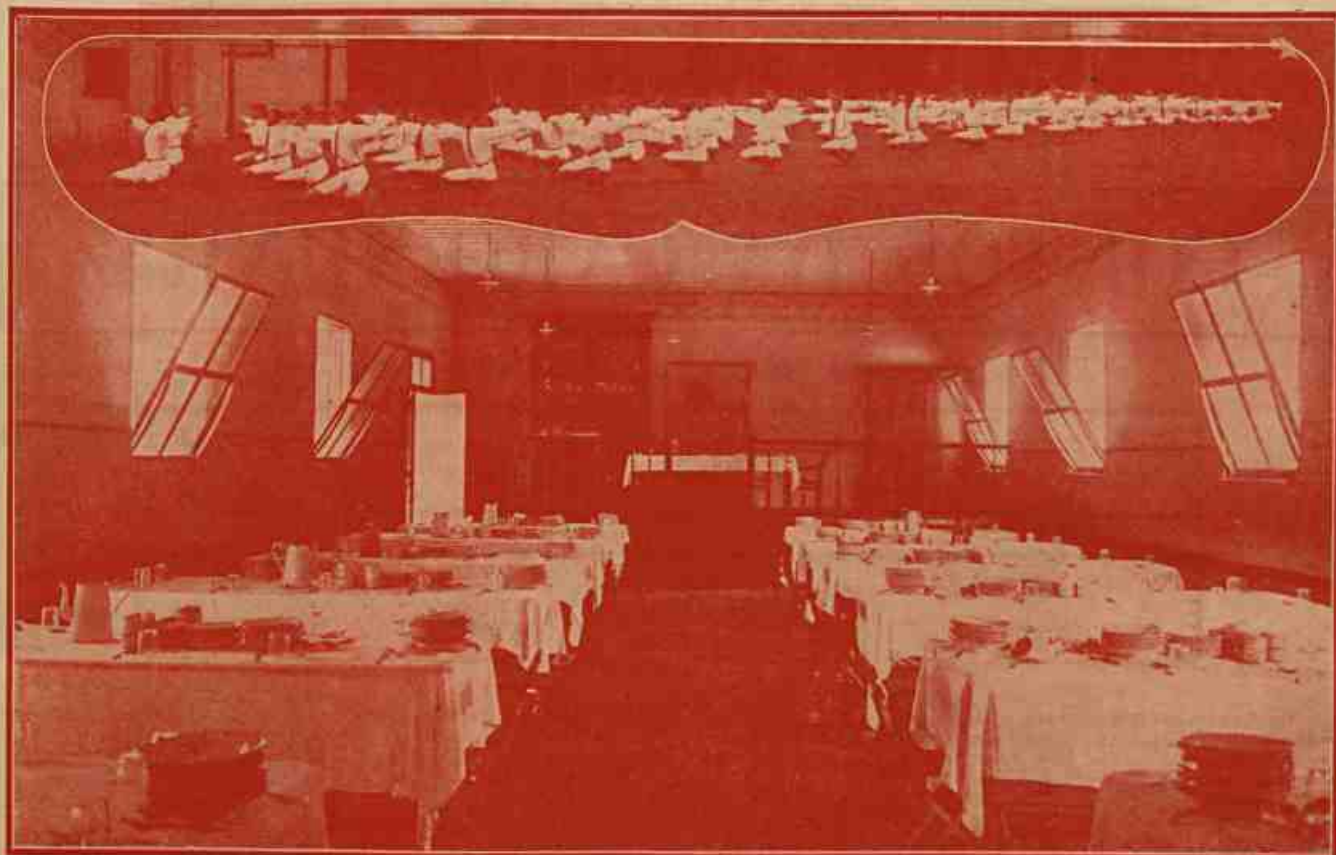
O progresso da instrucção em S. Paulo

O notavel estabelecimento de ensino que é o Gymnasio Anglo-Brasileiro

Edificio principal do Gymnasio Anglo-Brasileiro de S. Paulo, vendo-se no medalhão o seu director Sr. J. T. W. Sadler.

Torna-se desnecessario encarecer a importancia do ensino em S. Paulo, quer publico quer particular. O grão de desenvolvimento attingido pela instrucção publica do grande Estado é o attestado patente de que não só as iniciativas governamentaes como as particulares são acoroçoadas pelo publico intelligente e activo.

A grande preoccupação do paulista é o bom collegio para os filhos e entre os melhores e mais conceituados conta-se o Gymnasio Anglo-Brasileiro, fundado em 1899 pelo emerito educador Sr. Charles Armstrong. Transferindo-se este grande pedagogo para o Gymnasio Anglo-Brasileiro desta Capital, passou ao cargo de director geral do estabelecimento de S. Paulo o seu vice-director Sr. J. T. W. Sadler. O Mr. Sadler que é um espirito

Um grupo de alumnos

A turma dos maiores exercitando-se e um aspecto do refeitorio.

culto, formado pela tradicional Universidade de Oxford, veio desde 1903 exercendo as funcções de vice-director passando a director em 1911, seguindo as pégadas do seu antecessor e companheiro Sr. Armstrong.

O Gymnasio Anglo-Brasileiro de S. Paulo é vastamente conhecido em todo o Brasil, ha mais de 20 annos. Passa, actualmente pelos seus bancos a segunda geração que ali obtem uma instrucção e uma educação genuinamente ingleza, tanto moral como physica e intellectual, guiada por educadores inglezes formados pelas Universidades de Oxford e Cambridge.

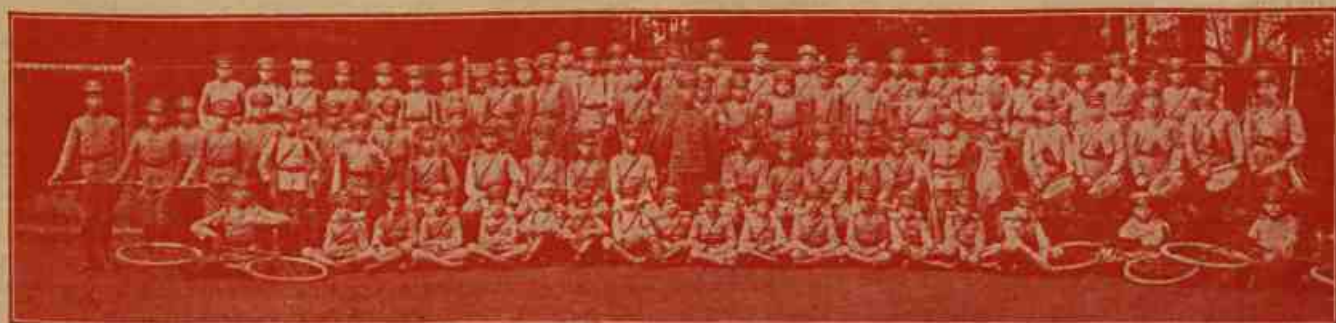
Os alumnos são divididos por idades, com rigorosa vigilancia e disciplina.

Os sports e a cultura physica dos alumnos têm por mestre um professor formado pela Sociedade Real de Copenhague.

Nas noites de domingos e feriados, são frequentemente realisadas sessões cinematographicas, organisadas de sorte a que se ligue o ensino com a sã diversão. Assim são, então, exhibidas, ao lado de fitas que se relacionam com o estudo da geographia, de historia universal ou de historia natural, outras representando contos, alguns alegres, mirando todas tambem em dar aos alumnos proveitosas lições de moral. Além de tudo, os alumnos se exercitam na arte de escrever no orgam mensal do Gymnasio *O Ensaio*, jornal bem feito e bem impresso.

Em summa é impossivel descrever minuciosamente o que seja o Gymnasio Anglo-Brasileiro de S. Paulo.

O seu edificio é amplo, confortavel, com salas de aulas, dormitorios e refeitorios esplendidos.

Todos os paes que queiram informações mais minuciosas podem se dirigir á séde, em S. Paulo, á rua Vergueiro, 390-392 solicitando prospectos e albuns que gentilmente lhe serão enviados.

O batalhão escolar do Gymnasio Anglo-Brasileiro de S. Paulo.

A LIVRARIA QUARESMA

Acaba de publicar em Paris (em riquissima edição)

CONTOS DA CAROCHINHA

LIVRO PARA CREANÇAS = Decima oitava edição

Contendo uma escolhida collecção de sessenta e um contos populares, moraes e proveitosos de varios paizes.

Um grosso volume encadernado, de 424 paginas, cheio de estampas coloridas —finissimos chromos a oito cores e centenas de estampas em preto 5$000

Os **Contos da Carochinha,** que acabamos de publicar, são essas historias que todos nós ouvimos em pequeninos, contadas por nossas mães, por nossos avós e velhos parentes, e que sabem todas as creanças de todos os paizes. Escriptos em linguagem facil, como convém ás creanças, os **Contos da Carochinha** formam um livro valioso, um livro eterno, porque no Brasil até hoje nada se tem publicado que o iguale; elles são eternos, datam de seculos ; e seculos e seculos durarão ainda.

A's mães de familia, aos educadores e ao povo em geral, recommendamos este precioso livro, unico que póde guiar as creanças no caminho do bem e da virtude, alegrando e divertindo ao mesmo tempo.

Indice dos contos — Os tres cães, A bella e a féra, A gata borralheira, O Barba Azul, O gato de botas, Chapelinho vermelho, A varinha de Condão, A moura torta, João bobo, O pequeno Polegar, O patetinha, Branca como a neve, João e Maria, Jacques e seus companheiros, Os dous avarentos, Cocota ou a menina desobediente, O perigo da fortuna, Os tres presentes da fada, A perseverança, A justiça de Carlos Magno, A guarnição da fortaleza, A briga difficil, O tocador de Violino, Os onze irmãos da princeza, O rei dos metaes, O rabbino piedoso, A igreja de Falster, A lenda da montanha, O frade e o passarinho, O ratinho reconhecido, Os seis companheiros, O anachoreta, O vaso de lagrimas, Os meninos vadios, O pintasilgo, A fina Alice, Os pêcegos, Jacques e o pé de feijão, Os dous caminhos, O castello de Kisnat, O irmão e a irmã, A cathedral do rei, Os infortunios do alfaiate João, As tres gallinhas, O urso e a carriça e outros.

Aviso—Prevenimos ao publico que quando haja de comprar os **Contos da Carochinha,** exija sempre a **decima oitava edição da livraria Quaresma**—é um grosso volume de 424 paginas, bem encadernado, com finissimos chromos a oito côres e centenas de estampas em preto — trabalho luxuosamente executado em Paris, propositalmente feito para premios collegiaes e tambem para os paes presentearem aos filhos ; os padrinhos aos afilhados ; os tios aos sobrinhos ; os amigos aos filhos de seus amigos, etc., etc., nos anniversarios natalicios, dias festivos, em que a alegria invade todos os corações.

Historia do Arco da Velha—Livro para creanças, contendo esplendida collecção dos mais celebres contos populares, moraes e proveitosos de varios paizes, alguns traduzidos dos irmãos Grimm, Perrault, Andersen, Madame d'Aulnoy, etc., e outros recolhido directamente da tradição oral, por Viriato Padilha.

Um grosso volume, ricamente impresso e encardenado, em Paris, de 504 paginas, cheio de finissimos chromos a oito côres e com centenas de estampas em preto .. .. 8$000

Historias da Baratinha—Livro para creanças, contendo setenta esplendidos e novos contos infantis, dos mais celebres conhecidos e apreciados — fantasticos, moraes, tristes e alegres — todos elles moralissimos.

Um grosso volume, ricamente encadernado e impresso em Paris, enriquecido com 14 lindissimos chromos, a côres, e centenas de estampas a preto .. .. 7$000

Historia da Avósinha—Livro para creanças — contendo cincoenta das mais celebres, divinas e lindas historias, moraes e piedosas, todas differentes das que se acham nos **Contos da Carochinha,** nas **Historias do Arco da Velha** e nas **Historias da Baratinha.**

Um colossal volume encadernado, com cerca de 400 paginas e illustrado com 131 gravuras, desenhadas pelo genial artista Julião Machado .. .. 5$000

Historias Brasileiras — para creanças, bellissima collecção de 25 contos em prosa e verso, colhidos directamente dos acontecimentos mais notaveis da historia do Brasil, por Tycho Brahe

Um elegante volume, encadernado .. .. 2$000

O castigo de um anjo — livro para creanças — E' um conto do grande escriptor russo, o sabio philosopho, o santo varão, Léon Tolstoi.

Um volume encadernado .. .. 2$000

Os meus brinquedos — Livro para creanças — contendo populares cantigas do berço ; centenas de jogos e brinquedos usados por meninos e meninas de todas as idades nos collegios, nas chacaras, nos pateos e até nas ruas, tudo isso acompanhado de centenas de gravuras explicativas.

Um grosso volume, ricamente impresso e encadernado em Paris, com bellissimas estampas .. .. .. 5$000

Theatro Infantil — Livro para creanças — contendo: scenas comicas, monologos, dialogos, comedias, dramas, tragedias, melodramas, operetas, etc., etc., desde um só personagem, até 30. As peças que esta obra encerra podem ser representadas em qualquer logar — seja em theatrinho, em sala ou ao ar livre.

Um grosso volume encadernado, contendo 34 peças escolhidas .. .. 5$000

Album das creanças — Livro para creanças, escolhida collecção das mais formosas poesias para creanças, escriptas e colleccionadas de todos os escriptores brasileiros e portuguezes, todas proprias para serem recitadas por creanças, em festas collegiaes, anniversarios natalicios, festejos familiares, etc., etc.

Um grosso volume encadernado .. .. 4$000

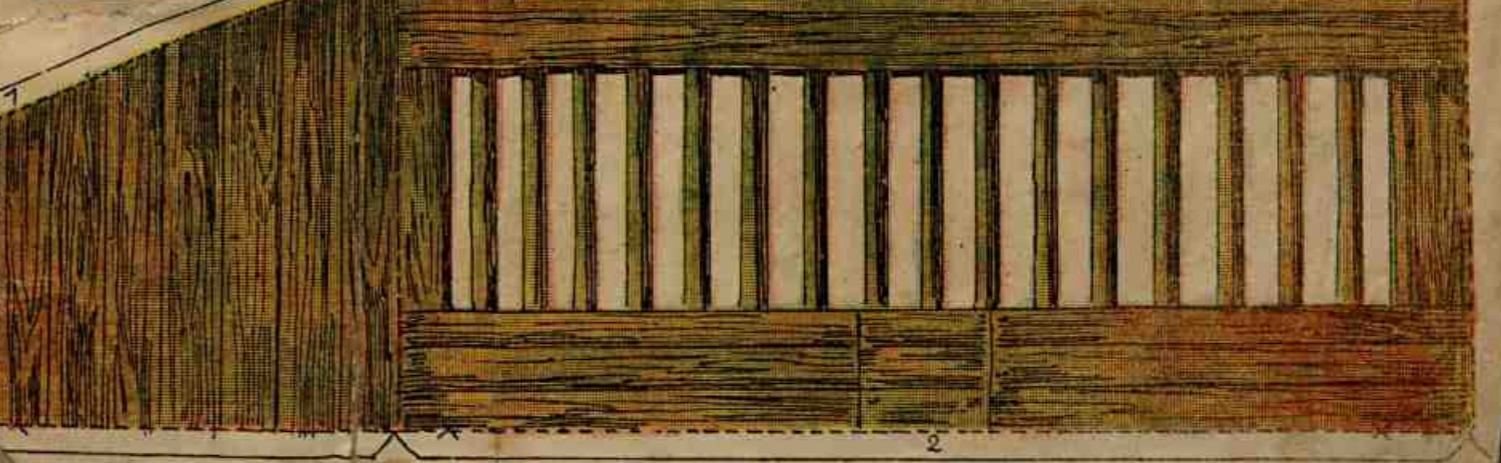
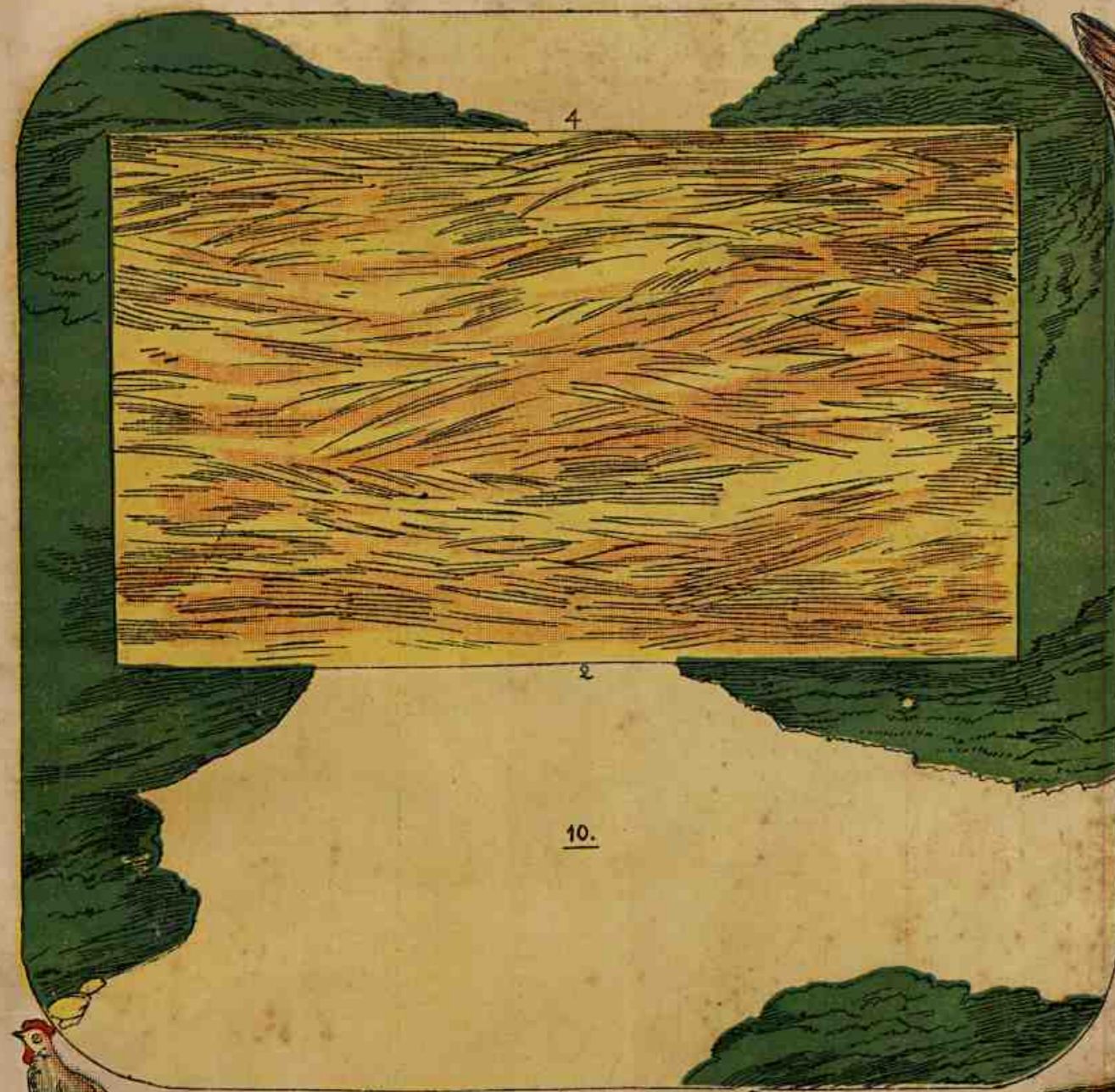
A Livraria Quaresma remette para o interior, com a maxima brevidade possivel e livre de despezas com o Correio, qualquer livro deste annuncio, bastando tão sómente enviar a sua importancia em dinheiro e em carta registrada, com o valor declarado e dirigida a PEDRO DA SILVA QUARESMA, **RUA DE S. JOSE' 71** e **73** — RIO DE JANEIRO.

Vende-se em todo o mundo!

Deposito Geral:

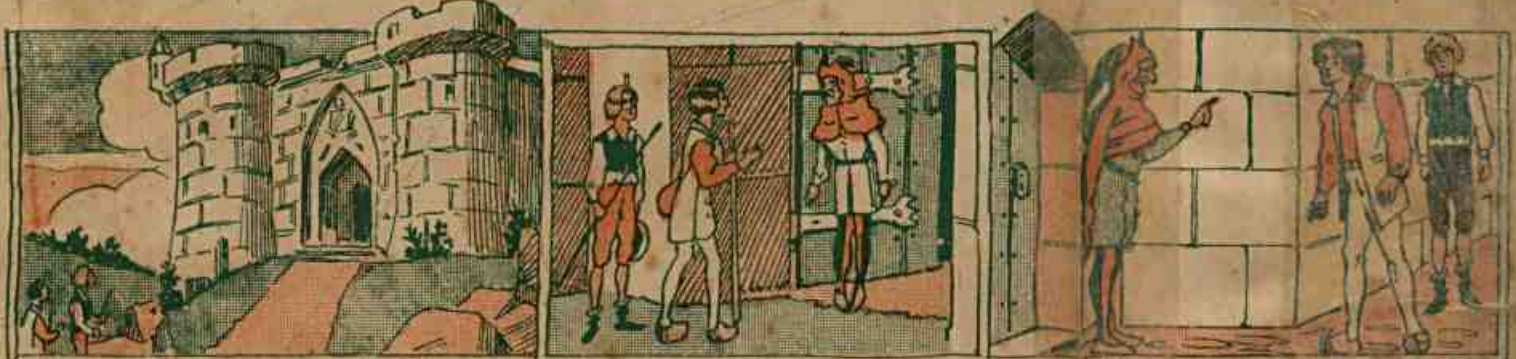
CASA GASPAR — Praça Tiradentes, 18

Rio de Janeiro

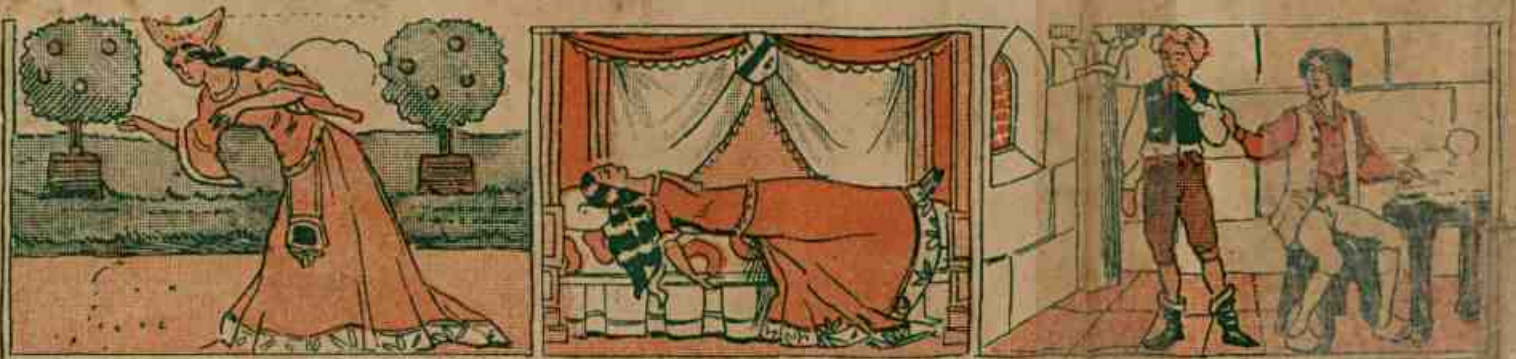
Pagina de armar – O GALLINHEIRO
(Vejam explicação no texto)
10.
Tecto

TODO O BEM TEM RECOMPENSA

Pedro e Paulo, apezar de serem irmãos, tinham genios completamente differentes. Tanto Pedro tinha de bom quanto Paulo de mão. Ambos partiram um dia de casa em busca de trabalho.

No caminho encontraram um formigueiro, deante do qual pararam. Paulo, levantando o pé, hia destruil-o quando Pedro segunrando-o pelo braço, exclamou : — Para que vaes fazer mal a estes bichinhos ? Sabes se elles um dia prestar-te-ão algum serviço ?

— Prestarem algum serviço ? As formigas ? Ora essa !... — respondeu Paulo, que, dando de hombros, continuou a andar sem dizer palavra. Caminharam por muito tempo até que chegaram...

... á porta de um velho castello que parecia estar deshabitado. Como tivessem fome, pois no caminho não encontraram hotel algum, os rapazes resolveram bater á porta do castello.

Um vellinho veiu abrir-lhes a porta, perguntando o que queriam. — Temos fome, meu bom velho, e se quizesses dar-nos comida...

— Direi — respondeu o velho — mas previno-os de que transpondo o limiar desta porta sereis submettidos a bem dura prova ! — Qual será ? — perguntaram logo os dois irmãos.

— E' a seguinte : a condessa Luciana, a castellã, possuia um collar de perolas preciosas, dispostas num fio de seda, que se arrebentou. As perolas cahiram ao chão, uma a uma e nunca mais foram encontradas. A condessa recebeu por isso tão grande abalo...

... que desmaiou e até então, não voltou a si. Muitas pessoas têm vindo ao castello e procurado encontrar as perolas, que tirarão a condessa da lethargia em que se encontra. Nada conseguiram e pagaram com a vida tal tentativa.

— Que achas ? — perguntou Paulo, dirigindo-se ao irmão. — Acho que devemos comer ! — respondeu Pedro, encaminhando-se logo para uma mesa. Depois veremos...

Estavam sentados desde algum tempo, vigiados pelo velhinho, quando de repente, Pedro sentiu uma ligeira ferroada na mão. Olhou e ia matar o bichinho que o mordera, quando reconheceu a rainha das formigas.

— Que fazes aqui ? — perguntou elle. — Salvaste do qual pararam. Paulo, levantando o pé, ia se destruido. Aqui estou, com alguns milhares de formigas, para ajudar-te a procurar as perolas do collar da condessa.

— E acreditas poder encontral-as ? — Porque não ? — respondeu a formiga. E as formigas, sob a direcção da rainha, puzeram mãos á obra e encontraram todas as perolas. A castellã accordou do longo somno. Pedro e Paulo, foram generosamente recompensados e [illegible] a gratidão das formigas.

O NARIZ EXTENSIVEL

Filho do Raio, chefe dos *pelles vermelhas*, passeia a cavallo pelas planicies de seus dominios e de repente, descobre, lá longe, um ser extranho.

Não é um buffalo, nem um veado : é um *rosto pallido*, e *Filho do Raio*, num galope celebre, chega junto do homem e desce do cavallo e olha-o com interesse.

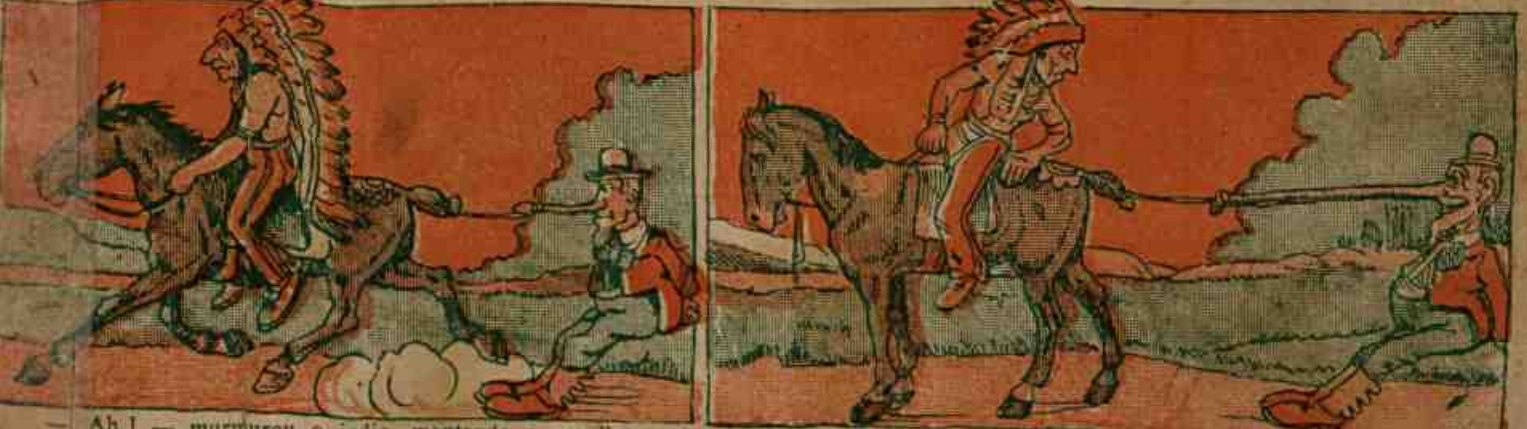
O desconhecido e um ser deveras bizarro, exotico mesmo. Entretanto, é um sabio, o naturalista *Crocodilo*, que anda á procura de uma especie rara de aranhas, que...

... vivem no Far-West e que possuem patas eguaes as do elephante. *Filho do Raio*, arregalou os grandes olhos, espantado. Retoma logo, porém, sua impossibilidade de grande chefe e pergunta...

— Com que direito ousas pisar a terra, onde repousam os ossos de meus sagrados avós ? *Crocodilo*, como resposta, aponta para a caixa de zinco, onde guarda insectos, procurando demonstrar...

... que era um naturalista. *Filho do Raio*, no entanto, soltou um grande grito de guerra, e *Crocodilo*, medroso, nervoso, atira á bocca do *pelle vermelha* a caixa dos insectos.

O chefe-indio, com a caixa presa á bocca, deu varios saltos no ar, com os punhos cerrados e os olhos esbugalhados. Quando a caixa cahiu-lhe da bocca, immediatamente...

... avançou para o naturalista e ligou-lhe as mãos ás costas. Depois, num requinte de crueldade, amarrou com uma corda o nariz de *Crocodilo* na cauda do cavallo. O indio escolhera o nariz, porque *Crocodilo* o tinha do tamanho de um melão.

— Ah ! — murmurou o indio, montando a cavallo — ousaste insultar-me, mas meus guerreiros levar-te-ão ao poste de torturas ! E pôz o cavallo á trote, acreditando arrastar sua victima pelo nariz.

De repente, o indio quasi morre de espanto : o naturalista não se movera, o nariz unicamente, acompanha o trote do cavallo, alongando-se, alongando-se... *Crocodilo* usava um nariz postiço de borracha.

1º MEZ | 31 DIAS

1—Quinta-feira — Circumcisão do Senhor — Confraternidade Universal — (Feriado Nacional).
2—Sexta-feira — Santo Isidro.
3—Sabbado — Santo Anthero.
4—**Domingo** — S. Gregorio.
5—Segunda-feira — S. Simeão.
6—Terça-feira — Santos Reis. S. Frederico. (Dia Santo).
7—Quarta-feira — S. Theodoro.
8—Quinta-feira — S. Lourenço.
9—Sexta-feira — S. Julião.
10—Sabbado — S. Gonçalo.
11—**Domingo** — S. Theodorico.
12—Segunda-feira — S. Satyro.
13—Terça-feira — Baptismo de Jesus.
14—Quarta-feira — S. Felix de Nóla.
15—Quinta-feira — S. Amaro.
16—Sexta-feira — S. Marcello.
17—Sabbado — S. Antão.
18—**Domingo** — Santa Prisca.
19—Segunda-feira — S. Canuto.
20—Terça-feira — S. Sebastião. Fundação da cidade do Rio de Janeiro. (Feriado Nacional).
21—Quarta-feira — Santa Ignez.
22—Quinta-feira — S. Vicente.
23—Sexta-feira — Desposorios de N. Senhora com S. José.
24—Sabbado — N. S. da Paz.
25—**Domingo** — Convenção de S. Paulo.
26—Segunda-feira — S. Polycarpo.
27—Terça-feira — S. João Chryzostomo.
28—Quarta-feira — S. Cyrillo.
29—Quinta-feira — Oração de N. Senhora.
30—Sexta-feira — Santa Martina.
31—Sabbado — S. Pedro Nolasco.

O nome de Janeiro vem de **Januarius**, em homenagem a **Janus**, deusa do lar e da patria. Signo, **Aquario**.

Jesus e as creanças

O Nazareno gostava muito das creanças e sempre que, em sua divina peregrinação, as encontrava, attrahia-as a si, affagando-as carinhosamente.

Achando-se em Cafarnaum, cidade da Galiléa, com os doze apostolos — Simão, Pedro, André, Thiago (filho de Zebedeu), João, Filippe, Bartholomeu, Thomé, Matheus (publicano), Thiago (filho de Alfeu), Judas, Thadeu, Simão Cananeu e Judas Iscarioti, e, vendo umas creanças que d'elle se approximavam para beijar-lhe a dextra, tomou um menino e, depois de abraçal-o, collocou-o no meio dos discipulos, dizendo-lhes:

— Se não vos converterdes e não vos tornardes semelhantes ás creanças, não entrareis no reino do céo. Todo aquelle que se humilhar e tornar-se pequeno como este menino, será dos maiores na morada celeste, e todo aquelle que acolher em meu nome uma creança como esta, a mim acolherá e igualmente a meu Pae, que está no Céo; o que, porém, escandalizar um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fôra que se lhe atassem ao pescoço uma mó de atafona e o atirassem ao fundo do mar.

Como alguns dos discipulos procurassem afastar as creanças de junto do Mestre, suppondo que ellas o incommodavam, observou-lhes elle:

— Deixae vir a mim os pequenos e tende todo cuidado em não desprezardes um destes meninos, pois declaro-vos que, no Céo, os anjos, incessantemente, estão vendo a face de meu Pae, que lá está e que não quer que pereça um só destes pequenos, que elle muito ama, como eu tambem os amo muito.

Devem, portanto, todas as creanças consagrar um grande amor a Jesus, educando-se nos ensinamentos christãos, conhecendo e cumprindo fielmente os dous grandes mandamentos do divino Rabbi, que são: — 1º, amar a Deus, de todo seu coração e de toda sua alma, com todo seu entendimento e com todas as suas forças, e o 2º, amar a seu proximo, seu igual, seu semelhante, como a si mesmo.

Para sermos felizes, conceituados e estimados, devemos, como nos ensina Renan, imitar, tomar por modelo aquelle que, sustentando sua doutrina, confirmando tudo que publicamente ensinára, falando sempre a verdade até o sacrificio da cruz, deu-nos o perfeito conhecimento do verdadeiro Deus, trazendo-nos a luz e transmittindo-nos a elevada moral que nos prescreve o culto á verdade, o amor e a caridade.

Tomemos por modelo, imitemos Jesus Christo, para sermos sempre felizes, gozarmos do melhor conceito e sermos bem estimados, — o que facilmente conseguiremos, amando muito o Divino Rabbi da Galiléa, que, para tanto dignificar-nos, deixou-se crucificar no Calvario, soffrendo morte affrontosa.

Juvenal Santos de Mello.

NOSSOS LEITORES

A galante Diva Rocha, residente nesta capital

O ladrão enganado

Um bondoso irmão capuchinho ia subindo o morro do seu convento, carregando as esmolas que tinha recebido nos arraiaes visinhos: eram legumes, pão e fructas que elle levava dentro de um sacco e algumas moedas para o concerto da igrejinha.

Já era tarde e, por isso, o irmão Jeronymo deixou a estrada e tomou um atalho para atravessar um matto espesso.

Mal entrou no matto, enfrentou-se com um ladrão de garrucha armada que lhe disse:

— O dinheiro ou a vida.

Em vão pediu o irmão que o "senhor ladrão" o deixasse ir, porque elle levava coisas sem valor: o sustento dos frades para aquelles dias.

O ladrão tomou-lhe o sacco e as moedas e ia embrenhar-se, quando o irmão lhe disse:

— Já que o senhor me fez o favor da vida, ha de fazer-me mais outro. Receio que no convento não acreditem que fui roubado; queira pois, varar-me o capuz com algumas balas, para ter uma prova.

O ladrão consentiu, deu dois tiros; o irmão examinou e disse:

FEVEREIRO

2º MEZ — **29 DIAS**

1—**Domingo** — Septuagesima — Santo Ignacio.
2—Segunda-feira — Purificação de N. Senhora. N. Senhora das Candêas.
3—Terça-feira — Santa Olivia.
4—Quarta-feira — Santo André.
5—Quinta-feira — Santa Agueda.
6—Sexta-feira — S. Amando.
7—Sabbado — S. Maximiano.
8—**Domingo** — S. Alfredo.
9—Segunda-feira — S. Cyrillo.
10—Terça-feira — S. Guilherme.
11—Quarta-feira — S. Adolpho.
12—Quinta-feira—S. Julião Hospitaleiro.
13—Sexta-feira — Santo Euphrisio.
14—Sabbado — S. Abrahão.
15—**Domingo** — Carnaval. Trasladação de S. Antonio de Lisboa.
16—Segunda-feira — Carnaval — Santo Onesino.
17—Terça-feira — Carnaval — S. Ausencio.
18—Quarta-feira — S. Marcello. Cinzas.
19—Quinta-feira — S. Conrado.
20—Sexta-feira — Santo Eleuterio.
21—Sabbado — São Felix de Metz.
22—**Domingo** — A cadeira de S. Pedro.
23—Segunda-feira — S. Lazaro.
24—Terça-feira — S. Pretextato — Promulgação da Constituição. (Feriado Nacional).
25—Quarta-feira — S. Cezario.
26—Quinta-feira — Santo Alexandre.
27—Sexta-feira — S. Leandro.
28—Sabbado — Trasladação de Santo Agostinho.
29—**Domingo** — S. Romão.

Os romanos consagravam este mez a **Neptuno,** deus do mar. De quatro em quatro annos, Fevereiro tem mais um dia, para pôr o calendario de accordo com o movimento da Terra. A Terra dá um giro completo em torno do Sol (que é o que se chama um anno), em 365 dias e 6 horas. Essas 6 horas que sobram dos 365 dias, sommam, no fim de quatro annos, 24 horas, isto é, um dia inteiro, que se accrescenta ao mez de Fevereiro. Chama-se ao anno em que Fevereiro tem 29 dias **Anno Bissexto. Signo, PEIXES.**

— São muito pequenos os buracos; dê mais alguns.

— O ladrão deu mais dois e disse que não tinha mais balas.

— Nem de outro calibre mais grosso não tem ?

— Não.

— Ah! patife, então é commigo. Pegou o ladrão surprehendido, derribou-o, e, depois de applicar-lhe uma boa sova, tomou o sacco e o dinheiro e continuou, alegre, seu caminho.

Maranhão.

Elias Zelaket Junior

Numa escola

O professor — Janjão !

O alumno — Prompto, seu "fessô !"

O professor — Que é um trimestre ?

O alumno — São tres mestres, seu "fessô !"

Philemon Lopes Amador.

Capital, 919.

O romper da aurora

Deslumbrante é o espectaculo do despontar da aurora !

O céo cobre-se de nuvens errantes, vermelhas, vivas e chammejantes, brilhantes estrellas fazem suas despedidas á manhã, para deixar apparecer no nascente o famoso Rei dos astros que, com seus bellos raios, como fios de ouro, vae banhar a terra e seccar o orvalho matutino que cessára de cahir, á noite, como perolas celestes, que se desprendem do firmamento. E' aos movimentos da brisa suave e placida que os passarinhos despertam nos ninhos collocados nas arvores copadas, e voam alegres e pressurosos, de galho em galho, a soltar melodiosos gorgeios, que se confundem com o canto incessante e longinquo dos gallos. E' ao surgir da aurora e ao doce influxo dos seus raios, que as rosas abrem os calices, para com a belleza magica de suas petalas e com o perfume que exhalam, ceder mais poesia á manhã.

As montanhas cheias de orvalho e atapetadas por espessas verduras; as campinas tão verdes e regadas pelas aguas encachoeiradas do rio, murmuram tudo quanto diz: — Poesia !

Ida Abrantes.

GALERIA INFANTIL

Miecio Araujo Jorge d'Honkis, leitor d'"O Tico-Tico", residente em S. Salvador, Bahia.

OS ESCOTEIROS

Uma tarde, estava eu na Avenida Tiradentes, á espera do bonde. Rufos de tambor e toques de corneta chamaram minha attenção. Sabeis o que annunciavam ?

Escoteiros, que surgiam da rua Florencio de Abreu.

Ao passarem na minha frente, tive occasião de examinal-os. A' vanguarda da longa fila, vinham os cyclistas, depois os tamborileiros e os corneteiros. Os outros marchavam atraz. Entre estes estava o porta-bandeira, que segurava com galhardia o querido symbolo da nossa Patria. Todos traziam ao pescoço o lenço roxo, demonstrando, assim, que pertenciam á Commissão Regional de Escoteiros da Luz. Depois, a um signal dado pelo instructor, entoaram uma bella canção:

Rataplan, do arrebol
Escoteiros vêde a luz ;
Rataplan, olhae o sol
Do Brasil que nos conduz

Era a canção dos Escoteiros de São Paulo.

E como eram afinadas as suas vozes !

Com que enthusiasmo e disciplina marchavam esses futuros servidores do Brasil !

E, á voz de "esquerda, volver", dobraram uma esquina, desapparecendo.

O bonde 39 chegava. Nelle tomei assento.

Ainda hoje tenho uma viva lembrança dessa formosa tarde de setembro.

Mlle. Queridinha

(S. Paulo).

MARÇO

3º MEZ — 31 DIAS

1—Segunda-feira — S. Adrião.
2—Terça-feira — S. Carlos.
3—Quarta-feira — S. Martinho.
4—Quinta-feira — S. Casemiro.
5—Sexta-feira — Santa Pulcheria.
6—Sabbado — Santa Colleta.
7—**Domingo** — S. Thomaz de Aquino.
8—Segunda-feira — S. João de Deus.
9—Terça-feira — S. Candido.
10—Quarta-feira — S. Militão e 39 companheiros.
11—Quinta-feira — S. Constantino.
12—Sexta-feira — Santo Eulogio.
13—Sabbado — S. Rodrigo.
14—**Domingo** — S. Leandro.
15—Segunda-feira — Santo Henrique.
16—Terça-feira — S. Cyriaco.
17—Quarta-feira — Santa Agricola.
18—Quinta-feira — O Archanjo Gabriel.
19—Sexta-feira — S. José.
20—Sabbado — S. Gilberto.
21—**Domingo** — S. Bento. Paixão.
22—Segunda-feira — S. Octaviano.
23—Terça-feira — S. Liberato.
24—Quarta-feira — S. Agapito.
25—Quinta-feira — Annunciação de N. Senhora.
26—Sexta-feira — S. Braulio.
27—Sabbado — Santo Alexandre.
28—**Domingo** — Santa Dorothéa. Ramos.
29—Segunda-feira — S. Victorino.
30—Terça-feira — S. João Climaco.
31—Quarta-feira — S. Benjamin. Trevas.

O mez de Março, que era consagrado a **Minerva**, era o primeiro mez do anno romano. Foi Romulo quem lhe deu o nome do deus **Marte. Signo, CARNEIRO.**

O Pavilhão Brasileiro

"...a bandeira que, em seu aspecto, symbolisa integralmente a patria."

A bandeira é o symbolo, a encarnação e a imagem da patria e, por isso, deve ser respeitada, venerada e querida.

A bandeira da minha patria, a bandeira do Brasil é uma das mais bellas e gloriosas do mundo.

Bella, pela sua fórma e significação; gloriosa, por nunca haver sido humilhada e representar um paiz jámais aviltado, cuja historia é uma pagina repleta de factos incomparaveis, onde se destacam nomes de bravos como Henrique Dias, André Vidal de Negreiros, Antonio Felippe Camarão, Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes, Manoel Luiz Osorio — marquez do Herval, Luiz Alves de Lima e Silva — duque de Caxias, José Antonio Corrêa da Camara — visconde de Pelotas, Joaquim José Ignacio — visconde de Inhaúma, Marcilio Dias e Francisco Manoel Barroso — barão do Amazonas.

O estandarte, cuja fórma foi concebida por Benjamin Constant de Magalhães, um dos fundadores da nossa Republica, tem a fórma quadrangular.

Um losango amarello sobre campo verde, com uma esphera azul no centro, atravessada por uma cinta branca, curva, que significa o rio Amazonas — o mais caudaloso estuario do planeta, com a inscripção — Ordem e Progresso; no globo azul estão dispostas vinte e uma estrellas — o aspecto do firmamento em 15 de Novembro de 1889, reproduzido á tona dum lago.

O dia quinze d'aquelle anno, como todos sabem, foi aquelle em que o marechal Manoel Deodoro da Fonseca proclamou a Republica do Brasil.

As vinte e uma estrellas designam os nossos vinte Estados e o Districto Federal.

O "verde, da côr da esperança, é a perpetua mocidade da nossa terra e a perpetua meiguice das ondas mansas, que se espreguiçam sobre as nossas praias".

ALBUM DA INFANCIA

Carlos Ferreira, de dois annos de edade, residente nesta capital.

O "ouro é o sol, que nos alimenta e nos excita, pae das nossas seáras e dos nossos sonhos, nome da fartura e do amor, fonte inexgotavel do alento e da belleza".

O "azul é o céo, que nos abençôa, inundado de soalheiras offuscantes, de luares magicos e de enxames de estrellas".

E o "Cruzeiro do Sul é a nossa historia: as nossas tradições e a nossa confiança, as nossas saudades e as nossas ambições; viu a terra desconhecida e a terra descoberta, o nascer do povo indeciso, a inquieta alvorada da Patria, o soffrimento das horas difficeis e o delirio dos dias de victoria; para elle, para o seu fulgor divino, ascenderam, numa escalada anciosa, quatro seculos de beijos e de preces; e, pelos seculos em fóra, irão para elle a veneração commovida e o culto fetichista das multidões de brasileiros que hão de viver e de lutar!"

A viração dessa flammula encantadora, que representa a nossa nacionalidade, traz-nos a recordação da guerra contra os hollandezes, as campanhas do Uruguay e Paraguay e muitos outros feitos heroicos, dos quaes todos os brasileiros podem ufanar-se!

Manáos.

Julio Sobreira Lima Filho.

DICCIONARIO DE FANTASIA

Prata — Rio, que é metal precioso.
Jacintho — Homem, que está nos jardins.
Tigre — Rio, que é animal feroz.
Carvalho — Planta, que é sobrenome.
Victoria — Ilha, que é nome de mulher.
Machado — Sobrenome, que os lenheiros usam.
Gavião — Ave, que é sobrenome.
Lima — Fructa, que é cidade.
Coelho — Animal, que é sobrenome.
Governador — Ilha, que governa.
Mar — Serra, que tem agua.
Angelica — Mulher, que vive nos jardins.
Branco — Rio, que não é preto.
Norte — Mar, que é ponto cardeal.
Carneiro — Animal, que é sobrenome.
Agulhas—Cabo, que as mulheres usam
Nelson — Rio, que é nome.
Trindade — Ilha, que é sobrenome.

Eusilio Siviero (S. Paulo)

E esta?

Que é que tu és? "Bipede", "Quadrumano" ou "Quadrupede"?

— Sou "Quadrumano".

— Por que?

— Porque tenho quatro manos!...

Philemon Lopes Amador.

ABRIL

4° MEZ — 30 DIAS

1—Quinta-feira — S. Hugo. Endoenças.
2—Sexta-feira — S. Francisco de Paula. Paixão e Morte de N. Senhor Jesus Christo.
3—Sabbado — S. Pancracio. Allelula.
4—**Domingo** — S. Ambrosio. Paschoa.
5—Segunda-feira — S. Geraldo.
6—Terça-feira — S. Celestino.
7—Quarta-feira — Santo Epiphanio.
8—Quinta-feira — Santo Amancio.
9—Sexta-feira — S. Marcello.
10—Sabbado — S. Terencio.
11—**Domingo** — Santo Isaac. Paschoela.
12—Segunda-feira — S. Constantino.
13—Terça-feira — S. Justino.
14—Quarta-feira — S. Lamberto.
15—Quinta-feira — S. Basilio.
16—Sexta-feira — S. Fructuoso.
17—Sabbado — Santo Aniceto.
18—**Domingo** — Santo Appolonio.
19—Segunda-feira — S. Jorge.
20—Terça-feira — N. Senhora dos Prazeres.
21—Quarta-feira — S. Anselmo. Tiradentes. (Feriado Nacional).
22—Quinta-feira — S. Leonidas.
23—Sexta-feira — S. Fortunato.
24—Sabbado — S. Alexandre.
25—**Domingo** — S. Marcos. Patrocinio de S. José.
26—Segunda-feira — S. Cleto.
27—Terça-feira — S. Toribio.
28—Quarta-feira — S. Didymo.
29—Quinta-feira — S. Hugo.
30—Sexta-feira — Santo Eutropio.

Este mez era consagrado pelos romanos a **Venus**. Seu nome parece derivar de **Aperire** (abrir), porque nesta época do anno, a Terra como que se abre para nos communicar as suas naturaes abundancias. Commemora-se neste mez, Tiradentes, appellido do alferes José Joaquim da Silva Xavier, que tentou promover uma revolução em Minas Geraes para livrar o Brasil do dominio portuguez e proclamar a Republica. Denunciado por um trahidor, foi preso e enforcado no campo de manobras do Rio de Janeiro, em 1792. **Signo, TOURO.**

O menino egoista

Uma tarde de inverno, ao pé do fogão, o pae de Luiz lia alto em um livro: "Os meninos egoistas não são amados por ninguem".

— Papá, pergunta Luiz, o que quer dizer egoista ?

— E' um vil menino, que quer tudo para si e nada para os outros.

Quando eu era pequeno como tu, havia, na escola que eu frequentava, um menino chamado Arthur.

Este menino trazia quasi sempre para seu "lunch" balas e grandes peras; mostrava-as a todos, porém, não as dava a ninguem.

Nunca emprestava siquer uma penna a seu collega.

A' hora do recreio queria sempre ser o senhor; era preciso fazer tudo o que elle queria.

Por fim, todos os seus camaradas viravam-lhe as costas e ninguem queria mais brincar com elle. Tornou-se odiado por todos.

Sabes agora tu, meu filho, o que é um menino egoista ?

Oh ! sim, papae, eu não serei mais egoista, porque eu quero ser amado por vós e por todos.

Maria Izabel M.

(Traducção).

Num exame

O examinador — Quem foi que descobriu o Brasil ?

O examinando — Foi Pedro Alvares Cabral.

O examinador — Em que anno ?

O examinando — No anno em que chegou aqui.

Philemon Lopes Amador.

Capital, 1919.

A TEIMA

Viviam no mesmo aprisco, entre montanhas alterosas e cobertas de mattos, dous gentis cabritos, chamados Barbinha-branca e Barbinha-preta. Viviam juntos, e, de vez em quando, sahiam juntos para desfolhar as hervinhas frescas dos pastos montanhezes. Mas, tambem, de vez em quando iam brigando entre si e tão teimosos eram, que nenhum queria ceder, sinão depois de experimentar o páo do pastor.

Um dia, por diversos caminhos, vieram pastando ao longo dos atalhos ingremes de duas montanhas oppostas. E chegaram a uma prancha suspensa, sobre um barranco estreito e profundo. Ambos avançaram sobre a prancha para transpôr o barranco. Mas, chegados ao meio, não havia logar para ambos e não podiam apartar-se para passar.

— "Volta atraz — disse Barbinha-branca, com um ballido. Eu quero passar para o outro lado.

— Não, disse Barbinha-preta, primeiro hei de passar eu.

— Para traz — repetiu Barbinha-branca, abaixando a cabeça.

— Não ! Não ! — respondeu Barbinha-preta, dando um golpe com os chifres.

E começaram a marrar raivosamente um contra o outro, mais raivosos que nunca. Mas a prancha era estreita e o exercicio perigoso ; os dois cabritos perderam o equilibrio e precipitaram-se no abysmo.

Assim, Barbinha-branca e Barbinha preta pagaram com a vida a sua teima.

R. F. Culon.

(Traducção).

GALERIA DA INFANCIA

A galante Cacilda Cardoso Aguiar, leitora d'O Tico-Tico.

Cousas impossiveis

Uma lavadeira lavar roupa num "tank" de guerra.

Prender um cão com uma corrente d'agua.

Tomar um trem numa estação do anno.

Obturar um dente de alho.

Um oculista tratar de um "olho" de azeite.

Fazer gymnastica numa barra de sabão.

Comer um jornal empastelado.

Representar no theatro uma peça de relogio.

Enfiar o annel de Saturno no dedo.

Argentino Muniz

MAIO

5º MEZ — 31 DIAS

1—Sabbado — S. Amador. Festa do Trabalho.
2—**Domingo** — S. Athanasio. Maternidade de N. Senhora.
3—Segunda-feira — S. Juvenal. Anniversario do Descobrimento do Brasil. (Feriado).
4—Terça-feira — S. Floriano.
5—Quarta-feira — Convenção de N. Agostinho.
6—Quinta-feira — Santa Judith.
7—Sexta-feira — N. S. do Resgate.
8—Sabbado — S. Victor.
9—**Domingo** — S. Gregorio Nanziazeno.
10—Segunda-feira — S. Aureliano. Ladainhas.
11—Terça-feira — Santo Anastacio. Ladainhas.
12—Quarta-feira — S. Nereu. Ladainhas.
13—Quinta-feira — N. S. dos Martyres. Abolição da escravidão do Brasil — Ascenção.
14—Sexta-feira — S. Bonifacio.
15—Sabbado — S. Isidro.
16—**Domingo** — Santo Honorio.
17—Segunda-feira — S. Paschoal.
18—Terça-feira — S. Eurico.
19—Quarta-feira — S. Cyriaco.
20—Quinta-feira — S. Bernardino de Sena.
21—Sexta-feira — S. Marcos.
22—Sabbado — S. Romão.
23—**Domingo** — S. Basilio. Espirito Santo.
24—Segunda-feira — N. S. Auxiliadora.
25—Terça-feira — S. Bonifacio.
26—Quarta-feira — Santo Agostinho.
27—Quinta-feira — Santo Olivio.
28 — Sexta-feira — S. Germano.
29—Sabbado — S. Procopio.
30—**Domingo** — Santa Emilia. Santissima Trindade.
31—Segunda-feira — Santa Petronilha.

Este mez era consagrado pelos romanos a **Apollo**. Foi-lhe dado o seu nome em honra dos velhos (**Maiusa Majoribus**). Era o terceiro mez do anno romano.

A abolição da escravatura foi um dos actos mais importantes da nossa historia. No Brasil não havia gente de côr, a não serem os indios. Mas alguns negociantes portuguezes tiveram a idéa de ir á Africa buscar negros selvagens, que traziam prisioneiros e que vendiam como escravos. Desde que o Brasil fez sua independencia, tratou logo de acabar com esse mal, que se tornava cada vez maior, porque os pretos que nasciam aqui, filhos dos primeiros escravos, eram tambem escravos. Foi o senador Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara quem fez a primeira lei atacando a escravidão. Esse illustre estadista prohibiu que trouxessem mais pretos para o Brasil. Em 28 de setembro, o visconde do Rio Branco fez a lei, declarando livres os filhos de escravos, que nascessem d'alli por deante. Em 13 de maio de 1888 foi assignada pela princeza Izabel a lei da abolição elaborada pelo conselheiro João Alfredo e apresentada ao parlamento pelo conselheiro Antonio da Silva Prado, acabando totalmente com a escravidão. (1888). Mez de Maria. **Signo, GEMEOS.**

Fragmentos...

A' intelligente Abigail Barbosa.

...É sempre o mesmo canto, como um impulso de prece extrema, se ouvia pela calada das noites, quando tudo era silencio e tristeza, quando a lua muito pallida se mirava vaidosa nas aguas azuladas do lago transparente...

...Havia um quê de mysterioso no seu rythmo ; muitas vezes era repassado de uma agonia pungente e o canto parecia se extinguir, mas logo renascia com o mesmo sentimentalismo, a mesma insaciabilidade...

...E era como uma prece quasi este canto mysterioso — écho da saudade indestructivel que se fazia ouvir d'além onde o lago na sua superficie azul, espelhava as estrellas risonhas do céo !...

....

...Numa noite de brumas glaciaes, sem luar, sem aromas de flores desabrochadas, em que petalas murchas de rosas eburneas rolavam açoitadas pela brisa, sobre a neve da estrada jazia o corpo esguio de uma mulher, em cujas faces maceradas via-se o sulco indelevel das lagrimas... sublime sulco a divinizar-lhe o soffrimento...

...Fôra mãe... o amor pelo filho ingrato a enlouquecera...

...Tantas noites em vão junto ao lago, que lembrava o seu saudoso olhar, ella ia lhe cantar a saudade do coração fragmentisado, com o olhar fixo nos horizontes, no lado em que elle se fôra...

...O frio d'aquella noite a matara. Ninguem a chorava, nem o filho que se fôra para tão longe, num gesto de supremo abandono ; ella ia para a densa escuridão d'um tumulo, desconhecida, esquecida, tão mysteriosa, tão isolada, como fôra em vida o seu coração exangue...

....

...E nunca mais se ouviu o canto na calada das noites... o psalmo materno do coração despedaçado...

...Mas no silencio nostalgico das noites enluaradas, todos se lembram daquelle canto mysterioso ; todos se recordam do appello de saudade, que a incognita e desventurada louca, num sentimento incomprehendido entoava á borda daquelle lago azul, chamando o filho ingrato que se fôra ! ! !...

(Meyer) *NAIR FONSECA*

NOSSOS LEITORES

A graciosa Guinara de Moraes, residente em Santos, fantasiada de Primavera *no Carnaval de 1919*

Nossas paginas de armar

O JOGO DA ESTRELLA

Os elementos deste jogo que illustra as paginas do nosso *Almanach* são muito simples ; compõem-se de dois dados, um copo de papelão, tentos para marcar e o quadro colorido.

No circulo do centro cada um põe o que joga, um ou dois tentos. Desses circulos partem os raios da estrella, que são doze — dois verdes e os restantes amarellos.

Em torno ha varias casinhas quadradas ; umas contêm apenas numeros, outras contêm numeros dentro de pequenas estrellas. Cada uma dessas pequenas estrellas corresponde á ponta de um dos raios da estrella grande.

Podem jogar de duas até dez pessoas. Cada um escolhe um marcador de forma ou cor differente que não se possa confundir com os tentos dos adversarios.

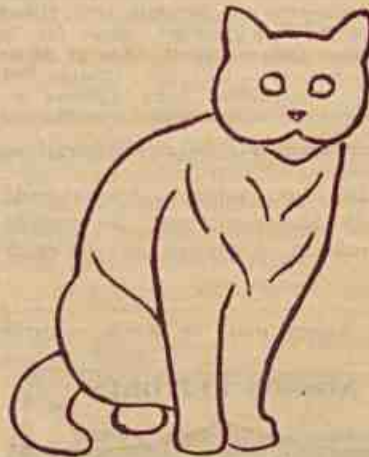
Collocados os tentos que cada qual arrisca no circulo central, o que começa colloca um marcador na estrella n. 72 e atira os dados, se lhe sahir um dos numeros collocados entre a estrella n. 72 e a de n. 7, que fica no canto seguinte, isto é, se lhe sahir um dos numeros 3, 6, 4 ou 5, collocará seu marcador em uma dessas casinhas; se lhe sahir o numero 7 pulará para a estrella seguinte, que tem o n. 7. Se não lhe sahir nenhum desses numeros ficará com o marcador onde estava e caberá a outro a vez de jogar. Assim por diante até dar volta a todo o quadro, chegando á casinha n. 3, que está junto á estrella n. 72.

JUNHO

6º MEZ — 30 DIAS

1—Terça-feira — S. Fortunato.
2—Quarta-feira — Santo Erasmo.
3—Quinta-feira — Corpo de Deus.
4—Sexta-feira — Santa Saturnina.
5—Sabbado — S. Bonifacio.
6—**Domingo** — S. Claudio.
7—Segunda-feira — S. Gilberto.
8—Terça-feira — S. Severino.
9—Quarta-feira — S. Paulo da Cruz.
10—Quinta-feira — Santa Margarida.
11—Sexta-feira — Coração de Jesus — Batalha Naval do Riachuelo.
12—Sabbado — Santo Adolpho.
13—**Domingo** — Santo Antonio de Lisboa e de Padua.
14—Segunda-feira — S. Basilio Magno.
15—Terça-feira — S. Modesto.
16—Quarta-feira — N. S. do Soccorro.
17—Quinta-feira — Santo Anatolio.
18—Sexta-feira — S. Marcellino.
19—Sabbado — S. Gervasio.
20—**Domingo** — S. Macario.
21—Segunda-feira — S. Luiz Gonzaga.
22—Terça-feira — S. Paulino.
23—Quarta-feira — Santa Aggripina.
24—Quinta-feira — S. João Baptista.
25—Sexta-feira — S. Guilherme.
26—Sabbado — Santo Antelmo.
27—**Domingo** — Pureza de N. Senhora — Santo Adelino.
28—Segunda-feira — Santo Irineu.
29—Terça-feira — S. Pedro e São Paulo, apostolos.
30—Quarta-feira — S. Marçal.

Este mez era consagrado pelos romanos a **Mercurio**. O seu nome deriva-se de **Juno** ou de **Junio-Bruto**. Era o quarto mez do anno romano. Commemora-se no dia 11 deste mez a memoravel batalha naval do Riachuelo, na qual o almirante Barroso elevou bem alto, á victoria, o pavilhão do Brasil. **Signo, CARANGUEIJO.**

DO SIMPLES PARA O COMPOSTO

Partindo dos mais simples traços, como os da figura I, os nossos leitores conseguirão, com alguma paciencia, já se vê, desenhar um gato.

A lande e a abobora

(Fabula de Lafontaine)

Tudo Deus fez bem. Sem ir buscar provas por esse mundo além, sem ir mais longe, acho-as na abobora.

Contemplava um rustico a delgadeza do talo de uma aboboreira, e parecendo-lhe muito desproporcionado á grandeza do fructo, dizia:

— Em que pensava o Autor da natureza ao fazer isto?... Vejam onde foi dependurar a abobora!...

Por vida minha que, se fosse eu, pendurava-a de uma dessas azinheiras. E que bem ficaria ella!... Tal fructo, tal arvore, para quem proporcionasse as cousas!...

Ora, é pena que Pastrano não entrasse nos conselhos eternos...

— Se eu votasse no conclave primeiro, de que o cura falou no seu sermão, continuou elle, certo que tudo iria melhor: pois, por exemplo, uma lande, que não avulta mais que o dedo minimo, assentava bem melhor nesta aboboreira. Nisto, é certo, que o Creador deu cincas. Quanto mais considero nestes fructos collocados assim, mais me convenço de que houve *qui-pro-quó*.

Embebido nestas considerações, havendo dado tratos á cachóla, precisou repousar o talentaço e deitou-se a dormir, precisamente, debaixo de uma enzinha. Eis que uma lande destaca-se lá de cima e tomba: pagou-o o nariz do dorminhoco, que, acordando e levando as mãos á cara, encontrou ainda a lande embaraçada nos cabellos da barba.

A dor do piparote e o sangue que lhe escorria do nariz fez-lhe mudar a linguagem.

— E que seria, exclamou então, si em vez de uma lande, cahisse lá de cima uma abobora? !... Deus que o não quiz teve razão, sem duvida. Agora é que eu atino com o chiste do mysterio.

E, dando graças a Deus pelo bem que fizera tudo, voltou á sua casa o rustico.

T. C. P.

* * *

Ha mais verdade nos labios de um innocente do que nos livros do homem mais sapiente.

* * *

Diccionario de Fantasia

Pato — Lagôa, que é ave.
Leão — Animal, que é sobrenome.
Serra — Montanha, que é instrumento de carpinteiro.
Carneiro — Sobrenome, que é animal.
Cascavel — Cobra, que é cidade.
Portugal — Sobrenome, que é paiz.
Vianna — Lagôa, que é sobrenome.

7º MEZ — 31 DIAS

1—Quinta-feira — S. Simeão.
2—Sexta-feira — Visitação de Nossa Senhora.
3—Sabbado — S. Jacintho.
4—**Domingo** — Santa Isabel, Rainha de Portugal.
5—Segunda-feira — Santo Athanasio.
6—Terça-feira — Santa Angela.
7—Quarta-feira — S. Firmino.
8—Quinta-feira — S. Procopio.
9—Sexta-feira — Santa Veronica.
10—Sabbado — S. Januario e seus companheiros.
11—**Domingo** — N. S. do Patrocinio.
12—Segunda-feira — S. Nabor.
13—Terça-feira — Santo Anacleto.
14—Quarta-feira — S. Boaventura. (Tomada da Bastilha). Feriado Nacional.
15—Quinta-feira — Santo Henrique.
16—Sexta-feira — N. S. do Carmo.
17—Sabbado — Santo Aleixo.
18—**Domingo** — Santo Arnaldo.
19—Segunda-feira — S. Vicente de Paula.
20—Terça-feira — Santo Elias.
21—Quarta-feira — S. Claudio.
22—Quinta-feira — S. Platão.
23—Sexta-feira — S. Liborio.
24—Sabbado — S. Bernardo.
25—**Domingo** — Sant'Anna, Mãe de Nossa Senhora.
26—Segunda-feira — S. Olympio.
27—Terça-feira — S. Mauro.
28—Quarta-feira — S. Celso.
29—Quinta-feira — S. Olavo.
30—Sexta-feira — Santo Abdão.
31—Sabbado — Santo Ignacio de Loyola.

Este mez era consagrado a **Jupiter.** Seu nome deriva de **Julius Cesar,** o reformador do calendario romano. Tinha, primitivamente, o nome de **Quintilis,** por ser o 5º mez do anno no calendario de Romulo; a Bastilha era uma fortaleza de Paris que servia de prisão. O rei e seus ministros tinham o direito de mandar para ali qualquer pessoa, sem processo. De modo que os fidalgos e o proprio rei se serviam disso para vinganças particulares. No dia 14 de Julho de 1788 o povo de Paris, revoltado pelas injustiças do monarcha, atacou a Bastilha, arrazando-a. Essa data é por isso festejada em todos os paizes republicanos como a primeira victoria do povo contra o despotismo. **Signo LEÃO.**

NOSSOS LEITORES

O gentil Geraldo Paulino, nosso amiguinho, residente em Campinas.

Uma chacara

NA Tijuca ha muitas chacaras, grandes e espaçosas, e foi numa dellas que entramos hontem á tarde. Ficamos deslumbrados ante as innumeras maravilhas que a nossa vista devorou.

Vimos de um lado e doutro grande numero de arvores fructiferas, dos galhos das quaes pendiam maçãs, figos, laranjas, sapotis e grande numero de abacates. Tambem tivemos occasião de apreciar as roseiras, cravinas e jasmineiros, que exhalavam perfumes inebriantes. Das parreiras pendiam uvas maduras e saborosas ; as goiabeiras estavam totalmente carregadas, e no cimo de uma palmeira um passarinho cantava, saudando o pôr do sol.

Mais além avistámos um pequenino lago, em cujas aguas crystalinas um cysne se banhava. A brisa que corria mansa agitava lentamente as arvores, suavizando um pouco o calor que fazia. No fundo da chacara um bonito Terra Nova fazia guarda, e nos avistando ladrou demoradamente. Um grupo de gallinhas mariscava alegremente, emquanto um gallo de pennas douradas cantava, saudando o fim da tarde. Por fim, cançados, nos sentámos á beira de um regato, que murmurava a sua eterna canção.

Sentados apreciámos os cravos, as saudades, as boninas e as papoulas, que vicejantes encantavam a nossa vista. O céo estava azul como um manto de seda ; nem uma nuvem se via no espaço, porém ao alto a primeira estrella brilhou annunciando o fim da tarde. Um bando de passaros retardatarios cortou o espaço e perdeu-se na escuridão da noite. Vimos que a noite era chegada e por isso retiramo-nos com saudades de tão bello passeio.

CYRO BLUCK

Segunda-feira é o dia do descanso dos gregos, equivalente ao nosso domingo ; terça-feira é o dos persas ; quarta-feira era o dos antigos assyrios ; quinta-feira o dos egypcios ; sexta-feira o dos turcos e sabbado o dos judeus.

A CIGARRA E A MOSCA

— O' cigarra, vê se deixas
Noite e dia de cantar,
Pois vem chegando o inverno
E tu tens de trabalhar !

— O' mosca má, desgraçada,
Que tens tu commigo, imiga ?
Quando chegar o inverno
Valer-me-á a formiga !

JOSÉ RAMOS

PERGUNTAS DE CREANÇA

— Mamã, o que é o ceu ?

— E' um logar muito bonito, muito lindo, ondeando de estrellas pelos ares, eternamente claro...

— Ora, mamã ! Então lá não existem cinematographos ?

GALERIA INFANTIL

Celida Soares, nossa gentil leitora

O AGOSTO O

8º MEZ — 31 DIAS

1—**Domingo** — S. Leoncio.
2—Segunda-feira — N. S. dos Anjos.
3—Terça-feira — S. Cassiano.
4—Quarta-feira — S. Domingos.
5—Quinta-feira — N. S. das Neves.
6—Sexta-feira — Transfiguração do Senhor.
7—Sabbado — S. Alberto.
8—**Domingo** — S. Cyriaco.
9—Segunda-feira — S. Romão.
10—Terça-feira — S. Lourenço.
11—Quarta-feira — Santa Suzana.
12—Quinta-feira — Santa Clara.
13—Sexta-feira — Santa Aquila.
14—Sabbado — N. S. da Boa Morte.
15—**Domingo** — Assumpção de Nossa Senhora.
16—Segunda-feira — S. Roque.
17—Terça-feira — S. Juliano.
18—Quinta-feira — S. Firmino.
19—Quinta-feira — S. Magno.
20—Sexta-feira — S. Samuel.
21—Sabbado — Santa Umbelina.
22—**Domingo** — S. Joaquim, Pae de Nossa Senhora.
23—Segunda-feira — S. Donato.
24—Terça-feira — S. Bartholomeu.
25—Quarta-feira — S. Luiz, Rei de França.
26—Quinta-feira — S. Zeferino.
27—Sexta-feira — S. José de Calazans.
28—Sabbado — Santo Agostinho.
29—**Domingo** — Degolação de S. João Baptista.
30—Segunda-feira — S. Fiacrio.
31—Terça-feira — S. Cecidio.

Este mez era consagrado a **Ceres,** deusa da fartura. Seu nome vem de **Augusto,** imperador romano, que o compôz de 31 dias. Anteriormente, era chamado **Sextilis,** por ser o sexto mez do anno romano. **Signo, VIRGEM.**

Aventuras de um alfinete

ESTANDO uma agulha e um alfinete, espetados na mesma almofada, narram um ao outro suas aventuras.

O alfinete, achando que a agulha era creatura á qual podia contar seus segredos, começou a descrever-lhe sua vida :

— Estive muito tempo em uma gaveta empoeirada de certa loja. Os mezes que lá passei foram longos e insipidos. Em meados de uma primavera, appareceu no armarinho, para comprar alfinetes, uma dama, que, pela voz, julguei de fino trato. Sr. Ambrosio, o caixeiro, deu-lhe alguns ; fiquei muito triste, quando vi que não ia com meus companheiros, mas logo transformou-se o desespero em esperança, ao vêr que a moça pediu outros mais.

Cumulo da sorte : fui entre elles!

Chegando á casa, minha nova dona depositou-nos em uma almofadinha côr de rosa, bordada a fita. Passei um dia agradabillissimo repousado em tão fino leito. Que deleite, respirar-se o ar puro e aromatizado, após ter-se passado varios mezes em gaveta coberta de pó !

A' noitinha, minha nova dona preparou-se muito bem, e, pelo traje, conclui que ia a algum baile.

O vestido era de seda "grénat", os sapatos de setim e tinha entre, os cabellos, uma fileira de perolas.

Entrou em magnifica carruagem, mas depois desceu para collocar, á cintura, um ramalhete de hortencias, as quaes foram presas por mim.

Ao chegar ao baile, minha senhora, fazendo um volteio, despregou-me do vestido. Fui procurado, porém foram baldados os esforços.

A' hora de ir para o collegio, um menino achou-me, e collocou-me na gravata.

No recreio, espetou os condiscipulos, poz rabos na guardiã, collou ditos improprios nas costas do professor, e fui eu quem o auxiliei nas suas diabruras.

Sendo descoberto, foi severamente castigado e ficou sem o direito de possuir-me.

O professor levou-me para casa e, depois de depositar-me na gaveta da machina de sua esposa, contou a essa o que se tinha passado na escola.

E' por isso, minha amiga, que nossa dona tem certa predilecção commigo e faz o possivel para não me perder.

Comadre agulha, quizera, extinguir os meus dias nesta casa, na qual tenho passado os dias tão socegado !

Conta-me tua historia, comadre agulha !

A agulha começou a narrar-lhe sua vida, mas eu não posso descrevel-a, pois nesse momento mamãe chama-me para ir á escola.

Isso tudo fôra um sonho.

EDITH DE OLIVEIRA E SILVA

GALERIA DA INFANCIA

Didema do Amaral Martins, graciosa leitora d'O Tico-Tico, residente em Piracicaba, S. Paulo.

Em regra geral, todos os quadrupedes, ao andar, fazem-o diagonalmente, movendo o pé dianteiro de um lado e o pé trazeiro do opposto, como se póde observar em qualquer animal domestico quando anda devagar. Pettigrew fez notar que, observando de alto um gato, o movimento da sua espinha dorsal assemelha-se ao movimento de uma serpente ou ao de uma enguia. Só o urso, o elephante, a girafa e o camelo andam de outra maneira. Estes animaes movem alternativamente os dois pés de um mesmo lado do corpo e os dois do outro.

O succo dos cogumelos é um bom remedio contra o veneno da vibora, segundo diz um eminente homem de sciencia. Accrescenta este, que todos os cogumelos têm uma substancia que opera como poderosa anti-toxina.

SETEMBRO

9º MEZ — 30 DIAS

1—Quarta-feira — S. Constancio.
2—Quinta-feira — N. S. da Penha.
3—Sexta-feira — Santa Dorothéa. N. S. da Consolação.
4—Sabbado — Santa Rosalia.
5—**Domingo** — S. Bertino.
6—Segunda-feira — S. Zacarias.
7—Terça-feira — S. Anastacio. (Independencia do Brasil). Feriado Nacional.
8—Quarta-feira — Natividade de Nossa Senhora.
9—Quinta-feira — S. Sergio.
10—Sexta-feira — Santa Pulcheria.
11—Sabbado — S. Didimo.
12—**Domingo** — Santo Coração de Maria.
13—Segunda-feira — Santo Amado.
14—Terça-feira — Exaltação de Sant' Cruz.
15—Quarta-feira — N. S. das Dôres.
16—Quinta-feira — Santa Edith.
17—Sexta-feira — S. Flocello.
18—Sabbado — S. José Cupertino.
19—**Domingo — As dôres de N. Senhora.**
20—Segunda-feira — Santo Eustachio. (Lei organica do Districto Federal)
21—Terça-feira — S. Matheus.
22— Quarta-feira — S. Thomaz.
23—Quinta-feira — S. Lino.
24—Sexta-feira — N. S. das Mercês.
25—Sabbado — Santo Herculano.
26—**Domingo** — S. Cypriano.
27—Segunda-feira — S. Terencio.
28—Terça-feira — S. Wenceslão.
29—Quarta-feira — S. Miguel Archanjo.
30—Quinta-feira — S. Leopardo.

Este mez foi consagrado a **Vulcano.** O seu nome provêm do latim **September**, 7º mez do anno romano. Foi denominado em diversas épocas **Tiberius, Germanicus, Antonius** e **Herculeus.** Commemora-se a 7 deste mez a independencia do Brasil, proclamada por D. Pedro I, noscampos do Ypiranga, em São Paulo, em 1822. No dia 20, feriado municipal, commemora-se a promulgação da lei organica do Districto Federal. **Signo. BALANÇA.**

NOSSO ALBUM

A gentil Idealina Ferreira, filha do Sr. Lino Ferreira e nossa leitora.

ALBUM DE NOSSOS LEITORES

A graciosa Maria da Conceição Martins, assignante d'O Tico-Tico e residente em Santa Rita de Caldas.

PRIMEIRA COMMUNHÃO

A graciosa Alda Nieves, residente em Santa Maria da Bocca do Monte, Rio Grande do Sul.

QUEM QUER VAE...

Ao meu primo Luiz Carlos Cardoso de Castro.

O dia amanhecera esplendido. Sob o azul do céo espalhavam-se nuvens alvas, formando montes na atmosphera.

Accordei cedo naquelle dia e fui gosar a brisa fresca da manhã no jardim, sem me lembrar do meu lindo canario belga.

Minha mãe lembrou-me : filho, trata do teu passaro.

Eu, porém, sem me incommodar com o conselho, encarreguei a creada de tratar e parti para a Escola.

Não soceguei um instante: atormentava-me a idéa de que o meu bello canario estava morrendo, e, debalde, procurei esquecel-o.

O relogio bateu 3 horas e a sineta retinou, annunciando a sahida dos alumnos.

Assim que cheguei em casa corri a ver o canario, achando-o agonizante.

Apanhei a gaiola; nem uma gotta d'agua, nem um grão de alpiste; enchi o comedouro e o bebedouro; o passaro não fazia caso; apanhei-o e dei-lhe agua pelo biquinho; dei-lhe alpiste, mas o pobresito não engulia; dahi a algum tempo estava morto. Corri a annunciar á mamãe e ella respondeu-me : filho, não ouviste o meu conselho; certifica-te que é certo e mais que certo, o dictado : "quem quer vae, quem não quer manda".

Desde esse dia, nunca mais ouvi o cantar de um canario, sem que não me viesse á mente a lembrança do meu queridinho.

GELSON CARDOSO

OUTUBRO

10º MEZ — **31 DIAS**

1—Sexta-feira — S. Verissimo.
2—Sabbado — Santos Anjos da Guarda.
3—**Domingo** — N. S. do Rosario.
4—Segunda-feira — S. Francisco de Assis.
5—Terça-feira — S. Placido.
6—Quarta-feira — Santa Fé.
7—Quinta-feira — Santa Justina de Padua.
8—Sexta-feira — Santa Brigida.
9—Sabbado — S. Abrahão.
10—**Domingo** — S. Francisco de Borja.
11—Segunda-feira — S. Firmino.
12—Terça-feira — S. Serafim. (Descoberta da America). Feriado Nacional.
13—Quarta-feira — S. Daniel.
14—Quinta-feira — S. Calixto.
15—Sexta-feira — S. Severo.
16—Sabbado — S. Florentino.
17—**Domingo** — N. S. dos Remedios.
18—Segunda-feira — S. Justo.
19—Terça-feira — S. Pedro de Alcantara.
20— Quarta-feira — S. Feliciano.
21—**Domingo** — Santa Lucilia.
22—Sexta-feira — Santa Maria Salomé.
23—Sabbado — S. Pedro Paschoal.
24—**Domingo** — S. Raphael.
25—Segunda-feira — S. Crisantho.
26—Terça-feira — S. Evaristo.
27—Quarta-feira — Santa Cristella.
28—Quinta-feira — S. Simão.
29—Sexta-feira — S. Feliciano.
30—Sabbado — S. Angelo.
31—**Domingo** — Santa Lucilia.

Este mez foi consagrado a **Marte.** Seu nome provem de **October,** oitavo mez do anno de Romulo. Commemora-se no dia 12 deste mez a descoberta da America pelo navegador genovez Christovão Colombo, em 1492. **Signo, ESCORPIÃO.**

GALERIA INFANTIL

Os interessantes meninos Milton e Alcen Cenovicz, residentes em Ponta Grossa, Paraná.

NUM TREM DE FERRO

UM inglez entra e senta-se ao lado de uma senhorita. Em meio do caminho, accende um cachimbo e começa, calmamente, a tirar longas baforadas de fumo.

A senhorita, visivelmente incommodada, começa a alisar o pello macio e lustroso de um felpudo cãosinho que trazia comsigo.

Por fim, aproveitando um momento de distracção do inglez, agarra o cachimbo e atira-o pela janella.

O inglez nada disse; mais adeante agarra o cãosinho da senhorita e atira-o tambem pela janella.

A senhorita levanta-se e tenta protestar.

Mas o inglez tentando acalmal-a :

— Oh ! socegue, "sua" "cachorro" vae "busca" minha "cachimba".

ROSE ROUGE

A MADEIRA MAIS CARA QUE QUE SE CONHECE

E' a caoba, que se cria principalmente nas Antilhas, na parte do continente americano proximo dellas.

Sir Walter Raleigh menciona-a quando fala da viagem, que fez aquellas regiões no anno de 1597, mas até ao seculo immediato não foram conhecidas as suas bôas condições ; entre ellas, a sua resistencia á humidade e aos ataques dos insectos.

Nos fins do seculo XVII, um navio inglez trouxe de lastro alguns troncos della. O individuo que os comprou mandou fazer uma commoda que lhe custou muito trabalho porque os operarios disseram que a madeira era excessivamente dura para as suas ferramentas.

A belleza da commoda excitou a admiração de toda a gente, e dentro em pouco o commercio da caoba ficou estabelecido.

O seu valor varia muito, conforme a côr e a qualidade. A mais barata custa uns dez mil réis por tonelada ; porém chegou-se a pagar quatro contos de réis por um só tronco, cujo pau era de sete toneladas. O fabricante de pianos Broadword pagou 22 contos de réis por tres troncos para construir pianos.

ANECDOTAS

Um medico foi chamado para examinar um doente ; depois de feito o exame e ter passado a receita, ao retirar-se disse :

— Tome muita cautela, e retirou-se.

No dia seguinte ao entrar perguntou :

— Tomou os remedios ?

— Tomei sim, só não consegui achar para tomar foi a cautela.

ANDRÉ DORNELLAS

Nas ilhas Hawai, o numero dos homens é duplo do das mulheres.

NOSSOS AMIGUINHOS

O intelligente e galante Nelson, nosso leitor e amiguinho.

NOVEMBRO

11º MEZ — **30 DIAS**

1—Segunda-feira — Todos os Santos.
2—Terça-feira — Commemoração dos mortos. Feriado Nacional.
3—Quarta-feira — São Benigno.
4—Quinta-feira — S. Carlos Borromeu.
5—Sexta-feira — S. Zacarias e Santa Isabel, paes de S. João Baptista.
6—Sabbado — S. Florencio. S. Leornardo.
7—**Domingo** — S. Amarando.
8—Segunda-feira — S. Deodato.
9—Terça-feira — S. Theodoro.
10—Quarta-feira — S. André Avelino.
11—Quinta-feira — S. Martinho.
12—Sexta-feira — S. Diogo.
13—Sabbado — S. Estanislão.
14—**Domingo** — O Patrocinio de N. Senhora — S. Ursino.
15—Segunda-feira — S. Leopoldo.
16—Terça-feira — S. Balsameu. S. Edmundo.
17—Quarta-feira — Santa Victoria.
18—Quinta-feira — S. Endo.
19—Sexta-feira — Santa Isabel de Hungria. Festa da Bandeira. (Feriado Nacional).
20—Sabbado — S. Simplicio.
21—**Domingo** — Apresentação de Nossa Senhora.
22—Segunda-feira — Santa Cecilia.
23—Terça-feira — S. Clemente.
24—Quarta-feira — S. João da Cruz.
25—Quinta-feira — Santa Catharina de Alexandria.
26—Sexta-feira — S. Conrado.
27—Sabbado — S. Severino.
28—**Domingo** — S. Gregorio III.
29—Segunda-feira — S. Saturnino.
30—Terça-feira — Santo André, apostolo.

Este mez era consagrado a **Diana**. O seu nome vem de **November**, por ter sido o nono mez do calendario de Romulo. Commemoram-se neste mez, no dia 15, a proclamação da Republica, que se verificou em 1889, e a 19 a Festa da Bandeira, isto é, o anniversario da escolha da Bandeira Nacional. **Signo, SAGITTARIO.**

Presente de Natal

Ao brilhante escriptor Coelho Netto:

RAYMUNDO andava triste e amuado havia dias. Sua mãe, "nhá" Laura, cégára de repente, quando, ao deixar o quarto escuro em que dormia, dirigia-se á cosinha: A intensa e viva claridade do dia, repentinamente, affectara-lhe a vista.

Raymundo Pijára era orphão de pae. Caboclinho bem constituido, vivo e intelligente, contava dez annos de edade.

Viviam, filho e mãe, numa alegre e modesta casita, perdida entre os jequitibás e condurús, aos caprichos do vento e ás caricias da chuva. Apezar de passarem uma vida um tanto apertada — devido á solidão do logar — viviam ambos na maior harmonia e na mais feliz amizade.

Desde o infausto dia, porém, em que "nhá" Laura perdera a luz dos olhos, o caboclinho ia definhando, em consequencia do desanimo e do cansaço que, a pouco e pouco, se iam apoderando de seu fragil corpito.

Todas as noites antes de se deitar, Raymundinho ajoelhava-se sobre as duras taboas de seu catre e com os olhos fitos na imagem da Virgem rogava-lhe, com todo o fervor de sua alma de caboclo e com toda a fé de seu coraçãosinho, um termo á immensa dor que o affligia mais do que á sua mãe. A sombra da imagem reflectida pela dubia luz duma candeia tremia na cal da parede, parecendo annuir ás fervorosas palavras de Raymundo.

E assim se passaram alguns mezes, quando se approximaram as vesperas do grande dia de Natal...

* * *

Natal! Natal!

Tangiam alegremente os sinos da aldeia, annunciando o nascimento de Jesus-Menino. A humilde igrejinha da villa era pe-

CANTARES DA NOSSA INFANCIA

Sapo jururú,
Na beira do rio,
Quando o sapo grita
O' menina,
Diz que está com frio.

A prima do sapo
Deve estar lá dentro
Fazendo rendinha
P'ra seu casamento.

GALERIA DA INFANCIA

A gentil Aida, filhinha do Sr. Leoncio de Mello.

PRIMEIRA COMMUNHÃO

A galante Jessie Serra, nossa amiguinha e leitora, residente no Maranhão.

DEZEMBRO

12° MEZ — 31 DIAS

1—Quarta-feira — S. Cassiano.
2—Quinta-feira — S. Leoncio.
3—Sexta-feira — S. Francisco Xavier.
4—Sabbado — S. Armando.
5—**Domingo** — S. Dallmacrio.
6—Segunda-feira — S. Nocolão de Bari.
7—Terça-feira — Santo Ambrosio.
8—Quarta-feira — Conceição de Nossa Senhora. Dia Santo.
9—Quinta-feira — S. Leandro.
10—Sexta-feira — S. Melchiades.
11—Sabbado — S. Damaso.
12—**Domingo** — S. Justino.
13—Segunda-feira — Santa Luzia.
14—Terça-feira — S. Agnello.
15—Quarta-feira — S. Euzebio.
16—Quinta-feira — S. Valentim.
17—Sexta-feira — Santa Viviana.
18—Sabbado — S. Graciano.
19—**Domingo** — S. Nemesio.
20—Segunda-feira — S. Themistocles.
21—Terça-feira — S. Remetrio.
22—Quarta-feira — S. Honorato.
23—Quinta-feira — S. Dagoberto.
24—Sexta-feira — S. Gregorio.
25—Sabbado — Nascimento de Jesus Christo.
26—**Domingo** — S. Dionisio.
27—Segunda-feira — S. Theodoro.
28—Terça-feira — Os Santos Innocentes. S. Abel.
29—Quarta-feira — Santa Melania.
30—Quinta-feira — S. Thiago.
31—Sexta-feira — S. Silvestre.

Este mez era consagrado a **Vesta.** O seu nome vem de **December,** decimo mez do calendario romano. Sob o imperador Commodo, recebeu o nome de **Amazonius.** Os dias 25 a 31, o povo considera como de **Festas do Natal.** Signo Capricornio.

quena para conter tamanha massa de povo.

A aldeia regorgitava.

No alto brilhava, grandiosa, a lua que derramava seus pallidos raios, parecendo querer participar tambem do jubilo fremente que dominava aquella legião de crentes.

E no meio da multidão quêda e estasiada que admirava o presépe, estava o nosso Raymundinho.

Não foi, aliás, sem grande pena e profunda melancolia que o bom do caboclinho deixára sua pobre mãe, desesperada e afflicta, mais por não poder — pela primeira vez em sua existencia — gosar a noite de Natal, do que pela dor que a acabrunhava.

Conforme o seu costume, o filho de "nhá" Laura, puzera tambem sobre o rustico fogão, os seus encarquilhados sapatinhos.

* * *

Já o sol surgia no horizonte, inundando com seus raios ardentes a selva verde-negra, as campinas extensas, os capões e a casita de Raymundo.

O caipirinha habitualmente acordava muito cedo e ia ao quarto da mãe, para vel-a. Essa manhã, porém, correra ancioso e impaciente ao fogão afim de ver "os trem" com que o "Papá-Noé" costumava presentear-lhe no Natal. Mui pallido e assombrado ficou, porém, quando nada encontrou.

Aborrecido e contrariado dirigiu-se, então, ao quarto de "nhá" Laura. Pé-ante-pé, approximou-se da porta e abriu-a de mansinho : um grito sahiu-lhe da garganta. Acabava de ver sua mãe que, sentada sobre o catre, fitava-o com seus olhos brilhantes e rasos d'agua. Desapparecera-lhe a cegueira.

Raymundo atirou-se nos braços da mãe e ambos permaneceram calados por um momento. O menino disse então commovido :

—"Papá-Noé me deu o "maió" presente... não é, mãesinha?...

S. Paulo — OSWALDO C. SILVEIRA

ALBUM DA INFANCIA

A mimosa Maria, filhinha do Dr. Amarantho P. Coutinho e de D. Josephina Costa Coutinho, residente em Jaguarão, Estado do Rio Grande do Sul.

BÉBÉS

O gorducho e galante Mucio, que já aprecia O Tico-Tico.

CREANÇAS

NADA mais adoravel do que esses anjinhos que povoam os lares, enchendo-os de alegria com os seus risos e brincadeiras. Nelles se fundam as esperanças dos progenitores que os imaginam mais tarde moços e moças dignas da sociedade que frequentam, e homens e senhoras que saberão cumprir os seus deveres.

Fazei o possivel, meus amiguinhos, para que isso tudo se possa realizar. Por emquanto é facil ter as lições sabidas e obedecer sempre aos vossos paes. Porém, se depois julgardes que mais vos custa conservar-vos no caminho recto, empregae toda a vossa bôa vontade para isto conseguir.

E não vos esqueçaes, creanças, de agradecer A'quelle que vos deu um lar, os paesinhos que vos amam, uma grande patria para venerardes. Não o esqueçaes.

E assim fazendo, não podeis deixar de ser felizes, pensando que tambem fazeis a felicidade dos que vos crearam, adoraveis entesinhos todos caricias e sorrisos !

ROSE ROUGE

A Redempção da Terra

NESSE tempo Tupan, senhor do raio e domador das nuvens, amigo paternal dos homens, reinava no ceu com omnipotencia benigna e Yuyreté governava a terra e distribuia as aguas branda e generosamente.

A Dor ainda não entrara na vida e as enfermidades e a velhice, percursoras da morte, eram de todo desconhecidas. As folhas conservavam-se eternamente verdes e, se uma rajada de vento desprendia alguma, outra lufada devolvia-a ao ramo onde se apegava de novo como um passaro que revôa e torna ao ninho.

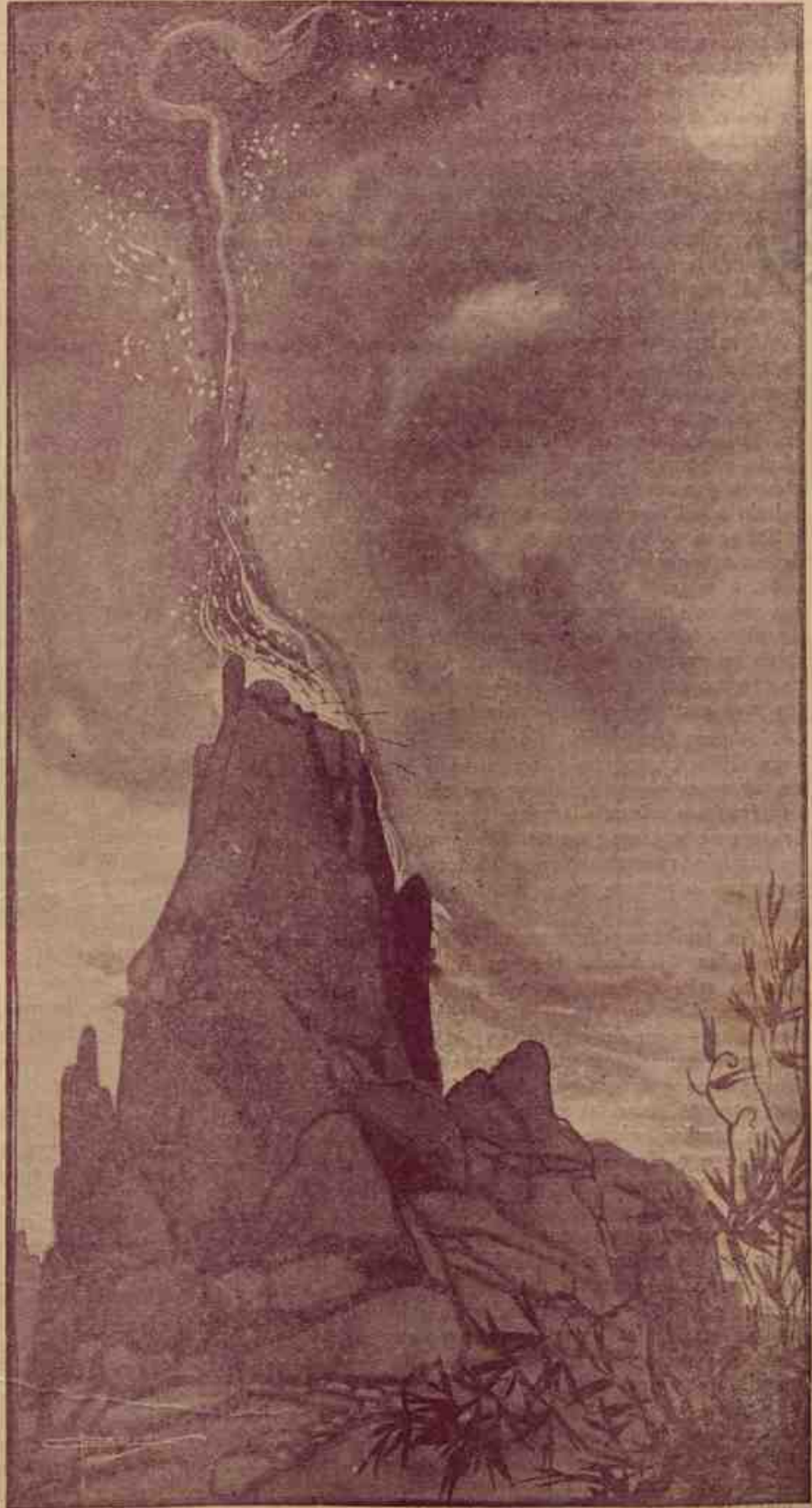
Os dias madrugavam alvissimos e alvos declinavam no crepusculo, porque o sol, muito novo, era como um globo de neve, dando uma luz tranquilla, branca como o leite da maniva, e as sombras que se projectavam em sua claridade pareciam recortes da propria noite.

Logo que, elle descahia nos montes, escuridão tenebrosa pesava sobre o mundo, tão densa e tão fria que as arvores tremiam arripiadas e os homens, para se sentirem e aquecerem nas ocárás, a conselho de Yuyreté, entrechocavam pedras, tirando dellas a semente do fogo, que plantavam em folhas seccas, onde logo crescia chammejante, alumiando e aquecendo os lares.

Os animaes, ainda os mais atrevidos, retrahiam-se nas furnas, as aves, cedo, agasalhavam-se nos ninhos, alapardavam-se em luras e a terra quedava em tétrico silencio, cortado, de quando em quando, pelo grúlho dos cururús ou pelo grito lugubre dos acauans.

Yuyreté vivia encerrado no seu palacio sombrio, meditando no silencio da fecundidade. O seu numeroso povo de tatús, negros e brancos, trabalhava activamente em excavações abrindo galerias e labyrinthos de mil voltas. E, incessantemente, as aguas profundas, fervendo em borbulhões, subiam pelos veios da terra em humus, como o sangue se transforma em leite e esguicha, em apojadura, do peito das mãis.

E Yuyreté, absorvido nos mysterios da fecundação, distribuindo sabiamente os effluvios da sua essencia immortal, que se infiltravam nas raizes, e eram seiva, que lentejavam das rochas, e eram agua, não dava pelo andejar da sua grey que remexia surdamente a terra como as lesmas molles que se deslisam e engolfam-se no lodo.

Mas um tatú enorme, de carapaça azul, coruscante de brilhos, arrastando-se vagarosamente, deteve-se ante o throno de Yuyreté, o Grande Espirito,

...subia, em espiras negras, uma columna de fumo direita ao céu.

e, escarvando a terra em signal de respeito, esperou immovel que sobre elle se fitasse o olhar do Eterno. Um clarão largo envolveu-o e o seu corpo ceruleo refulgiu em scintillações. Yuyreté descobrira-o e nelle puzera o olhar resplandescente. E o tatú gigante falou :

— Yuyreté, venho da terra clara para onde sóbe a tua força perenne e onde executei, uma por uma, todas as tuas ordens, visitando as moradias dos homens e as florestas ainda virgens onde accumulas energias, e os altos montes de onde derramas catadupas e os valles fundos por onde lanças copiosamente os rios, tudo que vive da tua substancia e que o teu Espirito governa e só achei tristeza e angustia. A Morte combate a vida, as enfermidades assolam os homens e a velhice conta os dias que passam e marca-os a rugas na fronte dos anciãos.

O Altissimo, que se assenta nas nuvens e tira o dia da noite, como se accende o lume em um carvão, flagella a terra e aos que nella vivem.

Se não acudires a tempo, em breve tudo será deserto e desolação nos teus dominios. As florestas, dantes frondosas, florindo perfumadamente e carregando-se de fructos, despiram-se das folhas e são extensões hispidas de galharias seccas, que se retorcem estalejando ao sol, um sol bravio, afogueado, brasa immensa a arder lá em cima, não mais o sol de outr'ora que alumiava docemente.

Nos campos, a macéga, abatida e secca, inflamma-se ao calor. Durante o dia o espaço abruma-se de fumo negro e, á noite, um vasio mar de chammas alastra a rasa planicie espadanando labaredas altas que lambem os contrafórtes das serras. Os animaes erram atordoados, cahindo exhaustos pelos caminhos onde logo os atacam os abutres que revôam em bandos tão numerosos que, encobrindo o sol, fazem noite em pleno dia. Da podridão que inficiona a terra levanta-se a peste como espira o fumo de uma fogueira. E não ha fugir-lhe. Tudo corrompe : o ar, a agua, a propria luz. E os homens, no desespero em que se vêm, abandonam as ocáras espavoridos, fugindo diante do invisivel, correndo desatinados de um inimigo mysterioso que os apavora, que os persegue dentro da óca, no carrascal das caatingas, nas cavernas dos montes, nas mattas mais embrenhadas.

Alguns, em delirio, batem-se com as proprias sombras. Não conseguindo vencel-as fogem precipitando-se em abysmos ou afogando-se nos rios e nas lagôas. Muitos frecham allucinadamente o espaço, atiram golpes de ivarapema a esmo ; outros rolam, escabujam, remordem-se rugindo, rasgam o ventre na tortura da febre que lhes requeima o sangue como um fogo que lhes corresse nas veias.

As mulheres disparatam, atiram-se sem rumo, desgrenhadas, bramindo, com os filhos pequeninos agarrados ao seio e, tanto os apertam que, sentando-se para amamental-os, quando se lhes depára uma nesga de sombra, estarrecem de horror ao vel-os mortos, estrangulados pelo seu desespero. Levantam-se, então, aos gritos lancinantes e arrojam-se desapoderadamente ás chammas dos campos como as cobras se atiram nos braseiros. E todos bradam, clamam por ti, Yuyreté. Calou-se o tatú gigante e o Grande Espirito, que o ouvira serenamente, sem dar mostra de surpreza, disse :

— A culpa é dos homens, só delles. O Altissimo foi justo e não fez mais que responder com o castigo ao que elles praticam desde que sahiram da terra e receberam no coração a centelha divina. Dei-lhes eu a terra e as aguas, com toda a sua abundancia e belleza : campos tão vastos que nelles as ocáras são menos do que grãos de arêa nas praias do mar; florestas tão densas que ainda não houve quem lhes chegasse ao coração ; montanhas tão altas que nem a vista lhes alcança o viso ; rios tão largos que se as suas aguas transbordassem alagariam todas as campinas e subverteriam os montes. Para nutril-os as sementes multiplicam-se por centenas, os animaes reproduzem-se incessantemente.

Deu-lhes o Altissimo o dia branco para o trabalho e a noite negra para o repouso ; deu-lhes o ar que respiram, deu-lhes os desejos que estimulam, o instincto que os guia e a intelligencia que os illumina e ainda lhes deu a palavra, tornando-os assim irradiantes como o sol ? Que fizeram elles ? Contentaram-se com os dons que tiveram, vivendo em harmonia, cada qual nas terras em que se estabelecera ? Não ! Levantaram entre si contendas de inveja, desavenças de despeito, odios de ambição e no furor que resultou de tal discordia o Mal inspirou-lhes a idéa de talharem pedras, de apontarem frechas, de acurvarem arcos e, como o Altissimo só permittiria a descida da Morte á terra no dia em que fosse, com proposito perverso, vertido por mão de homem sangue de homem, logo no primeiro encontro, que foi terrivel, a prisioneira desceu em vôo de abutre pairando sobre as campinas acima dos combatentes.

Os que cahiram feridos não mais se levantaram e os que os julgavam apenas adormecidos espantaram-se de os ver apodrecer e ficarem, ao sol, reduzidos a esqueletos. Era a victoria da Morte e, uma vez assenhoreada da terra, desenvolveu-se como a herva má nos campos ferteis. Plantas nas quaes roçaram as suas azas negras tornaram-se venenosas, aguas em que ella se reviu encheram-se de miasmas, o seu halito putrido espalhou-se no ar e assim como o semeiador deixa um germen onde passa, assim fez ella correndo a terra de extremo a extremo, percorrendo o espaço em vôo, vadeando rios e lagôas, acolhendo-se nas furnas, deitando-se á sombra das arvores, ou aquecendo-se aos raios do sol.

Hoje ella está em tudo : no pó que vôa, no fructo e na flor, no sol que brilha, na agua que corre, no aroma, na vigilia e no somno, em tudo.

Quem a tirou da prisão quebrando o encantamento que a retinha ? o homem. E peior que a Morte é o cortejo que a acompanha como a matilha segue o caçador : são as dores, são as enfermidades que abocanham a presa, inutilizando-a para que a Morte a fira. Difficil ha de ser agora obter o perdão do Altissimo ! Volta e dize aos homens que me falaste e que eu vou interceder por elles offerecendo um sacrificio ao Omnipotente no cimo do mais alto monte. Para isto, porém, é necessario que todos levem á altura as armas que fizeram, sem excepção de uma ; com ellas accenderei a fogueira propiciatoria e talvez obtenha, senão o desapparecimento da Morte, já agora disseminada no mundo, ao menos a extincção dos males, como a velhice, veneno do tempo, a dor e as enfermidades. Quanto aos demais castigos, como o ardor solar e as tempestades de chuva e raios, não creio que o Altissimo os revogue porque partem do ceu, onde tudo é eterno.

Regressa á terra clara e dize aos homens o que de mim ouviste e, logo que todos hajam deposto as armas no cimo da montanha, eu lá irei interceder por elles.

E o tatú gigante partiu com o recado de Yuyreté.

Quando, para cumprir a promessa que fizera, Yuyreté deixou o seu palacio sombrio surgindo na terra clara, que o sol, então, dourava, logo avistou no cimo da montanha, alta como uma torre, a pilha de armas que os homens haviam levado e achou arcos e frechas, zarabatanas e ivarapemas.

Tomou, então, resina fresca das arvores, ajuntou gravetos e folhas seccas e, ferindo um rochedo, tirou delle centelhas que se communicaram ás accendalhas explodindo instantaneamente em chammas. Com o vento que soprava rijo avivou-se o fogo lançando-se em labaredas altas e, em pouco, o cabeço da montanha relumbrava em esplendida corôa do meio da qual subia, em espiras negras, uma columna de fumo direita ao ceu.

Yuyreté ajoelhou-se concentrando-se em oração pela terra e pelos homens e as suas palavras piedosas, assim como lhe sahiam dos labios em murmurio, mettiam-se pela fumaça com um brilho de scintillas e, desde o monte

até as nuvens, o fumo torvelinhava como uma serpente de escamas de ouro.

Mas o ceu conservava-se fechado, e a fumarada, tocando na abobada, espalhava-se ennegrecendo o espaço como acontece nas ócas quando se accende fogueira com lenha verde.

De repente, porém, um grande arco de ouro, curvou-se entre o ceu e a terra como um signal da colera de Tupan. O Altissimo respondia aos homens, não como Pai, mas como adversario, ameaçando-os com a mesma arma com que elles o haviam affrontado.

Mas Yuyreté insistiu e, durante dias e noites, ao sol e na terra, fez subir pela columna de fumo a sua prece pelos homens e o arco ameaçador a pouco e pouco se foi recolhendo até que de todo desappareceu. Era o perdão do Altissimo que se manifestava naquelle aceno de paz.

No mesmo ponto da altura em que se desvaneceu o na promessa, uma illusão, como o azul, sobre o abysmo infinito. Chama-me como quizeres: eu sou tudo e nada. Existo como os reflexos. Vivo dos que me buscam, respondo como o echo, que é a volta da voz. Estou á cabeceira de todos os soffrimentos, caminho ao lado de todos os infelizes. Sou o brilho na lagrima. Que mais devo eu dizer-te? Que importa o nome? Ouve-me. Quiz o Altissimo que eu viesse viver na terra para consolação dos homens. Aqui estou, ainda que saudosa do ceu para onde se volta o meu pensamento. Ouve o recado que trago e transmitte-o aos que soffrem e que, pela tua voz, appellaram para o Benigno. A tua prece commoveu-o e Elle fez-me descer no fumo do sacrificio que lhe votaste, trazendo a resposta da sua magnanimidade. Ouve, Yuyreté. O sol perdeu a cor alvadia e fez-se rubro; a noite, porém, mantem-se negra e cada vez mais tenebrosa, dentro em breve, entretanto, terá luz e belleza e, se não houver des-

... e os cacos da igaçaba espalharam-se em estrellas pela noite

arco de ouro um clarão reverberou, abrindo-se em circulos como os que se alargam á superficie dos lagos quando por ella roça a ponta da aza de uma garça ou jassanan, ondulou tremulo, desprendeu-se radiosamente descendo de leve, em alor de pluma, oscillando, ora solto, ora resvalando pela columna, até que pairou á altura da côpa dos coqueiros, arfando em fina teia, em cuja trama rutila uma cunhatan, de formosura maravilhosa, apparecia de pé, envolta em lirios que mal lhe dissimulavam as graças do corpo mais branco do que as espumas das cachoeiras.

Saltando em terra airosamente admirou-lhe Yuyreté os olhos verdes, tão grandes e profundos que nelles se reflectia o ceu, com um sol em cada pupilla.

Quando, porém, caminhando sobre a alfombra de sensitivas, que se não retrahiam como se lhe não sentissem os passos, a sua voz abriu-se em melodia tudo em volta estremeceu vibrando num arrepio de gozo: terra e agua, arvores, pedras; e passaros voaram de longe attrahidos, pousaram ouvindo-a, attentos como acontece na selva quando o yapurú modúla. E ella disse:

— Yuyreté, eu sou a flor ephemera dos desejos. Olha-me de longe, não procures tocar-me: como a luz illumino, mas não me deixo prender. Meu nome é uma eter-lealdade dos homens, todos os crimes serão resgatados, a Morte desapparecerá e com ella todos os soffrimentos que pungem e alquebram, só com a ablução de algumas gottas da agua essencial da fonte da Vida.

Jacy, a virgem pallida, foi escolhida para trazer á terra a igaçaba da redempção. Has de vel-a apparecer no ceu vagarosa e acautelada, evitando o sol, que a espreita para oppor-se-lhe á passagem, porque se ella conseguir atravessar os caminhos do ceu com o que traz tudo volverá ao que foi no principio e o sol, hoje vermelho e brilhante como os coagulos de sangue espalhados na terra, tornará á gélida pallidez de outr'ora. Mas para que Jacy consiga atravessar o espaço nocturno com a igaçaba de tabatinga é necessario que nem um só homem, com espirito de vingança ou afagando ambição, haja sonegado uma arma quando exigiste todas para a fogueira propiciatoria.

A não ser assim Jacy só não expurgará a terra do peccado de sangue se o sol sahir ao seu encontro. Mas para contel-o tem o Altissimo as barreiras do seu poder. Assim, pois, tudo depende dos homens. Convoca-os e falos jurar sobre o fogo que todas as armas arderam na montanha, que nem uma só foi intencionalmente escon-

dida para, de novo, ferir, manchar a terra de sangue e affrontar o Altissimo. Chama-os para que jurem.

Calando-se a cunhatan celeste, Yuyreté soprou tonitruosamente o boré reunindo todas as tribus em volta da montanha e exigiu de um por um dos homens que jurassem sobre o fogo o que d'elles exigia o Altissimo. E todos juraram.

Nesse instante o sol morria no dorso da serra consumido nas proprias chammas. E anoiteceu, não a noite negra e fria, que arripiava as arvores e obrigava os homens a accenderem fogueiras, mas uma noite tépida, suave, vestida de bruma alvissima; uma noite nova, que foi para a natureza um encanto. Vozes meigas e murmurios brandos encheram-na como de uma musica.

Então viram os homens levantar-se no ceu, como se subisse dos montes, a pallida Jacy com a igaçaba á cabeça, e logo espalhou-se no ceu e na terra uma claridade fina, como espuma de luz. E Jacy vinha vindo vagarosa, vinha vindo luminosa, vinha vindo cuidadosa. E os homens, reunidos nos terreiros brancos das ocáras, saltavam bradando louvores ao Altissimo.

Que belleza nos campos alvejantes! Que belleza nos rios com o scintillar da tremulina! Que belleza nas arvores luzentes. E Jacy vinha vindo... De repente viram-na os homens vacillar e a igaçaba redonda cahiu-lhe da cabeça partindo-se em mil pedaços e a agua derramou-se pelo ceu, agua de vida, clara, cor de leite e os cacos da igaçaba espalharam-se em estrellas pela noite.

Houve um immenso grito de horror e a Morte, que já se tinha por vencida, invadiu as ocáras, perseguindo furiosamente os homens.

Que teria havido na altura? Não fôra o sol que sahira contra a virgem. Alguem, portanto, mentira ao juramento feito sobre o fogo, alguma arma ficara escondida e as guerras continuariam com traição ao Altissimo.

Passado o primeiro momento a cunhatan, penalisada do soffrimento humano, disse com a sua voz que soava nas almas afflictas como sabe um gôle dagua fria ao que estála de sede nos areaes:

— Não desespereis. Jacy lá anda no ceu a ajuntar os cacos da igaçaba, já apanhou a azelha, cata os pedacinhos e em breve tel-a-á recomposta. Ha de concertal-a, refazel-a toda e, quando o tiver conseguido o que a sua misericordiosa paciencia emprehende, recolherá a agua derramada, que faz uma poça rebrilhante no ceu e, com mais cuidado e vagar, virá pela noite negra trazer a redempção á vida.

E todos confiaram nas palavras da cunhatan.

Mas a Morte levou os homens todos d'aquelle tempo que soffreram e gemeram nas ocáras, outros vieram e foram-se, ainda outros e os de hoje, quando Jacy apparece com a igaçaba á cabeça, caminhando devagarinho pela noite, acompanham-na anciosos, certos de que ella chegará ao cimo do monte, descerá pela falda, alcançará, emfim, á planicie para espalhar pela terra a agua da redempção. Mas em meio do caminho tropeça e lá se lhe escapa a igaçaba e quebra-se em mil cacos, estrellas, e ella, tomando a azelha, volta a reparar o vaso em que vinha o perdão.

Emquanto tal se dá lá em cima a cunhatan consola e anima os homens com as suas palavras de esperança e a Morte, com o seu cortejo: as dores, as enfermidades e a velhice tremula, devasta e contrista o mundo.

E tudo porque um homem perverso mentiu ao juramento feito sobre o fogo escondendo uma arma, arma que foi a semente cruel da qual sahiram as outras, que sustentam as guerras.

Quem descobrirá na terra o esconderijo de maldição? Feliz d'aquelle que disser: Eil-o aqui! Esse sim, será em verdade, o salvador do mundo, porque fará com que Jacy desça do ceu sobre os montes e derrame na terra a agua da redempção.

Do livro *"Poranduba"*.

COELHO NETTO

Uma extravagancia de millionario

A figura representa a mesa que o archi-millionario americano Astor mandou fazer, ha tempos, com uma só taboa cortada no tronco de uma arvore colossal, de muitos milhares de annos de existencia, e na qual deu um jantar de quarenta talheres a pessoas amigas. As cadeiras foram construidas com madeira da mesma arvore. E' facil apreciar, pelo numero das pessoas sentadas, as dimensões do abeto, que serve de centro de mesa, á que está alli, ao seu torrão, isto é, nas condições naturaes da sua vegetação.

O JOGO DO DESTINO

(EXPLICAÇÃO)

Qual é o menino ou menina, que no desabrochar da vida, não pensa no que vae ser no futuro? Quantas previsões não falham e quantas não se realizam além da espectativa? — Pois foi para ir de encontro a estas esperanças ou desillusões que o *Almanach* apresenta este jogo aos seus leitores. Ouçam:

Tomem o saquinho com as noventa pedras do conhecido "jogo do vispora" e colloquem-se, o menino do lado que lhe corresponde no jogo, e a menina na sua frente. Cantem pausadamente os numeros das pedras que forem tirando do sacco e colloquem tentos nos numeros respectivos.

Completando uma fileira inteira de circulos em sentido vertical, por exemplo, a fileira que tenha para o menino os numeros 1-14-27-40-53-66-79; e para a menina, a fileira com os numeros 89-66-63-40-37-14-11, terão indicado pelo destino, a sorte ou futuro que lhes espera respectivamente.

Não se zanguem os leitores se as cousas não lhe sahirem conforme os seus desejos, mas a sorte do jogo, como na vida, é muito caprichosa. Cada jogador deve ter ao lado um grupo de amigos *torcedores* ou *torcedoras...*

Este jogo presta-se para ser jogado por varias pessoas, apostando cada qual neste ou naquelle destino.

OS CINCO DEDOS

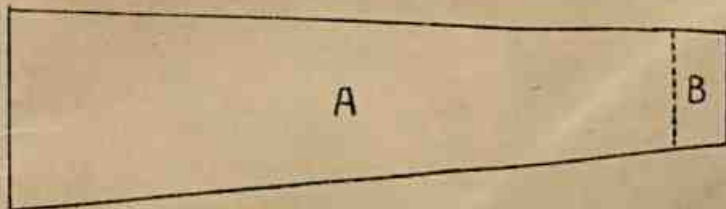
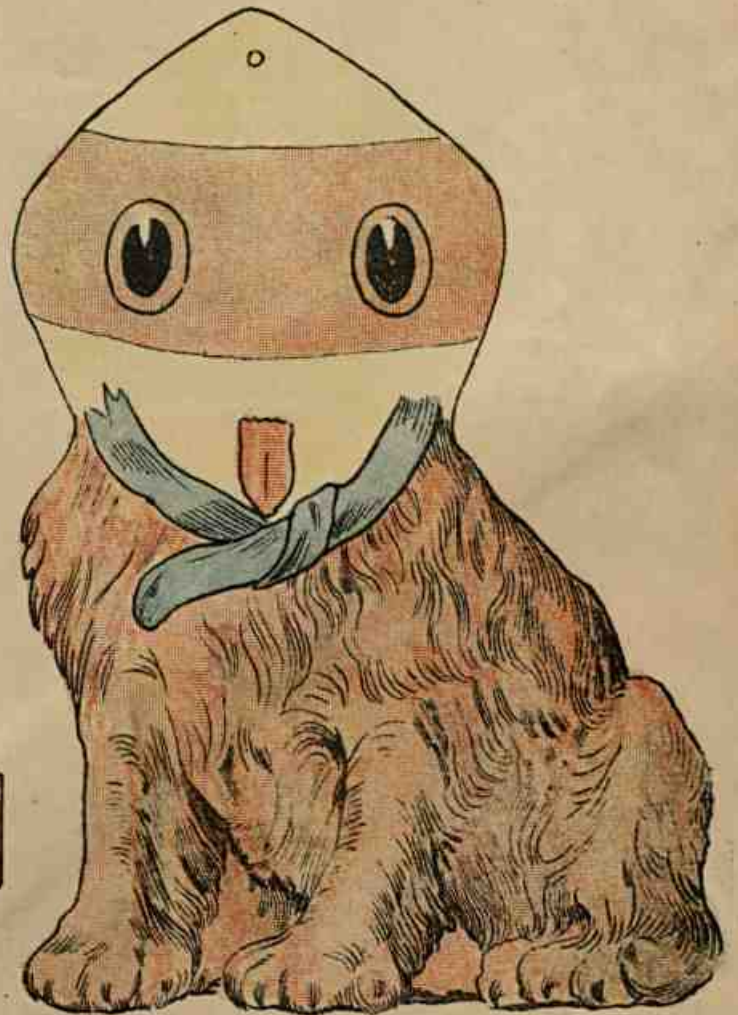
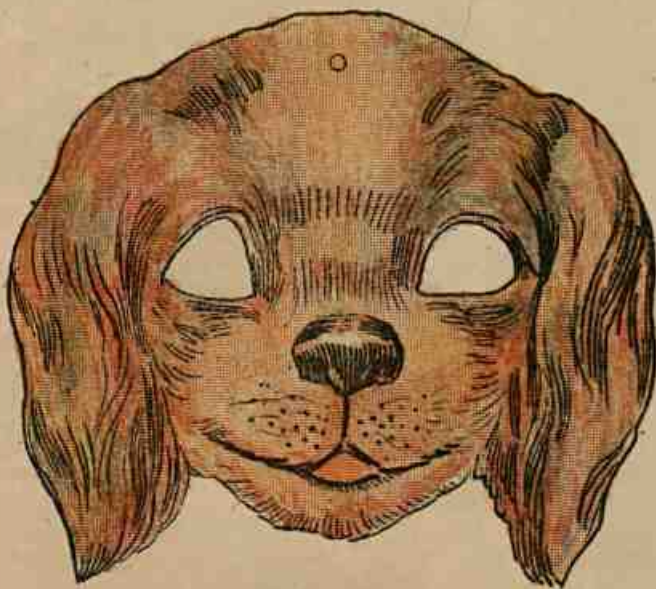
Disse o pollegar, o primo
Dos dedos de certa mão,
Ao segundo:—(Sinto fome,
Estou a morrer, meu irmão.)

O segundo, o indicador,
Retruca:—(Como fazer,
Não ha nada na dispensa
Para á noite se comer.)

O médio, o maior de todos,
Juntamente com o annular
Lamentam esfaimados:
—(Como havemos de arranjar!)

(Ora, ora) diz o minimo
Conselheiro de renome;
—(Neste mundo, meus irmãos,
Quem não trabalha não come!)

ADEMARO PREZIA (11 annos)

O CÃOZINHO

Apresentamos aos nossos leitoresinhos uma pagina de armar que, como vêm, é simplissima :

Depois de collada a pagina sobre um pedaço de cartolina ou papel-cartão, recortam-se muito bem as tres partes de que se compõe a pagina, tendo o cuidado de vasar os olhos da mascara do cãosinho e dar um corte sobre a linha dos labios. A lingua é tambem recortada em volta, ficando apenas presa pela parte superior onde se vê a linha interrompida.

Pelos dois orificios que se devem fazer na parte superior da mascara e da cabeça de cão passará um cordel com um nó de cada lado para prender a mascara á cabeça, ficando a lingua entre os labios. Por fim o supporte A será collado na parte posterior da cabeça pela linha B que se dobra, permittindo ficar de pé o cãosinho. Imprimindo depois ligeiro movimento á mascara parece que o cãosinho olha para um lado e outro.

Uma refeição bem comprada

Um pobre lenhador que tinha vinte filhos encontrava muitas vezes difficuldade em dar de comer a tantas boccas famintas. Um dia, em que possuia apenas um pedaço de pão no armario e uns tostões na bolsa, o pobre homem, angustiado, não sabia como pudesse fazer passar a familia sem comer até o dia seguinte.

Teve então idéa de lançar mão de um estratagema: reuniu os filhos e disse-lhes:—Aquelle que não jantar hoje ganhará dous tostões!

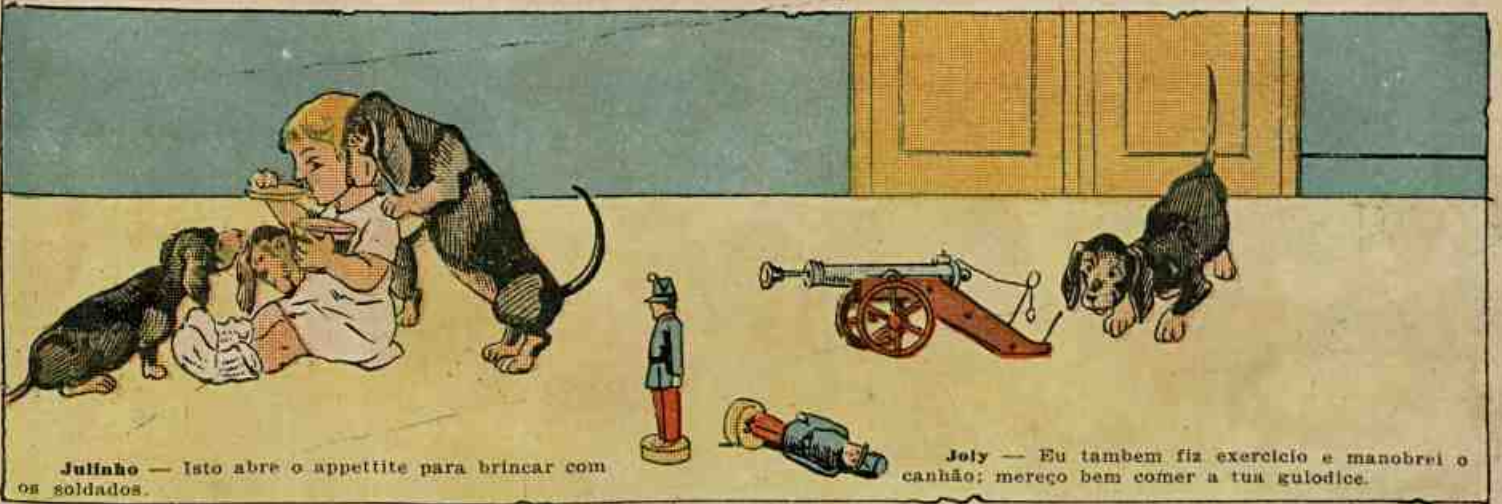
As creanças, enthusiasmadas, pediram todas os dois tostões e passaram sem jantar.

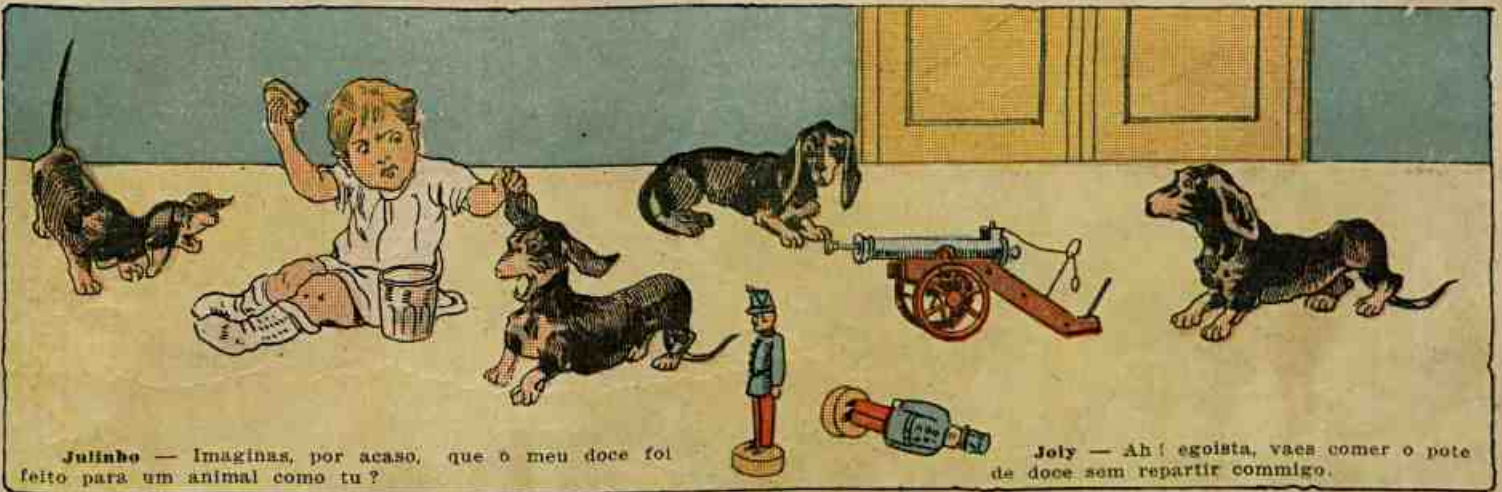
Dous tostões! Nunca possuiram tanto dinheiro! E todas foram dormir, sonharam mil maneiras de gastar tão pequena fortuna.

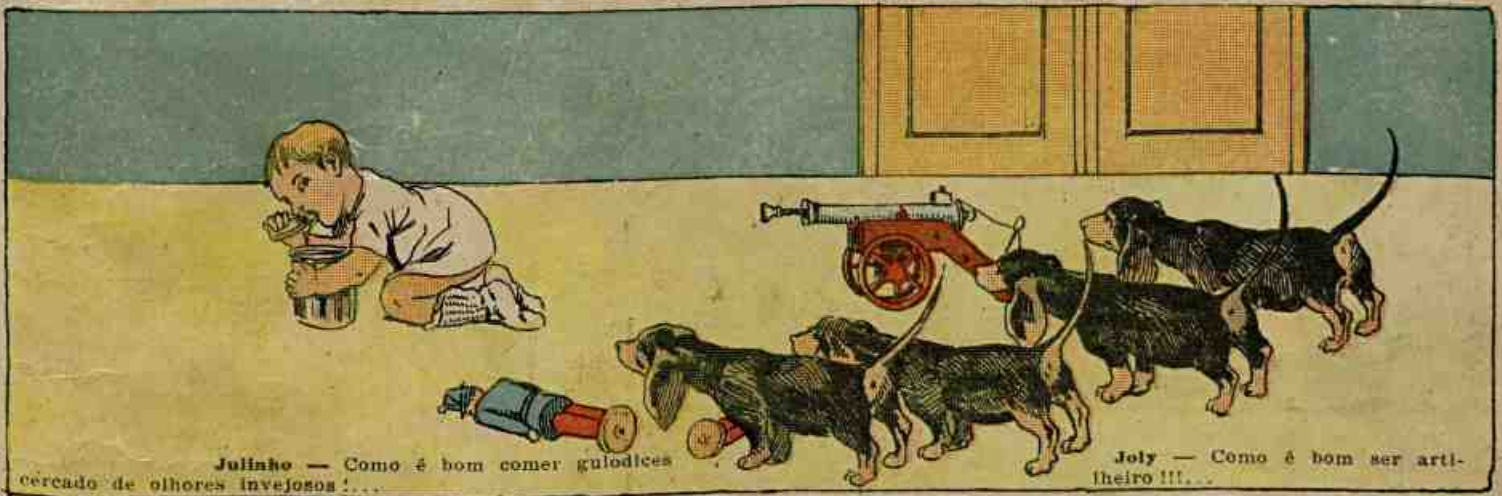
Na manhã seguinte acordaram menos alegres, pois que sentiam uma fome de cannibaes.

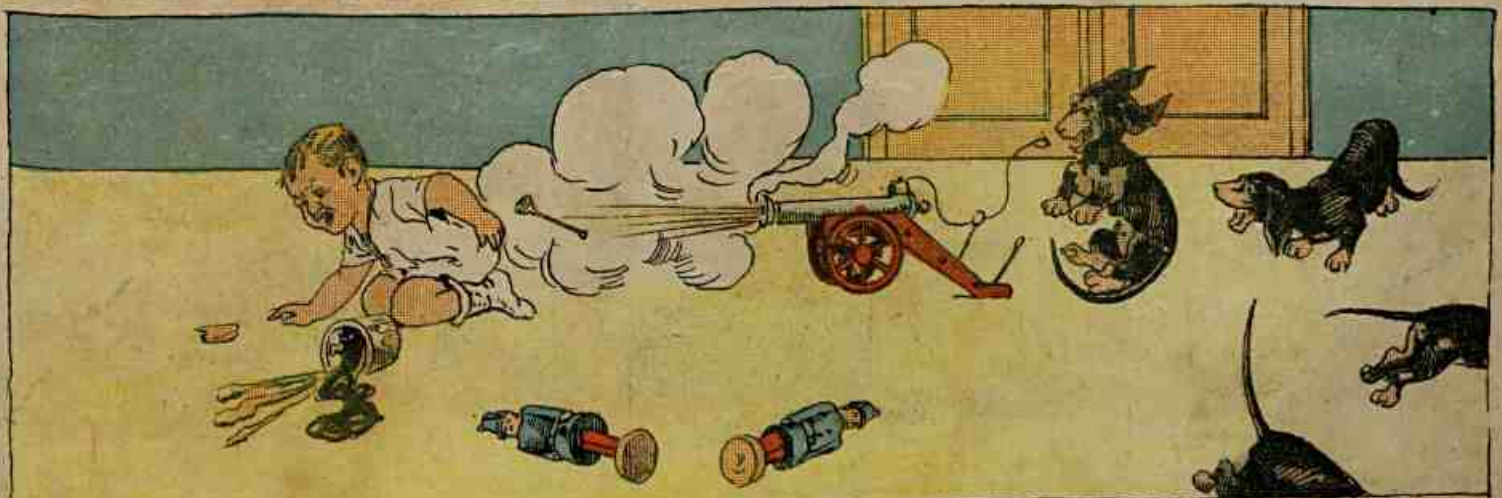
O lenhador disse-lhes então:—Aquelle que quizer almoçar hoje terá de me entregar dous tostões!

Todas as creanças deram alegremente o dinheiro. E foi assim que o pobre lenhador economisou a despeza de uma refeição sem que seus filhos disso se apercebessem.

A VINGANÇA DO JOLY

Julinho — Isto abre o appetite para brincar com os soldados.

Joly — Eu tambem fiz exercicio e manobrei o canhão; mereço bem comer a tua gulodice.

Julinho — Imaginas, por acaso, que o meu doce foi feito para um animal como tu?

Joly — Ah! egoista, vaes comer o pote de doce sem repartir commigo.

Julinho — Como é bom comer gulodices cercado de olhores invejosos!...

Joly — Como é bom ser artilheiro!!!...

Julinho — Ai! ai! recebi a carga e o meu pote de doce a contra-carga! a

Joly — Quizeste comer sosinho e nós fizemos exercicio de tiro tambem sosinhos.

ATIROU A'S PERDIZES E CAÇOU UM ELEPHANTE

..*Trinca Biscoitos* era um verdadeiro apaixonado da caça. Todos os domingos sahia elle á caça das perdizes, acompanhado de seu cão *Gomma Arabica*.

Um dia, munido de espingarda e acompanhado de *Gomma Arabica*, partiu para o campo. Chegando ao bosque, o cão parou, em attitude de ter descoberto caça.

Com effeito: uma lebre appareceu e *Trinca Biscoitos*, rapido, fez pontaria e deu dois tiros... que falharam. *Gomma Arabica*, no entanto, sahiu no encalço da lebre...

..emquanto seu amo accendia o cachimbo e sentava-se sob copada arvore. De repente ouve um ruido atraz de si. Inquieto, volta-se e...

...fica gelado de medo: um elephante o olhava, embalando docemente a tromba, com ares de bom bichano. E, bruscamente, *Trinca Biscoitos* recorda-se de que, dias antes, os jornaes noticiaram...

...que um elephante do Jardim Zoologico fugira e não fôra encontrado, apesar de estarem muitos hontem armados no seu encalço.

Doido para fugir, *Trinca Biscoitos* animou-se um pouco quando viu o elephante sentar-se e o olhar com olhos que diziam:
— Faz-me companhia,... vivo tão só nesta floresta...

Emquanto isso se passava, *Gomma Arabica*, perseguindo a lebre, embaraçava-se na linha que um pescador deixára á beira do rio.

Nos saltos desordenados que deu para se desvencilhar da linha, esta se enrolou em sua cauda, impedindo-o de continuar a perseguir a lebre.

Furioso, pensou em voltar para junto de seu senhor, quando sentiu que lhe puxavam a cauda. Voltou-se e, ó surpresa! viu preso ao anzol...

...um gordo bagre. Então, como não quizesse voltar para junto do amo sem caça, abocanhou o bagre e entregou-o a...

...*Trinca Biscoitos*, que voltou para casa, orgulhoso da *caçada*. E foi assim que *Trinca Biscoitos*, querendo atirar ás perdizes, caçou um elephante e um bagre.

Um salvamento

Macarronette era um bravo cabo-correio alpino, que cumpria com devotamento seu dever e sabia remover com desembaraço todos os obstaculos.

Um dia, vinha elle caminhando com a bolsa cheia de cartas, quando viu um viajante deitado, desacordado naturalmente pelo intenso frio que reinava. Macarronette deu ao desfallecido algumas gottas de *rhum*, friccionou-lhe fortemente a lingua mas, apezar de...

...todos os cuidados, o viajante não voltava a si. Macarronette não queria abandonar o infeliz. Pensou em leval-o...

...comsigo. Depois de accender seu cachimbo, pôz o homem ás costas e continuou apressadamente seu caminho.

A fumaça que se desprendia do cachimbo reanimou e fez o viajante soltar formidavel espirro.

Macarronette ficou bastante satisfeito e apresentou no quartel o homem que salvára da morte...

...homem que era um general inglez, que foi muito cumprimentado pelo commandante do batalhão do bravo Macorrenette, que teve como premio de seu feito humanitario uma medalha de ouro...

...de benemerencia, que elle ostenta, orgulhoso, ao peito de sua farda.

O MOINHO ENCANTADO

Havia uma vez um molineiro, rico e avarento, que vivia solitario. Se algum pobre ou aleijado batia á porta do moinho, pedindo esmola, o molineiro, que se chamava Vicente, corria-o a cacete.

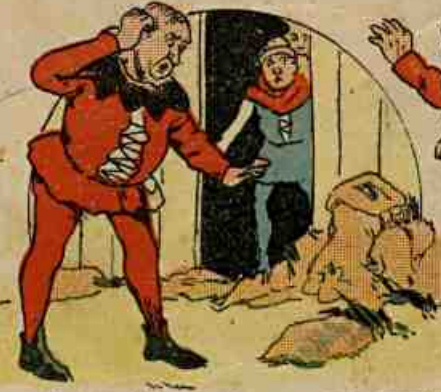
Um dia, estava elle sentado á porta do moinho, quando appareceu uma velhinha: — Dá-me um pedaço de pão, bom molineiro — disse ella — e deixa que passe a noite em tua casa. — Vae-te embora, velha! — respondeu Vicente, meu moinho não é albergue!

A velhinha, levantando os braços para o céo, disse: — Teu coração é mais duro do que as rochas, mas o castigo para ti está proximo!... E afastou-se vagarosamente.

Ao passar junto da roda do moinho, a velhinha tocou-a com o bastão. O molineiro zangou-se e correu para perseguir a velhinha, que desappareceu repentinamente.

Naquella noite, o molineiro quasi não dormiu; sonhou que a velhinha lhe roubára-lhe o dinheiro e, mais de uma vez, levantou-se para contar e recontar sua fortuna.

Na manhã seguinte, levantára-se e fôra abrir a represa d'agua: apesar desta cahir, como de habito, a roda do moinho não se moveu. Vicente azeitou os eixos, limpou-a, nada conseguindo.

Vizinhos vieram ajudal-o, mas a roda do moinho naquelle dia e nos outros seguintes, continuava immovel. Vicente arrancava os cabellos, desesperado.

Dentro de pouco tempo, todo mundo sabia a historia do moinho encantado. Reclamaram do molineiro o grão que elle não podia moer. Vicente viu, logo após, que...

...a metade do grão fôra roida pelos ratos. Teve de pagal-a, tornou-se pobre, sem um vintem, enxotado de toda parte, a pedradas.

Uma noite, vagava Vicente, triste, pela rua, quando viu a velhinha que lhe pedira, uma vez, esmola: — Perdoa-me, disse elle, ter negado esmola quando podia ser generoso! Estou arrependido!

Neste momento, a velhinha transformou-se numa linda e joven fada: — Uma boa fada perdoa-te, Vicente. Volta ao teu moinho e sê caridoso! Depois, desappareceu.

Vicente ouviu, logo depois, o "tic-tac" do moinho, que gyrava, alegre como uma canção de esperança. Os grãos e o dinheiro voltaram ao moinho e pobre algum passava por perto de Vicente que não recebesse uma esmola.

Colheitas submarinas

AS ESPONJAS

Qualquer de nossos leitores não ignora que foi no seio profundo dos oceanos que a vida no globo terraquio teve sua primeira manifestação. Foi no meio marinho, sabemos todos, que nasceu e desenvolveu-se uma multidão incalculavel de seres vivos, de uma prodigiosa variedade de fórmas. Desses seres, é claro, o homem não deixou de se aproveitar, explorando aquelles que podiam ter uma utilidade qualquer.

O homem não pesca sómente os habitantes do mar; caça os animaes terrestres; não colhe unicamente os productos do solo submarino, mas tambem os fructos e productos da terra. As colheitas que se podem fazer no fundo dos oceanos não são, na verdade, tão abundantes, nem tão uteis, como as que se emprehendem na terra, mas, nem por isso deixam de ser dignas de estudos e conhecimento.

Falemos primeiramente das esponjas, e como são pescadas. Dizemos pescadas porque durante muito tempo não se sabia se as esponjas eram plantas ou animaes.

Após longos estudos e discussões, ficou estabelecido, scientificamente, que as esponjas eram animaes de categoria primitiva, inferior, muito semelhante ás plantas e que é chamada de *phytozoarios*, vocabulo composto de duas palavras gregas, que significam planta e animal.

As esponjas, que são para nós objectos tão familiares e uteis, são pescadas no fundo do mar por habeis mergulhadores ou pelos ousados escaphandristas.

A esponja vive enterrada, fixada nos rochedos do fundo do mar, embora não possua raizes. Na esponja, que nós tão bem conhecemos de casa, notam-se buracos de fórma variavel e, muitas vezes, arredondados. São esses buracos os orificios de sahida

Nove variedades de esponjas

para a agua que circula na esponja. Os orificios de entrada são os buracos muito pequenos que se assemelham aos póros. Quando a esponja tem vida em todo seu corpo, faz-se activa circulação de agua: é por esse processo infinitamente simples que as esponjas respiram e se alimentam. Todas as cellulas, todos os elementos de sua substancia tiram da agua, individualmente, o ar dissolvido e as materias nutritivas em suspensão. As cellulas, multiplicando-se, augmentam a massa esponjosa, que é de tanta utilidade para nós.

Esta gravura representa a descida de um escaphandro para a pesca das esponjas. Chegado ao ponto em que ha esponjas, o bote lança ancora e o escaphandro, munido de uma faca de lamina afiada, desce para a pesca. Póde, assim, trabalhar muito tempo debaixo d'agua, mas não consegue descer a mais de trinta metros de profundidade, em virtude da forte pressão da camada d'agua que o incommoda.

A pesca das esponjas faz-se sobretudo no archipelago grego e no littoral da Syria. O penoso mistér do mergulhador requer um treinamento especial e aptidões particulares. Os gregos, notadamente os habitantes do pequeno porto de Hydra, gosam da reputação de ser os mais habeis pescadores de esponjas. O emprego do escaphandro permitte obter resultados superiores, sem exigir as qualidades de sangue frio, coragem e resistencia dos mergulhadores, e já hoje é raro praticar-se a pesca das esponjas sem o apparelho escaphandro. Revestido desse apparelho, o mergulhador arma-se de uma faca de lamina aguçadissima para cortar as esponjas que se agarram aos rochedos. Existe tambem um outro methodo de pesca que se pratica de barco com o auxilio de uma especie de tridente, que se colloca acima de um sacco de bocca bem larga.

Terminada a pesca, as esponjas são lavadas varias vezes em agua doce, frequentemente renovada, até que a materia viva e gelatinosa que possuem desappareça inteiramente.

Lavadas em varios banhos de agua doce acidulada, as esponjas são postas a seccar, depois do que, são encaixotadas para a exportação.

Este modo de pescar exige que o mar esteje muito calmo e que as esponjas não estejam a grande profundidade. A pesca das esponjas é praticada sem nenhuma previdencia de parte dos pescadores.

Algumas pessoas tentaram, ante a imminencia do desapparecimento progressivo da esponja, cultival-a, tentando a sua reproducção. Tal emprehendimento não deu, porém, resultados satisfactorios e a esponja dia a dia encarece nos mercados do mundo.

Quanto mais fino, porôso e elastico fôr o tecido, mais valor tem a esponja

Varios outros processos de pesca das esponjas são ainda usados pelos pescadores do littoral da Syria, cada qual mais inefficiente e sobre tudo perigoso. Basta dizer que ha syrios pescadores que, confiados na sua robustez e pericia no mergulhar, se aventuram a arriscadissimas emprezas de, mesmo sem o traje usual dos escaphandros, atirarem-se ao fundo do mar, com pesos atados aos pés, para cortarem um pedaço de esponja. Para isso demoram-se dentro d'agua um tempo relativamente consideravel, supportando a enorme pressão da massa d'agua, sem respirar. Quando, não podendo mais supportar a pressão e a falta de ar, querem voltar á tona d'agua, libertam-se do peso que têm aos pés e dão signal á superficie por meio de um cabo que levam atado á cintura.

O TORCEDOR

MATHIAS
RENATO
BARNABÉ

Mathias, de pyjama, sentado em uma poltrona, embebido na leitura de um jornal, não dá por Barnabé, que entra coxeando, com um lenço atado em volta da cabeça, o braço esquerdo na tipoia, pontos falsos no queixo, a fazer esgares de soffrimento.

Barnabé pára junto á mesa do centro e pigarrêa para chamar a attenção de Mathias, que se volta e, ao vel-o com taes estragos, encara-o espantado :

MATHIAS — Que é isso, homem ? Que tens na cabeça ?

BARNABÉ — Na cabeça ? ! Se fosse só na cabeça... E' em todo o corpo. Parece que não tenho osso inteiro... E são dores nas entranhas como se m'as estivessem a arrancar com garfos.

MATHIAS — Déste alguma quéda, não ?

BARNABÉ — Não, senhor. Eu não sou homem de cahir. Faço tudo com muito cuidado e não me metto em cavallarias altas. Cahiram em cima de mim.

MATHIAS — Em cima de ti !

BARNABÉ — Sim, senhor. E eu venho, com perdão da palavra, pedir as minhas contas, por que vou para a Ordem concertar o corpo, que está em petição de miseria.

MATHIAS — Mas cahiram em cima de ti... como ?

BARNABÉ — Como ? Com a maldita bóla, que eu mesmo não sei como ainda não levou esta casa pelos ares.

MATHIAS — Que bola ?

BARNABÉ — A bola do menino. Elle é, desde que se levanta até que se deita, com a maldita bola por ahi aos pontapés, que elle chama chútes. E não ha planta que vingue, não ha pote que resista e cabeça que lhe fique a geito está perdida. Estava eu hoje na escada a arranjar a trepadeira quando, de repente, bumba ! veiu-me a bola á cara e foi isto que o patrão vê. Dei com o corpo em cheio nas pedras, que não sei mesmo como se me não acabou ali a vida. Trambolhão assim, para um homem da minha edade... o patrão comprehende... Quando se é rapaz, emfim, mais osso, menos osso pouco faz, mas com quarenta e oito ás costas e, ainda por cima, com o mal dos rins e a asthma, que me não deixa pregar olho á noite, e agora, ainda com o figado a atazanarme e, por fim, um bolaço d'aquelles...

MATHIAS — E vais para a Ordem ?

BARNABÉ — Sim, senhor. Talvez tenha de operarme, porque o que me está parecendo, cá por certas coisas, é que o machinismo do coração ficou desarranjado com a queda. Isto é como relogio, o patrão sabe. E olhe que foi mesmo em cima das pedras. Quero que o patrão faça as minhas contas, porque vou daqui direito para a Ordem.

MATHIAS, *tranquillisando-o* — Deixa-te estar onde estás. Na Ordem não terás melhor tratamento do que aqui.

BARNABÉ — Mas é que lá ha medicos que entendem destas coisas do interior e na pharmacia disseram-me que talvez fosse preciso pôrem-me em cima uns raios de não sei que... Eu não me quero metter a conselheiro, mas sempre lhe digo, patrão, que se o menino fosse meu filho eu não lhe havia de passar tanto assim a mão pela cabeça. Muito amor... muito amor, mas um dia, com perdão da palavra, chegava-lhe a roupa ao pello para que lhe assentasse melhor. E' como eu entendo que se fazem homens.

MATHIAS — Enganas-te, Barnabé. Homens não se fazem a pancada.

BARNABÉ — Ora, patrão, deixe lá. Não espadélle vosmecê o linho, não trilhe o grão, não pise a uva e não vareje a azeitona e diga-me como se ha de arranjar para ter panno e pão, azeite e vinho. Pancada de pae não quebra osso e põe o juizo no seu logar. Já a barba me pedia navalha e eu apanhava ainda cada cachação que não lhe digo nada. E aqui estou, com a graça de Deus. (*Estardalhaço de vidros quebrados, á esquerda.*) Olhe, lá anda a bola aos vidros. E vae tudo, não escapa nada. Mais dia, menos dia o patrão mesmo vae pelos ares, como esses taes que andam agora ás cambalhotas nas nuvens. Ou eu muito me engano ou este mundo, com as novidades que lhe metteram na cabeça, não vae lá das pernas. (*Renato entra a correr pela esquerda, sarapantado, com uma bola de* foot-ball. *Ao dar com os dois estaca interdicto, procurando esconder a bola*).

MATHIAS, *a Renato, com severidade* — Que é isso ? Tu não tens juizo, Renato ? Eu já não te disse que não quero *foot-ball* aqui em casa ?

BARNABÉ — Com sua licença, patrão... Vou molhar os pannos...

MATHIAS — Vá, Barnabé. Vá. Logo mais virá vel-o o Dr. Taborda.

BARNABÉ, *encaminha-se para a direita, resmungando* — Fosse meu filho e essas orelhas haviam de ficar tão quentes que nellas se poderia accender um cigarro... Commigo não ha civilisações, é á antiga — páu que te rache ! E' como se fazem homens. Vão lá perguntar ao Camões se não provou muito marmeleiro antes de escrever os *Luziadas*. (*Entra á direita coxeando.*)

MATHIAS — Sabes o que estava a fazer aqui o Barnabé ? (*Renato baixa os olhos*). Estava a queixar-se de ti : Que és um menino sem educação, que mereces pancada porque não tens modos. Achas isto bonito, não ? Pois então um velho amigo da casa, que te viu nascer, é para andar assim com a cara quebrada, com as costellas roxas e quasi inutilisado de um braço ? E tudo porque ? por essa mania de *foot-ball*. Agora mesmo acabas de quebrar lá dentro não sei que...

RENATO — Uma coisa á tôa...

MATHIAS — Coisa á tôa... Alguma vidraça ?...

RENATO — Não, senhor. Foi um daquelles vasos da sala de jantar...

MATHIAS, *em voz soturna e desolada* — Um Ginori ! (*Encara duramente Renato, que baixa os olhos.*) Sim, senhor ! Um Ginori !

RENATO — Papae zanga-se commigo...

MATHIAS — Ah ! não me hei de zangar... Fazes o que fizeste ao velho, quebras-me um vaso de preço, arrasas-me o jardim e eu hei de ficar contente, não ?

RENATO — Pois não foi você mesmo que disse que eu devia fazer exercicios para ficar forte ?

MATHIAS — Sim, fui eu. Mas tu chamas a isso exercicios ?

RENATO — Pois então ?

MATHIAS — Não ! Os exercicios praticam-se em campo adequado e não em casa, com desastres e prejuizos. Demais se eu te disse — e repito — que devias fazer espórte, não foi para que enchesses o dia todo com isso, esquecendo os livros e o teu proprio alinho, andando sempre mal amanhado como um garoto das ruas, com a camisa a bufar das calças, as meias escorrendo pelas pernas, os sapatos cheios de lama, suado, despenteado. O exercicio é util, necessario ao corpo, como o alimento,

mas tu não passas o dia todo á mesa, comendo. Tens horas certas de refeição, como as deves ter para o estudo e para o somno.

RENATO — E eu não estudo ? Não durmo ?

MATHIAS — Lá dormir, dormes... dormes até demais. Mas, mal acordas o teu pensamento desce-te logo aos pés como uma botina... e é bola, bola, bola ! Deitas-te com a bola, creio até que a fazes de travesseiro e, quando estudas — se estudas — o que vês no livro como tu mesmo, uma vez, disseste, não é a doutrina, a regra, o problema, o desenho, mas o *goal*. E letras, numeros e figuras movem-se-te diante dos olhos como jogadores de *foot-ball* num campo.

RENATO — Eu disse isso brincando...

MATHIAS — Brincando ? ! Não, disseste o que é, a serio, porque a verdade é que a tua attenção não se fita em outro assumpto. Se conclues o dictado ou chegas ao fim de uma conta logo exclamas : *goal !*

RENATO — E' brinquedo, papae.

MATHIAS — Ah ! brinquedo...

RENATO — Brinquedo, sim. (*Outro tom*) Mas papai não póde negar que eu tenho aproveitado muito com os exercicios... (*Mostrando o braço*) Olhe aqui !

MATHIAS — Sim, mas não basta ter braço forte e perna rija e agil, é necessario possuir tambem espirito claro e prompto, uma alma que seja como a luz, entendes ? como a luz, que é tambem força e a melhor e mais bella da vida. Não é a pulso que se deslocam montanhas e se vencem batalhas, mas a custa de estudo e a golpes de intelligencia.

Um corpo forte é uma armadura, não ha duvida, mas o aço por melhor que seja a sua tempera, vale como força inerte. Deixa sem soldados a mais formidavel fortaleza, retira do mais poderoso *dreadnought* toda a sua guarnição e uma creança os abordará em jangada.

Vieira disse : "Quereis saber o que é uma alma ? olhai para um corpo sem alma". Eu digo o mesmo da força. Adoece e morre o athleta mais possante. Eil-o estendido com todos os seus musculos que rebentavam cadeias, subjugavam touros e agora nem se movem, e porque, se eram elles a força ? Não, a força era o espirito que os animava, como o fluido agita, põe em movimento todo o machinismo de uma officina. No homem esse fluido, ou alma, irradia em faculdades activas, que despertam e desenvolvem energias.

Põe um brutamontes, armado da cabeça aos pés, deante de um destro esgrimista e has de vel-o rolar por terra como uma torre ferida pelo raio. Exercita-te, quero dizer : traze a tua armadura sempre açacalada para que não a recoma a ferrugem, nem se lhe emperrem as juntas, mas não dês todo o teu tempo a tal serviço para que armas tão brilhantes não fiquem acobertando um animo apagado.

Instrue-te se queres ser verdadeiramente um forte. Demais — e isto vem aqui mui de molde — a força não exclue as boas maneiras. Deves lembrar-te dos romances, que leste, cheios da bravura dos paladinos e graciosos da sua gentileza. Aquelles mesmos heróes que se batiam com dragões e gigantes, que forçavam castellos, que escalavam muralhas de cidades, eram os mais espirituosos no galantear as damas e assim como se faziam notar nos torneios e nas batalhas pela coragem chamavam a attenção sobre o airoso dos seus gestos quando, despidas as armas, appareciam galantemente nas cortes. Eram assim os cavalleiros fortes da antiguidade. E o que hoje vemos infelizmente é que, com a preoccupação exclusiva da cultura physica, vão os rapazes esquecendo as boas maneiras e nos salões, quando apparecem, mettem-se pelos cantos onde ficam immobilisados como... verdadeiras armaduras. Está errado. Força, força, pois não, mas sem prejuizo do espirito.

RENATO — Força e luz, como a *Light*.

MATHIAS — Sim, força e luz, como a *Light*, e assim vencerás na vida. A força bruta é como esses rochedos solitarios que só são uteis quando sobre elles se monta um pharol !... Sem luz não são mais do que ilhas estereis e inhospitas, onde não se encontra a sombra de uma arvore para repouso, nem gotta d'agua nascente para a sede — tudo pedra. Bem, vae agora pedir desculpas ao Barnabé do que lhe fizeste com a bola.

RENATO — Não foi por querer. Eu estava *Shootando* a *goal*, elle teimou em ficar na frente... eu tenho um *shoot* damnado... Foi isso...

MATHIAS — Bem... bem... (*Renato vae sahindo. Vendo a bola que ficou sobre uma cadeira.*) Olha a bola...

RENATO, *voltando-se* — Pois papai não disse...

MATHIAS — Eu disse que não quero *foot-ball* em casa e que nas horas do estudo não admitto *goals*... o mais...

RENATO, *rindo* — Ah ! então sim... (*Apanha a bola, sahe a correr e diz do fundo, maliciosamente*) — Eu já contava com isto... papai é torcedor !

Sahe correndo.

COELHO NETTO

GEOGRAPHIA ATRAPALHADA

Nelson — Rio da America do Norte, que é nome de homem.

Palma — Cidade de Goyaz, que está na mão.

Flôres — Ilha da Oceania, que está no jardim.

Côrça — Lago da America do Norte, que é a *fêmea* do veado.

Granada — Cidade de Hespanha, que se usa na guerra.

Bom — Cabo da Africa, que não é máo.

Toledo — Cidade da Hespanha, que é sobrenome.

Corvo — Ilha dos Açores, que é um passaro.

Castro — Cidade do Paraná, que é sobrenome.

Teffé — Cidade do Amazonas, que é sobrenome.

Madura — Ilha da Oceania, que não é verde.

Imperatriz — Cidade do Maranhão, que é *soberana*.

Mascatte — Cidade da Arabia, que é vendedor ambulante.

Pomba — Cidade de Minas Geraes, que é um passaro.

EDGAR VILLELA

O tamanho do homem e dos animaes ao nascer e no seu completo desenvolvimento

A silhueta branca marca o tamanho de cada animal na época do nascimento; a preta indica o do desenvolvimento completo. O veado é, em proporção, o que nasce maior, entre todos os animaes indicados aqui.

PEDRAS PRECIOSAS

A OPALA

A opala tem sido olhada, ha muitos seculos, com superstição: a época presente accusa-a de ser de mau agoiro, ao passo que os antigos a veneravam como pedra de bom presagio e lhe attribuiam o poder de afugentar os espiritos malignos e de inspirar pensamentos puros e sonhos agradabilissimos.

Se hão de attribuir-se faculdades sobrenaturaes ás pedras preciosas, deve a opala occupar o logar privilegiado pela sua extrema susceptibilidade perante as influencias exteriores.

A mudança constante de côr na opala é devvida á refracção da luz numas escamas pequenissimas e numas fendas da superficie, quasi invisiveis, que, á laia de prismas, dividem a luz dando as tintas variadas do arco-iris.

Porém esta combinação de cores é susceptivel de mudanças; tão depressa é brilhante como escura, o que succede com a regularidade das variações atmosphericas, produzindo o calor moderado um effeito luminoso e o calor excessivo, pelo contrario, roubando-lhe o brilho, pois que secca a humidade contida nas céllulas.

Geralmente as pessoas de imaginação ardente consideram com uma especie de admiração e temor os objectos inanimados que têm attributos de camaleão e é naturalissimo que, ao contemplarem a opala, em busca de signaes magicos, tomem como coisa de mau agoiro o facto de a pedra perder repentinamente o brilho.

Não devemos tambem estranhar que nos tempos em que a analyse chimica não estava ao alcance de todos, as opalas parecessem possuir um poder occulto, visto como não existia maneira de explicar o seu aspecto variavel.

Hoje não ha desculpa para semelhante ignorancia, porquanto a sciencia dá-nos diccionarios e encyclopedias em cujas paginas se encontra o que dantes era inexplicavel.

E' um facto curioso que as exhalações do corpo humano, em certas condições anormaes, affectam de tal modo a opala que lhe fazem perder completamente o brilho e a tornam escura e opaca. Então, se até certo ponto póde dizer-se que a extincção do seu brilho é devida á perda da saude de quem a traz, toda a pessoa que raciocinar sensatamente notará que o augmento ou diminuição de resplendor é consequencia natural das condições que rodeiam esta substancia impressionavel e que a opala não póde, de modo algum, exercer influencia sobre a pessoa que a usar.

Um notavel escriptor da Escossia, Sir Walter Scott, é responsavel, em grande parte, de que hoje se acredite na acção perniciosa da opala.

Num seu romance intitulado *Anna de Geierstein*, exaggera de tal modo as propriedades da pedra, afim de realçar o elemento sobrenatural, que os leitores, profundamente impressionados, chegam a olhar a opala com verdadeira aversão.

Na litteratura classica encontram-se muitas referencias á opala.

Plinio fala de um senador romano chamado Nonio, que possuia uma opala grande e preciosa, muito cubiçada por Marco Antonio, que desejava offerecel-a a Cleopatra.

Como Nonio se negasse a vendel-a, Marco Antonio fez com que o desterrassem, para castigar-lhe a obstinação.

Graças aos esforços da rainha Victoria, a opala ficou outra vez em voga. Todas as joias offerecidas pela soberana ingleza tinham opalas. A cada uma das princezas suas filhas, deu ella uma opala magnifica no presente de nupcias.

Compõe-se a opala de silica e agua. A's vezes encontra-se nas petrificações arenosas e nas cavidades vesiculares da calcedonia, especie de quartzo, mas geralmente está em veios curtos e irregulares no porphiro.

Têm-se encontrado muitas opalas lindissimas em Czernowitz, na Hungria, mas já vão ali escasseando.

A opala mexicana ou hydrofana é uma variedade transparente, que offerece por vezes uma linda côr; todavia, a agua destroe-lhe o brilho e por isso não é muito empregada em anneis.

Os persas assignalavam uma pedra preciosa a cada mez do anno. Como curiosidade, vamos transcrever esta especie de calendario de joias:

Janeiro — Granada ou jacintho: significa fidelidade em toda a casta de obrigações.

Fevereiro — Amethysta: preservativo contra as paixões violentas e socego de espirito.

Março — Sanguinea: valor e prudencia para casos difficeis.

Abril — Saphira ou diamante: innocencia, lealdade de caracter, modestia e caridade.

Maio — Esmeralda: symbolisa a verdade e ventura no amor e na amizade.

Junho — Agatha: saude e vida prolongada.

Julho — Rubi: esquecimento ou isenção dos desgostos do amor.

Agosto — Sardonica: felicidade conjugal.

Setembro — Crysolitho: preservativo contra as doenças, paixões ruins e melancolia.

Outubro — Opala ou agua marinha: esperança depois da desgraça.

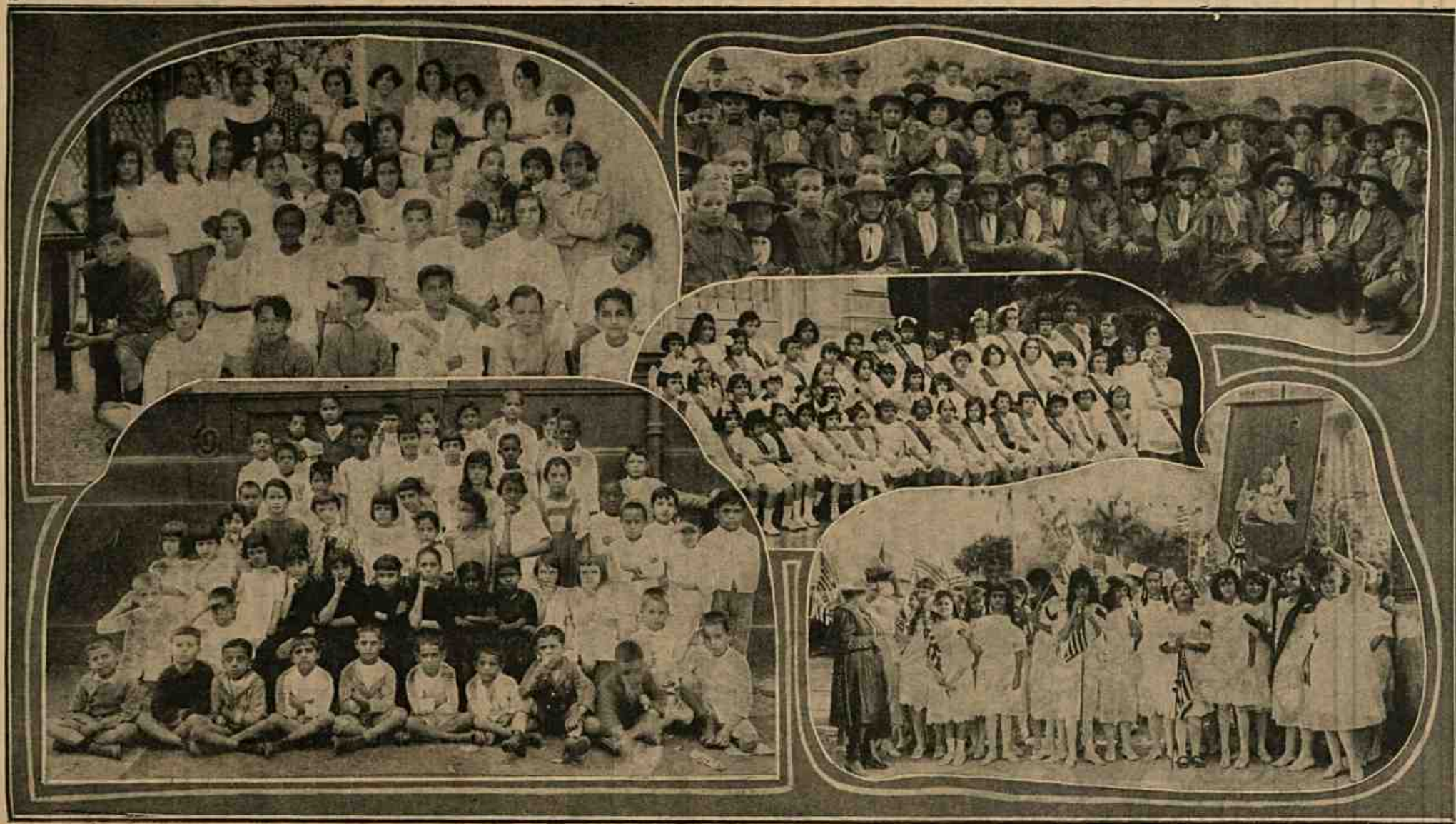
Novembro — Topazio: amizade e fidelidade no amor.

Dezembro — Turqueza: prosperidade no amor e nos emprehendimentos.

O unico ferimento que recebeu Napoleão nas innumeras guerras que caracterisaram seu reinado foi em Ratisbonna em 28 de Abril de 1809.

☆ ☆ ☆

Ha alguns annos fez-se uma estatistica muito interessante. Tratava-se das mãos das pessoas; e verificou-se que havia 2.173 com seis dedos e 431 com sete.

O RIO ESCOLAR

Alumnos de varias escolas publicas desta capital posando especialmente para o nosso "Almanach"

FARFALHICE

MARIANNA.
LUIZA.

Sala. Marianna, sentada em uma poltrona, á direita, com um bordado ao collo. Luiza, de pé junto a uma mesinha, ao centro, desfolha uma rosa, amuada.

MARIANNA

Se te preoccupasses tanto com o espirito como te desvelas com o corpo, mais realçaria a tua formosura, porque onde não ha claridade toda a belleza desapparece. Não pensas sinão em vestidos e chapéos, fitas e rendas e, desde que te levantas até que te deitas, é sempre a mesma lida com jornaes de modas, amostras de tecidos e bugigangas de adorno. Não tens outro assumpto de conversa e estou em jurar que até dormindo são tafularias taes que, em sonhos, enchem o teu somno.

LUIZA

Quem sabe se hei de andar como uma pobresinha, para que as outras riam de mim?!...

MARIANNA

Não! não quero que andes como uma pobresinha... nem em tal eu consentiria, senão por ti, se eu fosse uma indifferente, por mim propria, por que os filhos são espelhos dos paes e se apparecesses mal a culpa do teu vexame seria, e justamente, attribuida ao nosso desamor ou desleixo. Mas assim como passas horas e horas discutindo fazendas e figurinos com a costureira, porque não dás o mesmo interesse ás lições da tua professora?

LUIZA

Então eu não estudo? Sorris?... Queres dizer que sou vadia, não é?

MARIANNA

Digo que se pudesses ver o teu espirito ao espelho como te miras e remiras quando te vestes, terias pena do pobresinho. Quem te vê, linda como és...

LUIZA, *com um sorriso malicioso*:

Não tanto como tu...

MARIANNA

Agradeço o mimo, ainda que a flor da tua lisonja traga os espinhos á mostra. (*Outro tom*:) O tempo da minha belleza passou...

LUIZA

Ora, mamãe... (*De repente* :) E nesse tempo... mamãe não se vestia?

MARIANNA

Oh! minha filha... tambem nem tanto! Não sou tão velha que tenha ainda encontrado no mundo os costumes do Paraiso. (*Outro tom*:) Vestia-me, sim, e com muito gosto, mas não descurava os meus exercicios de composição e piano, desenhava, bordava e, muita vez, para conseguir que papae me levasse ao theatro ou a alguma festa do meu agrado, engambelei-o com guloseimas que eu mesma preparava e, nem por isso (*mostrando as mãos*), como vês, fiquei com as mãos tisnadas.

LUIZA

Mas mamãe quer comparar o seu tempo com o de hoje? Antigamente ninguem fazia questão de trajos.

MARIANNA

Enganas-te. Havia modistas de fama como as não ha hoje.

LUIZA

Pois sim!... Pelos teus retratos de solteira eu faço idéa das taes modistas! Que horrores! Nem eu sei como tinhas coragem de sahir á rua com aquelles vestidos e com aquelles chapéos...

MARIANNA

Estavam em moda, minha filha. Se, nesse tempo, uma senhora apparecesse em publico com esses vestidos curtos que agora se usam todas as portas se lhe fechariam. Hoje, entretanto, é o que se vê e amanhan... quem sabe lá! talvez voltemos á primitiva simplicidade e Adão e Eva reapparecerão na Avenida como andavam no Eden... e será natural. Dantes a menina era tratada como uma flor, vigiada até no somno para que o não perturbassem pesadellos. O mundo da mulher era o lar, a sua maior riqueza a innocencia, o seu mais bello ornamento a educação. Hoje... o mundo da mulher é a casa de chá, a sua maior fortuna a desenvoltura, o seu mais bello ornamento... o tango.

LUIZA, *com intenção*:

E' a moda....

MARIANNA

Sim, é a moda... E ha de ser com tal moda que ella governará a casa, educará os filhos, far-se-á amada do marido, respeitada na sociedade digna, emfim, do titulo, que tanto honra, de mãe de familia. Isto não é moda. Serão modos, se quizeres, e máos.

LUIZA

Já sei... Para mamãe, a mulher deve ser uma prisioneira, sempre mettida em casa, serzindo trapos, provando panellas, sommando as contas dos cadernos dos fornecedores. Criada grave do marido, sem autoridade, sem independencia, uma coisa

MARIANNA

Não é isso que vês aqui em casa. Já me encontraste, alguma vez, serzindo trapos? E se os serzisse? A agulha, entre os dedos da mulher, é um pequenino sceptro.

LUIZA, *ironica* :

E o dedal é uma corôa... na cabeça do dedo. Mas por tal preço não quero eu ser rainha.

MARIANNA

Ai! da mulher que não sabe lidar com esses pequeninos objectos, porque andará sempre... descosida.

LUIZA, *dando de hombros*:

Ora... antes descosida do que remendada. (*Outro tom* :) Para mamãe a mulher que sáe só commette uma falta... e grave.

MARIANNA

Eu saio só. Saio só porque conheço os perigos que ha nos caminhos do mundo... Tu, não...

LUIZA

Eu, não... por que? Quem sabe se não sei evitar um bond, fugir a um automovel, desviar-me de um buraco... ?

MARIANNA

Ha perigos maiores que esses, que se não vêem facilmente.

LUIZA

E'... E' por essas e outras que os homens fazem o que fazem.

Olhe, quando eu me casar, se o meu marido gritar commigo...

MARIANNA

Que fazes...?

LUIZA

Que faço? grito com elle tambem, pois então?!

MARIANNA

Erra.

LUIZA

Ah! Erro? Pois sim... Erro ou não ha de ser ali! A' força é que ninguem me leva, isso nunca!

MARIANNA

Não te illudas, minha filha. A mulher só vencerá na vida emquanto fôr docil, emquanto permanecer nas raizes do seu destino. A mulher é uma resistencia fixa, como a arvore. O homem é o movimento; a mulher é a estabilidade creadora, e dará sombra, flor e fructo emquanto se mantiver no lar, como a arvore nas suas raizes. E' terreno proprio, onde vive, a arvore junto da arvore que o trabalhador repousa.. Na familia, quero dizer: no

terreno proprio, onde vive a arvore produz e agasalha : arrancada, que é a arvore ? lenho esteril.

De que te serve tanta farfalhice, a ti, que ainda és arbusto ? Nem são as arvores mais frondosas as que mais aproveitam á vida. Sem seiva não ha força, não ha belleza nem fertilidade. Folhas, folhas, folhas... isso que monta ? Como queres dar flor e fructo se apenas cuidas de enfolhar-te ? Vestidos são folhas...

LUIZA, *com ironia*:

De figueira, como diz a Biblia.

MARIANNA

Folhas. E, se não tratares de alimentar o cérne, que é o amago, o espirito, ficarás sempre inutil: arvore de ver-se, não de aproveitar-se. Que és tu ?

LUIZA

Eu ? Segundo a tua theoria botanica sou, quando muito, um bambú vestido.

MARIANNA

E's um formoso silencio, uma belleza petrificada como as estatuas.

E é bom que sempre te mantenhas calada para que não percas o encanto com a revelação da tua ignorancia.

LUIZA

Pobre de mim...! E tudo só porque me visto...

MARIANNA

Não será melhor que a belleza do corpo se illumine com o esplendor do espirito, dize ? E's como um cofre artistico no qual a gente imagina haver preciosidades e, examinando-o, nelle apenas encontra fitas, rendas, bordados e quinquilharias, como em caixa de mascate.

LUIZA

Vamos devagar, mamãi. Para que uma menina de quatorze annos, como eu, possa ser arvore, caixa de mascate e não sei que mais, é preciso que tenha costas largas e o meu manequim é 34...

MARIANNA

Sabes o numero do teu manequim, mas se eu te fizer uma pergunta sobre geographia...

LUIZA, *vivamente*:

Não responderei, de certo; nem tu, tão pouco. A geographia é hoje uma sciencia em disponibilidade, ou antes: a ser reformada. A guerra poz o mundo em tal desordem que ninguem poderá dizer, ao certo, onde ficam as capitaes de certos paizes. Constantinopla, por exemplo. (*Arrogante*:) Onde está Constantinopla ?

MARIANNA, *hesitante*:

Constantinopla...? Então eu não sei onde está Constantinopla ?

LUIZA, *com segurança*:

Não sabes !

MARIANNA

Na Turquia.

LUIZA

Qual nada ! Está nas mãos dos alliados, talvez fique com a Inglaterra, talvez se incorpore á França, se não passar aos Estados Unidos. Isto é uma prova de que, em nossos dias, não vale a pena estudar. Como queres que uma pessoa se sente á mesa de trabalho em uma casa desarranjada ? Ponhamos primeiro ordem em tudo e depois... muito bem. Quando as coisas estiverem ajustadas, a paz solidamente estabelecida, os limites das nações fixados, a harmonia... (*Surprehendida*:) E não é que estou fazendo um discurso ? E ainda dizes que sou vadia, caixa de mascate, arvore... Olha, mamãe, garanto-te que poucos deputados falariam de improviso como eu acabo de falar. Intelligencia não me falta.

MARIANNA

Sim, intelligente és, e muito. Mas, minha filha, não basta possuir terra fertil, é preciso cultival-a...

LUIZA, *com um momo*:

Oh ! mamãe... pareces uma fazendeira. Nem que fosses casada com o ministro da Agricultura. (*Sentando-se-lhe ao collo e passando-lhe um braço em volta do pescoço*:) Vou contar-te o que se deu em casa do Dr. Barreiros no dia dos annos de Chiquita. Conheces uma typinha que anda sempre com Sinhá Mendonça ? uma magricella, cara de mamão macho, loura, sardenta, com uma bocca deste tamanho ? Tambem fala tantas linguas que precisa de uma bocca como aquella para contel-as todas. Essa sujeitinha, que era chamada, no *Sacré Coeur*, "Cecilia Universidade" falava, falava por quantas juntas tem, quando um velho, que se achava perto de mim, disse a um outro com quem conversava: "Esta moça é, realmente, instruida, mas abusa da instrucção, como certas raparigas abusam das aguas de cheiro". Queres que digam o mesmo de mim ? Queres ? Não é preferivel que eu me apresente aceiada, como ando sempre, levando no lenço uma gotta apenas de essencia, cujo aroma se dispersa, suave como o da flor, em vez de levar commigo os vidros de perfumarias para entornal-os nos salões ? Não sou pedante. A futilidade de que me accusas é uma prova da fraqueza a que alludistes. Como nos havemos de defender desarmadas ? Se a belleza é a nossa força nem por isso devemos deixal-a á mercê dos golpes... Os mais valentes guerreiros revestiam-se de armaduras de aço; as nossas são de seda, ornadas de fitas e de outros atavios.

MARIANNA, *maravilhada*:

Mas quem te ensinou essas coisas ?

LUIZA

Por que perguntas ?

MARIANNA

Estou espantada, palavra !

LUIZA

Ah ! estás espantada...?

MARIANNA

Sim...

LUIZA

Pois é assim. Não contente com o aroma do meu lenço, quizeste ver a caixa dos meus perfumes. Estás satisfeita ? Eu podia andar pela casa enchendo a bocca com o que aprendo... Não, acho tolo. Uso o perfume com discreção, não trago o toucador ás costas.

MARIANNA

Muito bem.

LUIZA

Já vês que não sou uma caixa de mascate. E agora ...?

MARIANNA

Emfim...

LUIZA

E agora... faço questão da prenda, porque foste injusta, commigo. Bem vês que não sou apenas... um bambú vestido e, se gosto das folhas de seda... não desdenho as de papel... dos livros. Vamos, a minha prenda e já...!

MARIANNA, *sorrindo* :

Um vestido, não ?

LUIZA

Não vê ! Quero muito mais !

MARIANNA

Muito mais !?

LUIZA

Sim, sua ingrata... quero muito mais...!

MARIANNA

Um enxoval, talvez...?

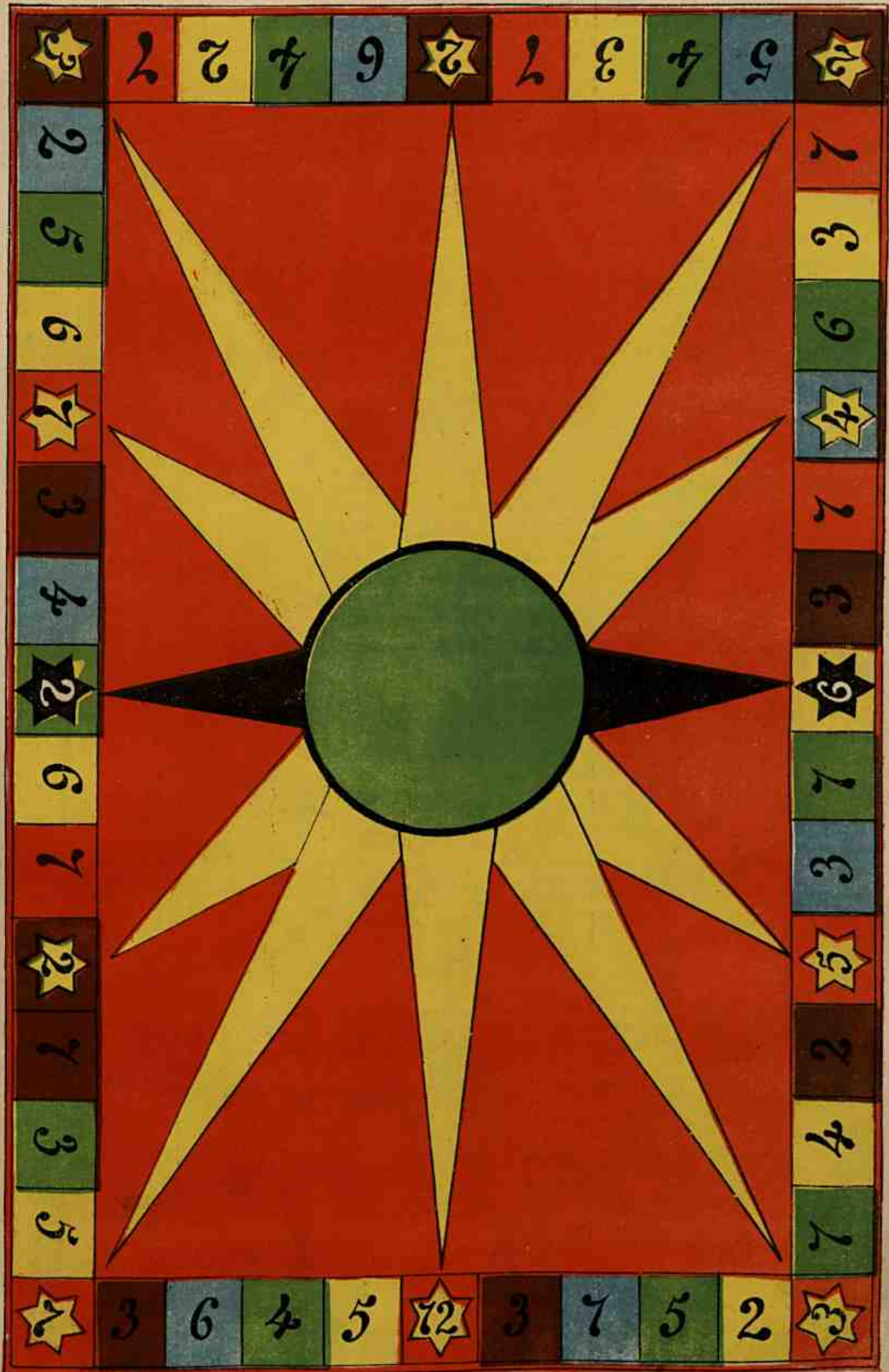
LUIZA

Um beijo ! (*Atira-lhe os braços ao pescoço e beija-a.*)

COELHO NETTO.

PRIMEIRA COMMUNHÃO

A mimosa Malakek Queiroz, residente em Lafayette, Minas Geraes.

O JOGO DA ESTRELLA

(*Vejam explicação no texto*)

Dez contos de réis em tulipas

O tio Zeferino era o mais importante cultivador de tulipas que havia em certo paiz. Cultivava milhares de especies dessas lindas flores, com inexcedivel carinho e orgulhava-se de possuir os mais raros exemplares.

Uma manhã, chegou á sua casa o creado de um amigo, desejoso de falar com o celebre floricultor. Tio Zeferino, como sempre, estava no jardim e mandou dizer ao creado...

... que o esperasse. O servo esperou uma, duas, tres horas... pelo ti" o Zeferino, que não apparecia, e como estivesse com fome e visse sobre a mesa um cesto com tuberculos, muito parecidos com rabanetes, começou a comel-os...

... calmamente. E o homem já tinha comido uns doze tuberculos, quando o tio Zeferino chegou. Ah! o velho floricultor, quasi desmaiou de dôr: o creado de seu amigo tinha comido doze tuberculos de tulipas negras, unicas no mundo, que valiam dez contos de réis!

A caridade da orphãzinha

Joanninha, uma pobre orphã franceza, leu um cartaz pedindo á caridade publica cobertores para os soldados que combatiam nas trincheiras. E ficou penalizada por não poder...

... comprar um cobertor novo para offertar aos soldados. Tambem, coitadinha, só no mundo, vivia como empregada numa casa de chapéos, tendo por ordenado alguns francos, que apenas chegavam para a pobrezinha comer.

Por morada tinha a orphãzinha o porão da casa de caridosa dama, onde alojára sua cama, uma cadeira e uma mala de roupa, seus unicos bens na vida. Pobre assim, como poderia...

... corresponder ao appello que lera no cartaz? Entretanto, no dia seguinte, apresentou-se Joanninha no local onde se recebiam agasalhos para os soldados, levando um embrulho.

— Trago aqui um cobertor para os soldados — disse ella, ao empregado. E sahiu, apressadamente, sem esperar pelos agradecimentos. De noite, Joanninha ajuntou todos os seus vestidos e com elles...

... cobriu-se. A caridosa e pobre menina preferiu soffrer os rigores do frio, a não acudir ao appello em beneficio dos bravos soldados da sua patria.

ARTISTAS
DO CINEMA
Norma Talmadge nas suas
principaes creações

O BONDE

(MONOLOGO)

O bonde em nosso Rio de Janeiro
E' tudo ! E' tudo e alguma coisa mais
Nem amôr, nem saúde, nem dinheiro
São nesta terra tão essenciaes !

Sem o bonde, o Carioca é um navegante
Sem bussola ; é um sino sem badalo,
E' como sem cigarros um fumante,
E' um gaucho sem o seu cavallo.

Eu não posso entender como, nem onde,
Descobriu seu emblema a Edilidade...
Para symbolisar nossa cidade
Esse emblema devia ser um bonde.

Das instituições que, felizmente,
Nos regem, certo o bonde é a primeira ;
Se acaso, elle faltasse, incontinente,
Morria a grã cidade brasileira.

Se o estrangeiro quizer anniquilar-nos,
Com seus canhões os ares não estronde,
Não precisa á metralha estraçalhar-nos ;
Basta fazer com que nos falte o bonde.

O bonde é um templo de democracia,
Onde, isentos de toda distincção,
Têm ingresso, a ralé e a fidalguia ;
Iguaes perante o bonde todos são.

O carro tem feição aristocratica,
Impede o attrito bom da convivencia ;
Dá á gente attitude magestatica,
A pedir tratamento de excellencia.

O bonde, não ; as relações provoca
E faz nascer um mundo de affeições ;
Se o cotovello um cotovello toca
Não tardam a tocar-se os corações.

No bonde vae alguem tomar assento
E pisa um pé : "Perdão !" O outro sorri,
Faz-lhe logar e dentro de um momento
E' "meu caro senhor" pr'aqui, pr'ali.

E como os dous moram na mesma rua
E são do mesmo bonde "habitués",
A amizade encetada continúa
Até que do "senhor" passa ao "você".

Todos os dias é porfiada a luta
Para fazerem lado a lado a viagem ;
Todos os dias cada qual disputa
Para ver quem dos dous paga a passagem.

O estado, a profissão, a descendencia,
Com que idade casou, com quem e onde,
O que pensa do cambio e da Intendencia,
Tudo se diz emquanto rola o bonde.

Da vida aqui dous terços são passados
No bonde, se o meu calculo não mente :
Um destes, nós passamol-o sentados
E o outro, senão mais, como pingentes.

E essa vida, qual bonde, mansa corre
Seguindo burguezmente a mesma trilha,
A's vezes nella um caso estranho occorre !
Ora, o bonde tambem *desencarrilha !*

Mas o famoso carro americano
Muitas vezes torna-nos descontentes ;
Defeitos ha em tudo que é humano
E até no que é divino são frequentes.

Um conselheiro vae dependurado...
Tomou-lhe o canto um latagão trigueiro...
Querem saber quem era o desalmado ?
O capadocio do seu ex-copeiro !

Essa gentil e altiva senhorita
Deve ter asco de estar junto — horror !
Dessa mulata encadernada em chita,
Que esparge em volta um duvidoso olor...

Vêde como ali vae D. Biloca
Resfolegando qual locomotiva :
No assalto ao banco o corpo seu de phôca
Quasi não lhe permitte escapar viva.

Coitado do ditoso passageiro
Que na ponta do banco se sentar !
Não tem descanço em seu trajecto inteiro
Se quizer o seu posto conservar.

Se uma senhora sobe ou desce, presto,
Elle se afasta em rapido meneio,
Vae ao estribo e volta, sempre lesto,
Pois este é o meio de não ir pr'o meio !

Ha, porém, occasiões em que no meio
Quem se sentou nem mesmo a pau se move...
Da ponta todos fogem com receio...
Escusado é dizer que é quando chove.

Mas succede ainda assim vezes sem conta
Soffrer de flanco a gente tal ataque,
Que é forçado a chegar-se para a ponta,
Forrando-a, já se vê, com o proprio... "frack".

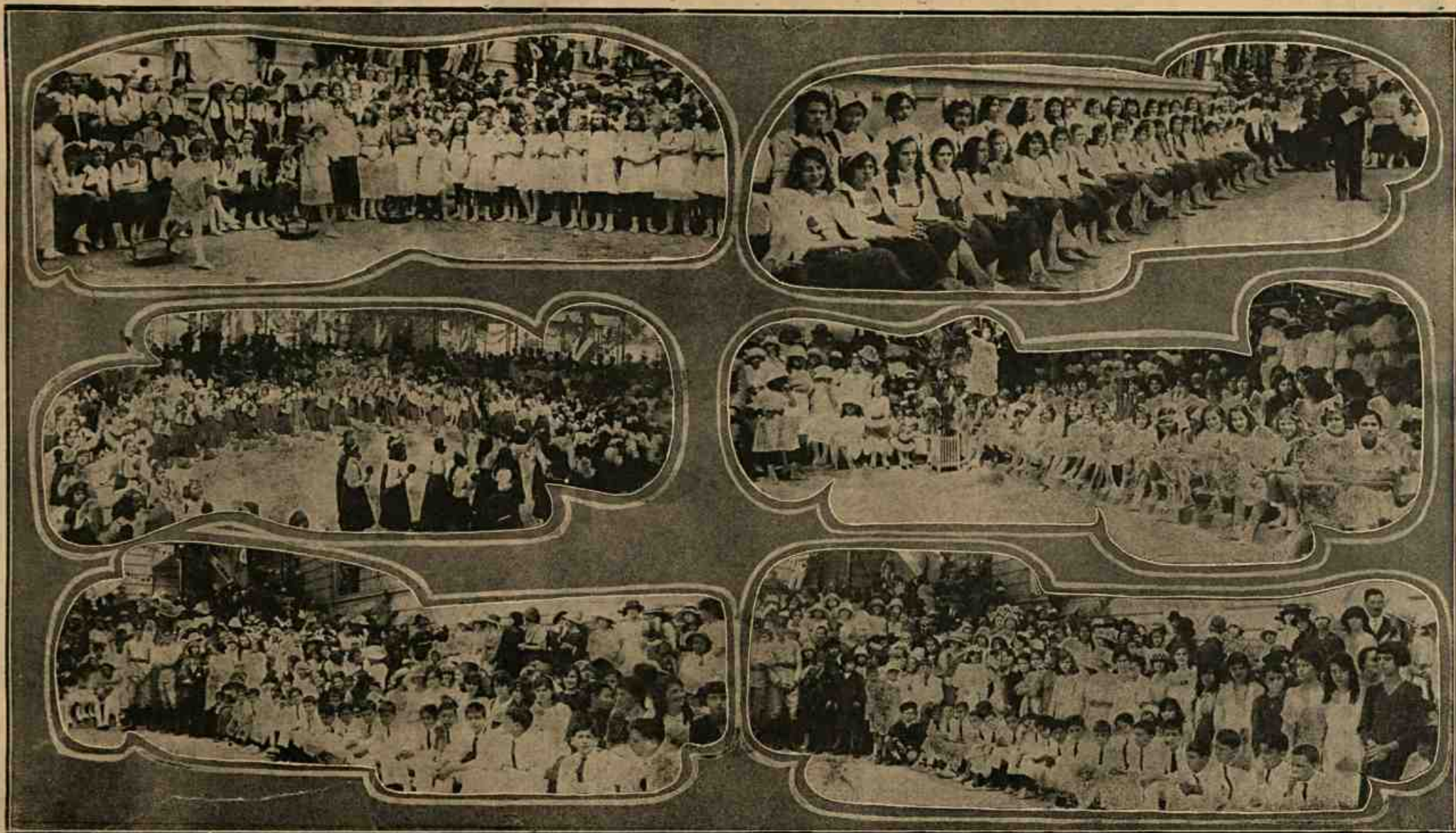
No bonde ha dessas coisas... Mas de tudo
O que nos tira o resto da paciencia
E' soffrer-se um philosopho abelhudo
Que ali faz garbo de sabedorrencia !

Quem pudera parar esse badalo !
Quem pudera conter esse possesso !
Policia eu fosse, e havia de agarral-o
E mettel-o no hospicio ou no... Congresso.

No bonde ha disso... Mas de vez em quando
Tambem se gosa coisa papafina...
Por exemplo... Qual nada ! Eu vou rodando,
Antes que ouça gritar : "Fóra o bolina".

Transcripção enviada pela menina

IRACEMA BELLO

Commemorações civicas em S. Paulo

Aspectos das grandes festas commemorativas **de 7 de Setembro,** realisadas na Escola Normal de S. Paulo

JOGOS E PASSATEMPOS

Nem tudo ha de ser seriedades nesta vida, e até ás vezes as distracções e brincadeiras mais innocentes fazem passar bons bocados a muitos a quem já pintam as cans, fazendo-os retroceder a tempos que, infelizmente, para elles, não mais voltarão. De modo que estas diversões tanto as offerecemos aos nossos leitores pequenitos, como aos seus papás e aos seus avós. Sabemos de fonte limpa o que estamos arrazoando. Homens, nossos amigos, da mais alta eminencia intellectual, grandes professores, notaveis individualidades publicas, — creia que não exaggeramos, — nos têm dito, mais de uma vez, e a alguns temos visto, que, no nosso *Almanach*, encontram, com prazer, a indicação e o ensino de recreações e de jogos, com os quaes se demoram satisfeitos a entreter, em bons pedaços de serão, seus filhos ou seus netos.

Fig. 1

Fig. 2

Figs. 5 *e* 6

Passemos, porém, aos nossos passatempos.

Desenhem, num pedaço de papel, a boneca, apparentemente dupla, da fig. 1; recortem-a; dobrem-a pelas linhas pontuadas; e encontrar-se-ão na posse de uma garbosa e sympathica educanda, como é a da fig. 2; á qual, parece-nos que nada mais se póde exigir, pois tudo tem; mórmente se a tudo se der realce com umas pinceladas de tintas, de apropriada côr, e ligeiros complementos, que deixamos á pericia e ao gosto artistico dos que se encarregarem da sua execução.

De outra distracção da mesma ordem dão clara idéa os desenhos (figs. 3 e 4). Como facilmente se póde vêr, até mesmo quem fôr curto de vista, tanto as dobras como o recorte do papel estão perfeitamente indicados para darem origem ás duas elegantes irmãzinhas de Caridade, que se ostentam nas figs. 5 e 6. Para nitida e feliz execução d'estes passatempos, requer-se papel branco, que seja um pouco forte, o qual, depois, se illumina com tintas de aguada, das que se vendem em fórma de pastilhas em caixas que as creanças bem

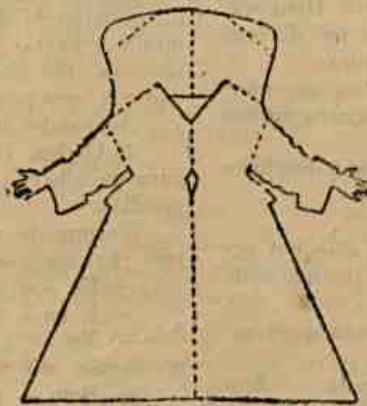
Fig. 3

conhecem dando-se-lhes, assim, mais uma occasião para exercerem a sua vocação innata para a pintura. Naturalmente, discorrerão, sem ser necessario que lh'o lembrem, que devem escolher côres proprias dos habitos que as religiosas usam.

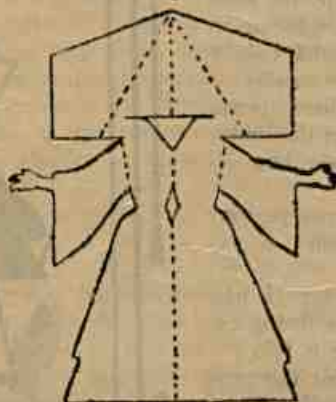
Fig. 4

Por ultimo, para formar um bonito grupo de irmãs educadoras e de creanças, não é preciso mais do que cingirem-se ás indicações perfeitamente claras das figs. 7 e 8. Aquella representa o modo como se deve dobrar o papel e o numero de dobras a

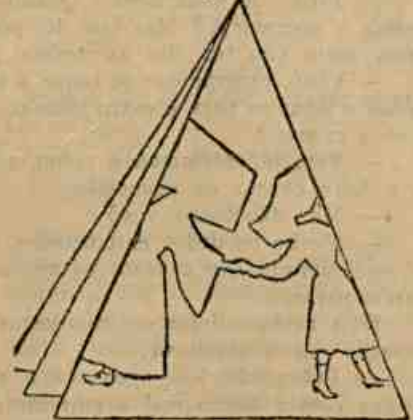
Fig. 7

que elle se deve submetter. A ultima dá-nos o resultado do delicado labor, devendo, para a sua execução, ter-se

Fig. 8

em conta a indicação triangular marcada por pontos e que corresponde perfeitamente á parte desenhada, que se vê no papel dobrado.

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Ao Oscar Cardona

O que vou contar, meus leitores, occorreu em uma dessas noites de Dezembro, em que a neve cobria com seu alvo manto as cidades. Podiam ser sete horas da noite, e as ruas, apezar do frio que reinava, estavam animadas pela gente que se dirigia ao theatro, que naquella noite ia exhibir uma peça de grande attractivo.

Na esquina de uma rua proxima, implorando a caridade publica, achava-se um pobre ancião, cégo e maltrapilho, e uma menina que não contava mais de dez annos, que, tiritando de frio e fome, arrancava as primeiras notas de um velho violino que pareciam sahidas de garganta de passarinho.

Mas, como a noite estava demasiadamente fria para convidar aos transeuntes a deter-se, estes, encapotados, passavam, apressadamente.

De quando em vez, ou melhor rarissimas vezes, cahia alguma moeda de cobre no velho chapéo do ancião.

— Vôvô, sabes que está fazendo um frio de se chupar os dedos ?

— Já ha algum tempo que o estou sentindo e não te disse nada. Como vamos de esmolas ?

— Quinhentos réis — respondeu — Café e pão para os dois

— Pobre de minh'alma ! Quando quererá Deus que comas o necessario ! Mas tem fé, pois algo me diz que nesta noite vão ter fim as nossas desventuras.

— Vôvô, esperas que te toque a loteria, ou que morramos e sigamos para o outro mundo, tu a tocar o violino e eu a cantar ?

— Tem fé, exclamou o velho, acariciando docemente a loira cabeça da pequenita.

— Mas não tocas, vôvô ?

— Tenho os dedos entumecidos, e toco tão mal que se me ouvirem são capazes os transeuntes de me mandarem parar.

E o ancião disfarçou com estas palavras a preoccupação que o assaltava.

— Pobresinha ! — pensava o desgraçado — hoje apenas comeu muito mal e entretanto me é sempre tão dedicada !...

E a menina dizia para si :

—Se crês que te vou dizer que estou quasi desfallecida, te equivocas. Quero que penses que de nada necessito.

Para enganal-o continuou conversando com o avô deste modo :

— Ouve, vôvôsinho, sabes o que me contou o Pedrinho, aquelle menino cégo ?

— Não — respondeu o velho.

— Disse-me que parece que o dia de hoje foi mau para todos os pobres, porque o pobresinho que tocou ao lado do Ministerio da Fazenda, durante a manhã toda e parte da tarde, não recebeu nem um vintem de esmola.

— Pois, minha netinha, do que ouviste dizer, pensa e diz o seguinte:—"Papae ou avôsinho, como te dê vontade, se o dia foi mau para nós, póde a noite ser boa.

— Deus queira !

O povo começava a sahir do Theatro e tres pessoas ao passar ao lado daquelles infelizes pararam ; o velho estendeu-lhes o chapéo, dizendo :

— Dá-me uma esmola pelo amôr de Deus; já não posso ganhar minha vida com o violino; meus dedos estão entumecidos e minha neta morre de fome e frio !

Nas palavras do ancião se revelava uma dor tão profunda que as tres pessoas, dois moços e um velho, commovidos, puzeram rapidamente as mãos nos bolsos, tirando tudo o que tinham.

O primeiro tinha dois mil réis, o segundo mil e quinhentos e o terceiro tres e quinhentos; total, sete mil réis para remediar tão grande infortunio.

Os tres se entreolharam com ar de lastima.

— Meus amigos — exclamou o mais moço,— vamos buscar o que nos falta; que Adolpho toque o violino e acompanhe Gustavo, emquanto eu farei a collecta.

Procuraram um disfarce para não serem reconhecidos.

Começaram.

Nas mãos de Adolpho, o violino fizéra agrupar-se em torno do infeliz ancião e dos musicos aquella multidão que sahia do theatro.

Todas as janellas se abriram; o circulo de transeuntes cada vez mais augmentava; ao terminar ouviu-se uma salva de palmas, e innumeras moedas de prata, cobre e nickel cairam no chapéo do pobre.

Depois de uma pausa, o violino recomeçou, agora acompanhando Carlos, que cantou uma preciosa ballada em voz doce, sonora e vibrante.

O publico, encantado, gritava : "Bis ! Bis !" e a collecta augmentava.

Ante aquelle exito, Carlos disse á menina :

— Agora cantarás tu.

E o violino lançou suas primeiras notas e aquella menina, tiritando de frio, electrizada pelo enthusiasmo, começou a cantar com uma voz de garganta debil, mas tão formosa, tão sentida, tão doce, que arrebatou a multidão e a seus proprios companheiros.

Acabando, não lhes faltou dinheiro nem applausos...

E Carlos, Gustavo e Adolpho viram-se atrapalhados para recolher as moedas, que então eram atiradas das janellas.

Terminado o concerto, a multidão dispersou-se. Os tres chegaram-se ao velho, a quem a emoção suffocava.

— Eu sou a "Fé" — disse o primeiro.

— E eu a "Esperança".

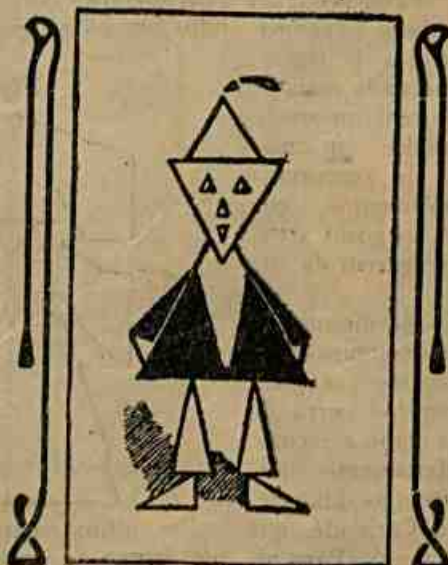
— Eu a "Caridade" — disse o terceiro, entregando ao ancião seu chapéo repleto de moedas.

— Bem — disse o pobre ancião — embora occulteis os vossos verdadeiros nomes, eu vos bemdigo como vos bemdiz Deus augurando-vos grandes felicidades na vida, conquistando as maiores grandezas.

QUIRINO CAMPOFIORITO

Com triangulos

Passatempo para os dias de chuva

Esta burlesca figura é uma especie de ser humano e formada unicamente de triangulos. Incitamos os leitores deste *Almanach* a desenharem, tambem com triangulos, outras figuras de animaes, objectos, etc., assegurando-lhes que não poderá haver divertimento mais facil nem mais proprio.

UMA LIÇÃO

VENANCIO
MARIO

MARIO

de pé, no meio da sala, em attitude theatral, recita com emphase :

Maitre corbeau, sur un arbre perché,
Tenait en son bec un fromage.
Maitre renard, par l'odeur alleché,
Lui tint a peu prés ce langage :
Hé ! bonjour, monsieur du corbeau !
Que vous êtes joli !...

VENANCIO

entrando a tempo de ouvir Mario pronunciar a palavra: Joli:

Ora viva o rei das artes ! (*Mario volta-se e, dando por elle, corre a abraçal-o.*) — Então temos por cá um Joli ! Onde está elle ? (*Olha em volta.*) Será tão pequenino assim que se não veja a olhos nus ? Onde está elle ?

MARIO

Quem, vovô ?

VENANCIO

O Joli.

MARIO

Que Joli ?

VENANCIO

Pois não estavas a falar em Joli ? Joli é nome de cachorro.

MARIO

Não, vovô: é o corvo. O corvo é que é Joli.

VENANCIO

O corvo ! Que corvo ?

MARIO

O da fabula.

VENANCIO

Fabula ? !

MARIO

Sim, a fabula de Lafontaine: *Le renard et le corbeau*, que eu vou recitar no collegio.

VENANCIO

Ah ! vaes recitar uma fabula no collegio... E chama-se: *Le renard et le corbeau*... (*Um momento.*) Em que collegio estás ?

MARIO

No Luso-brasileiro.

VENANCIO

Muito bem. E nesse collegio Luso-brasileiro os meninos da tua idade recitam fabulas em francês...?

MARIO

Da minha idade ?! pequeninos assim! Ha um, que ainda não sabe ler, e já recita que faz gosto.

VENANCIO

Em francês ?

MARIO

Sim, senhor !

VENANCIO

Grande collegio ! E... e não recitam tambem alguma coisa de uns estrangeiros chamados Camões, Bocage, Gonçalves Dias, Bilac, Raymundo Corrêa...?

MARIO

Não. Nós só recitamos Lafontaine, Racine, Victor Hugo... e outros...

VENANCIO

E outros. E o director desse collegio luso-brasileiro é... francês ?

MARIO

Não, senhor. E' brasileiro.

VENANCIO, *meneando com a cabeça*:

Brasileiro...

MARIO

E'... Mas por que fazes tantas perguntas, vovô ?

VENANCIO

Para convencer-me, meu filho. Como tenho os ouvidos duros, quero martellal-os com as tuas respostas para nelles fazer entrar a convicção... do que ouço. Pobres creanças ! E com certeza lá no teu collegio obrigam-te a cantar o hymno, não ?

MARIO

Sim. Cantamos a *Marselhesa*.

VENANCIO

A *Marselhesa*... E o hymno nacional ?

MARIO

A's vezes. Mas não o sabemos bem. E' muito difficil. O outro, sim. (*Cantando com enthusiasmo*:)

Allons enfants de la Patrie
Le jour de gloire est arrivé...

VENANCIO, *tristemente*:

Menos para nós. O nosso "jour de gloire" ainda está nas trevas da indifferença, e só o poderemos ter quando raiar nos corações o sentimento do patriotismo.

MARIO, *surprendido*:

Pois vovô não gosta da Marselhesa ?

VENANCIO

Muito, muitissimo ! Seria ingrato se não a venerasse. E' o canto da Liberdade... Mas não é a voz da nossa patria, meu filho, como o francês, que é um idioma universal, como a luz, não é a lampada que illumina a nossa intimidade, a que nos acompanha nas vigilias alegres ou dolorosas, a que accendemos á beira dos leitos onde choram os que nascem e onde se calam os que morrem. A luz com que os nossos poetas nos mostram as bellezas que possuimos e o segredo das almas que palpitam junto da nossa; a luz com que os historiadores nos guiam no roteiro da vida que temos atravessado, luz de amor, quando nol-a dá um coração de mãe, flammula de heroismo quando faz explosão nos hymnos, luz de consolação quando nos é trazida por um sacerdote...

MARIO, *curioso*:

E que luz é essa ?

VENANCIO

A nossa lingua que, assim como a chamma passa de uma lampada á outra, transmitte-se de um a outro homem, sendo em uns como uma centelha e refulgindo em outros em esplendido clarão. Pois a ti, um pirralhito de oito annos, o professor, em vez de ensinar a lingua com que has de andar na patria, entre os teus, ensina-te o francês, deslocando tua alma do ambiente em que ella se devia desenvolver, amando-o desde pequenino, para outro em que ella sempre será hospede e estrangeira ? Gostarias que te levassem d'aqui, do conforto da tua casa, do carinho de tua mãe, da companhia dos teus parentes para outro lar, ainda que fosse um palacio, onde não conhecesses ninguem ?

MARIO

Eu, não.

VENANCIO

Pois é isso que estão a fazer comtigo no collegio.

MARIO, *ingenuamente*:

E agora...?

VENANCIO

Agora é necessario que teu pae ou alguem por elle, eu, por exemplo, matricule-te em um collegio francês, inglês ou turco, mas onde se ensine, ainda que a titulo de curiosidade, um pouco de português. E' muito cedo para sahires de casa. Emquanto se é pequeno — e nessa idade é que a gente cria as affeições eternas — não se deixa o lar, a companhia dos paes e dos parentes. E' nessa idade que a gente adquire as primeiras noções da vida, ouve as primeiras historias e amolda-se como a cera emquanto está molle. Se, em vez da tua mãe, outra fosse a mulher que te houvesse amamentado e creado embalando-te o berço, velando-te o somno a essa, de certo, estimarias como filho ainda que te dissessem que nasceras de outra. E se, por ventura, a tua verdadeira mãe apparecesse, estendendo-te os braços não lhe responderias ao affecto e talvez, até, os repellisses. Pois é assim com a Patria, meu filho. Nós devemos amal-a desde pequeninos, amal-a em tudo : no céo, na terra, nas aguas; no passado e no presente, nos mortos e nos vivos; nas plantas e nos animaes; na gloria e na desventura, nos seus heróes e nos seus martyres e adorar nella o Deus que encontramos no altar. A lingua é a expressão da Patria, é, como eu disse, a sua luz e é com ella que nos communicamos nas confidencias,

nos amores, nos triumphos e nos desastres; é a senha que nos torna conhecidos. Em qualquer paragem do mundo onde se encontrem dois brasileiros, falando, logo se reconhecerão e é justamente esse fio communicante d'almas que o teu professor substitue por outro que poderá ser mais bello do que o teu, mas que não poderá servir ás contas do rosario com que todos os brasileiros dignos fazem a sua oração á Patria. E essas contas, meu filho, são os poetas, os escriptores, os artistas, os sacerdotes, os guerreiros, os operarios, os agricultores, os industriaes, todos, emfim, que, feitos da mesma terra, ao mesmo sol, formam a cadeia das gerações. Faze-te primeiro em casa, em tua patria, e, quando a conheceres bem e a tiveres toda no coração, sáe então, pelo mundo e não haverá risco de te perderes. Sabes a tua lingua ?

MARIO

Sei.

VENANCIO

Enganas-te. Tu conhecel-a como conheces a terra em que pisas: superficialmente. Se eu interrogar-te sobre qualquer ponto da sua geographia ou da sua historia não dirás palavra. Para conhecer a lingua é mister aprofundal-a, pesquisar nas suas origens, como para descobrir o ouro é necessario descer ao mais intimo das minas. Lá é que se encontram as grandes jazidas dos classicos, os filões preciosos do vernaculo onde todos vão buscar a materia prima com que fazem as obras que admiramos. E aquelle que prefere a riqueza do visinho á modestia do seu lar, se não é invejoso, é tolo e, se não é tolo, é máo, peior que as feras que amam e não abandonam o seu antro.

MARIO, *tristemente*:

A culpa não é minha, vovô.

VENANCIO

Bem sei. A culpa é, principalmente, de teus paes que preferem trazer-te enfeitado com atavios de França nas comedias de sala, a darem-te uma roupa simples — e tambem poderá ser luxuosa — e forte, tecida em nossos teares, com a qual todos nós andamos. E' a vaidade ridicula de querermos ser o que não somos e, desde tenros, tornam-vos hypocritas pondo-vos na bocca um rol de garabulhas: o *oui pelo* sim, e *madame* e *monsieur* e *mademoiselle* e não sei que mais, quando temos prata e ouro, e dos melhores, em casa e só por pedantismo andamos a pedir o alheio. Deixa lá *Le renard et le corbeau*, que são bichos de outra fauna, e contenta-te com a raposa e o urubu', que são nossos. Quando chegares a homem e quizeres ver mundos largos, então, filho, faze com a tua lingua o que farás com a moeda: Troca o teu português de lei por francês ou inglês de um guia qualquer e vae por ahi fóra gastando á farta o teu cambio. Mas cuidado com o capital, porque com esse é que has de viver e não com as moedas de passeio, entendes ?

MARIO, *encolhidamente*:

Vovô fala commigo... Mas que culpa tenho eu ? A culpa é do professor.

VENANCIO

Menos delle do que de teus paes, que deviam fiscalisar, com mais interesse e escrupulo, a tua instrucção. Teu professor só cuida em enfeitar os seus alumnos com pennas de pavão para que façam reclamo do seu negocio. Explora a tua ignorancia e a vaidade de tua mãe que se revê no entono do fabulista esquecendo os deveres do estudante que, em vez do *Renard et le corbeau* devia apresentar-lhe exercicios de composição em linguagem escorreita

O teu professor daria um excellente mestre de papagaios. Antigamente os ciganos roubavam creanças, deformavam-nas, exhibindo-as nas feiras como monstros da natureza. Hoje os mestres, mais criminosos, sem duvida, do que os bohemios vagamundos, deformam a alma, aleijam o caracter dos pequenos que lhes são confiados e aos paes, que lhes entregam um filho são, devolvem um ser desfigurado, araviando uma parlenda atrapalhada como se, em vez do collegio, houvesse frequentado a torre de Babel. Aposto que estás estudando a fabula para recital-a em alguma festa ?

MARIO

Sim, em uma festa no collegio.

VENANCIO

E' isso... E' para recitares em francês nas festas do collegio que teu pae paga uma mensalidade sempre accrescida de extraordinarios, não ? E assim o teu professor faz de raposa e teu pae, com os elogios que recebe pelo que paparagueas nas salas, deixa cahir do bico o queijo, não um, mas um jacá de duzia, a um por mez.

MARIO

Então vovô acha que não devo aprender outra lingua sinão a nossa ?

VENANCIO

Não. Pudesses tu aprender todas as que se falam por esse mundo immenso e terias um thesouro mais precioso do que a lampada maravilhosa. Mas, meu filho, mas vale um passaro na mão do que um milheiro em revoada. Tudo na vida precisa de um ponto de apoio e é no idioma que se firma o pensamento... Outras linguas serão riquezas, mas o necessario é o vernaculo, entendes, o nosso português. E agora venha de lá um abraço pela paciencia com que me tens aturado. (*Abraçam-se.*)

COELHO NETTO.

ALBUM DA INFANCIA

A mimosa Adelaide Blottes, de 17 annos, nossa leitora.

O cavallo e as ostras

Um negociante francez chegára, numa noite de inverno, a uma estalagem de campo. A sala de jantar esestava tão cheia de pessoas, que elle nem se poude approximar do fogo para esquentar-se e, como fazia muito frio, usou de gracejos e disse ao dono da estalagem: "Leva depressa uma duzia de ostras ao meu cavallo". O dono ficou pasmado mas seguiu a ordem e levou as ostras para a cocheira, e todas as pessoas presentes o seguiram para ver o cavallo comer ostras.

Durante este tempo, o negociante tomára um bom logar perto do fogão e esquentava-se. Pouco tempo depois, o dono do hotel veio e disse: "Senhor, eu bem o dizia: o vosso cavallo não quer comer as ostras". Pois bem — disse o negociante sorrindo — eu as comerei".

E devido á sua astucia, teve as ostras e um bom canto perto do fogão para esquentar-se.

Sylvia Carpentieri.

RESPOSTAS

A mãe — Se não tens camaradas, não sei que fazes na rua...
O filho — Procuro arranjal-os.

A EXPERIENCIA DO REI

EXISTIA outr'ora um rei poderoso que só possuia um filho, a quem amava ternamente. A preoccupação constante do velho monarcha era que seu filho não morresse, deixando-o só no mundo. A toda a guarda do palacio fôra dada a unica funcção de velar o joven Principe, que vivia perpetuamente encerrado no paço, sem poder siquer respirar o ar dos campos, pois que seu augusto progenitor receiava que o frio o maguasse.

Fogões e lampadas perennemente accesos aqueciam o quarto, cujas janellas jamais se abriam. O principe apenas tinha autorisação para se mover, pois não lhe permittiam o menor esforço, o menor trabalho.

Apesar de tão solicitos cuidados, o principe tornava-se de dia para dia mais pallido, mais fraco, e o rei seu pae desesperava-se em lamentações:

— Faço tudo que posso por meu filho, mas em vão! Quem me indicará o meio de tornar meu filho forte, robusto?

Ora, como o rei era muito teimoso e cioso de nunca andar desacertado na pratica de suas acções, nenhum dos muitos conselheiros da côrte ousava siquer observar que elle não procedia bem trazendo o principe quasi numa estufa, com cuidados taes como os que se têm pelas plantas. Entretanto, um dos conselheiros, o mais velho e mais avisado, não querendo, talvez por temor tambem, responder directamente á pergunta de seu real senhor, pediu-lhe que o acompanhasse num passeio pelo campo. O rei accedeu. Quando já tinham caminhado varias horas, encontraram um guapo camponez, de apparencia robusta, que lavrava a terra. Vendo-o, tão pobre como era, mas tão rico em saude, o rei disse a seu conselheiro:

— Como invejo a robustez daquelle camponio!

Depois, chamando o rapaz, o rei perguntou:

— Quantas horas trabalhas assim por dia no campo?

— Quatorze horas, magestade — respondeu o mancebo.

— E quando neva ou chove?

— Trabalho do mesmo modo, magestade.

— E não sentes frio, não soffres de rheumatismo?

— Nunca o frio nem o rheumatismo engelharam-me o corpo. A chuva mais inclemente, o temporal mais impetuoso, a neve mais espessa nunca me impediram de trabalhar e jámais me alteraram a saúde. A força do meu braço, a minha disposição para o trabalho, a saúde, o vigor que possuo tem desafiado, Magestade, as intemperies e zombado do mais intenso frio, do mais rigoroso inverno. Para mim, tanto se me dá o sol como a chuva, o calor como o frio.

— E de que te alimentas para poder trabalhar tanto?

— Como pão e bebo a agua do rio que corre lá para baixo...

— Onde moras?

— Numa cabana que eu mesmo construi com troncos de arvores.

— Este homem deve possuir uma força extraordinaria — disse o rei, voltando-se para seu conselheiro. E ainda mais forte se tornaria se tivesse, num palacio, os mesmos cuidados e regalias que meu filho desfructa!

— Vossa magestade pode tentar uma experiencia! — disse o velho cheio de sabedoria. Leve este homem para o palacio durante um mez, mande fechar todas as janellas do aposento em que elle for alojado, ordene aos guardas que o alimentem das mais finas iguarias e não o deixem sahir para o campo, onde o frio, a chuva ou o sol, poderão magual-o.

— De que se alimenta para trabalhar tanto? — perguntou o rei ao joven camponez.

O rei acceitou o alvitre do conselheiro e durante um mez o joven foi tratado como um principe.

Durante esse tempo, porém, suas forças não se desenvolveram. Dia a dia tornava-se pallido e os musculos, outr'ora rijos como barras de ferro, estavam debilitados; perdia cada vez mais o appetite e mal se afastava do fogão começava a tremer de frio como se estivesse doente.

O rei estava admirado. Como explicar semelhante facto? — exclamou. Então o velho conselheiro explicou-lhe que o ar puro dos campos, o trabalho, o exercicio, a alimentação simples e sã eram os melhores auxiliares da saude, e que se o rei desejava ver o filho, o principe herdeiro, forte, robusto, não continuasse a deixal-o nos salões fechados, abafados, do palacio real. Deixasse-o respirar o ar puro dos campos, das montanhas, exercitar os pulmões e os musculos no trabalho, viver, emfim, como um ser humano e não como uma planta numa estufa. — A propria planta, Magestade, sem o calor vivificante de um raio de sol que lhe beije as folhas, sem o bafejo da brisa que lhe mova os galhos ou a haste, sem a gotta de chuva ou do orvalho que lhe prateie friamente as flores, vae mirrando, amarellecendo, murchando até morrer! O homem, Magestade, tem imperiosa necessidade de receber, em plena fronte, os raios do magestoso astro que é o symbolo do dia!

O soberano seguiu o conselho do velho sabio e teve a satisfação de ver seu filho recuperar rapidamente a vida e as forças. Quando o velho rei morreu, carregado de annos e de honrarias, foi um principe então joven robusto que subiu ao throno para governar sabiamente seu povo.

A raposa e o gallo

(FABULA MEDIEVAL)

No alto de uma estrumeira pimponeava um gallo cantando orgulhosamente. Uma raposa, que o appetecia, olhava-o cubiçosamente, agachada, a varrer o chão com a cauda, o que em tal magana é signal de impaciencia.

Bem desejava ella lançar-se á presa tão seductora e se o não fazia não era por escrupulo, mas por estar certa de que o gallo, que não era tolo, ao seu primeiro movimento voaria para um dos ramos do carvalho que ficava ali perto.

Occorreu, então, á espertalhona uma astucia e, fingindo-se enlevada, disse, com a sua costumeira lábia :

— Não imaginas, amigo, como estou encantada de ouvir-te. Passava por aqui distrahida quando a tua voz me surprehendeu. Parei magnetisada e aqui estou com prejuizo dos meus affazeres e ficarei o dia todo a ouvir-te se me quizeres dar tamanho prazer.

Mais vale um gosto do que dois vintens. Que ave ha ahi capaz de disputar comtigo ? Mas o que mais me agrada em teu canto, não é a melodia, mas o timbre argentino da tua voz sem igual. Sem igual, não. Teu pae tinha-o mais puro... E' verdade que elle cantava de olhos fechados...

— De olhos fechados ? ! exclamou o gallo.

— Sim...

— Ora vamos ver se o imito. Arrufou-se o gallo, bateu as azas, fechou os olhos e ainda não havia aberto o bico para lançar a voz de timbre inimitavel e já a raposa lhe cahia em cima, abocanhando-o. E foi-se com elle, a bom correr. Felizmente para o gallo, uns pastores, que por ali andavam, viram-n'a passar e açularam contra ella os cães. Viu-se a ladra atrapalhada e o gallo, aproveitando-se do soccorro que lhe mandavam, disse á espertalhona :

— Olha, dize aos cães que somos amigos e que tu me levas a uma festa que dás em tua casa, e elles não te farão nada. Cahiu a raposa no plano e, abrindo a bocca para tal explicação, soltou a presa e mestre gallo, em vôo prompto, poz-se a salvo no mais alto de um sobreiro, rindo-se, lá de cima, da cara alvar da raposa.

— Tolo é quem fala quando tem a bocca cheia, disse a raposa, fugindo de rabo entre as pernas. E o gallo accrescentou :

— Idiota é quem fecha os olhos justamente quando os deve ter mais abertos.

COELHO NETTO

UMA ARVORE

NUM labyrintho de trepadeiras e cipós entrelaçados havia uma copada e altaneira pitangueira que era o abrigo de uma infinidade de volantes garrulos e attrahentes.

Como eu gostava de ver o seu aspecto na primavera !

A copa espessa e verde, ornada de florinhas brancas e minusculas, que embalsamavam o ambiente com delicioso perfume, era qual joia do oriente, cravada de milhares de aljofares que, por estarem muito tempo em gaveta perfumada, desprendiam odor inebriante.

Eu apreciava muito caçar borboletas junto a essa arvore, que possuia um quê de convidativo, e onde os mais lindos desses insectos polychromos iam pousar em suas frescas e mimosas folhas.

No inverno, ficava ella prostrada por tal lethargo que as folhas, outr'ora tão bellas e agora amarelladas, ao minimo contacto se desprendiam dos galhos. Os passaros, que dantes tinham feito de seu seio perfumado aconchego para se resguardarem com sua prole implume, do mau tempo, deixavam-n'a solitaria e inditosa.

Foi numa dessas solidões que feneceu minha fiel companheira de folguedos.

Desde então choro desconsolada e vivo melancolica, pois não mais vi lindas borboletas para caçar, não mais ouvi, ao despertar, o canoro trinar dos passarinhos que habitavam a pitangueira, que ficava junto á janella do meu quarto !

Que tristeza me invade a alma !...

EDITH DE OLIVEIRA E SILVA

(13 annos).

Illusão de optica

Poderão os nossos leitores dizer-nos sem previa medição, que distancia é maior : se a de *A* a *B*, ou se a de *C* a *D* ?

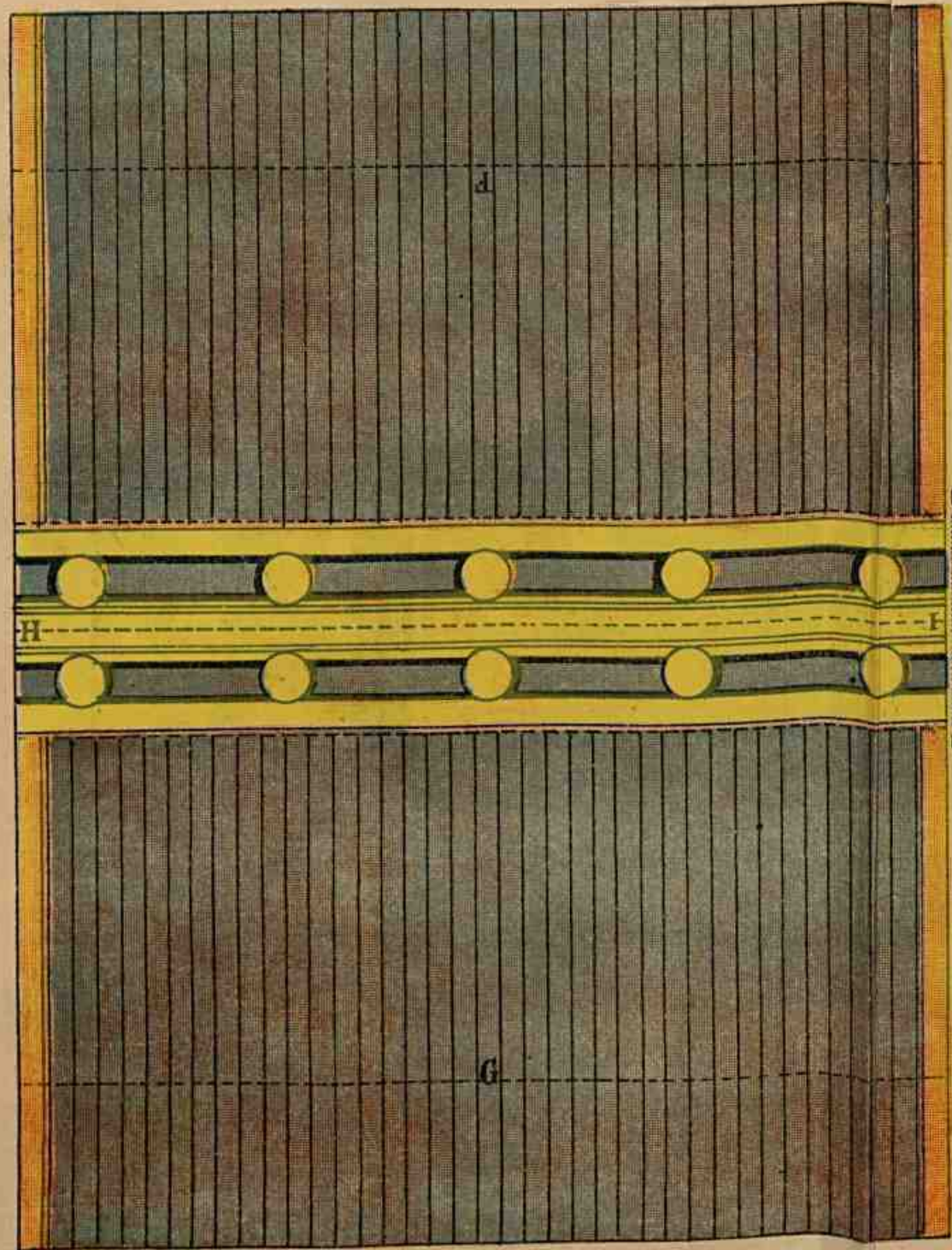
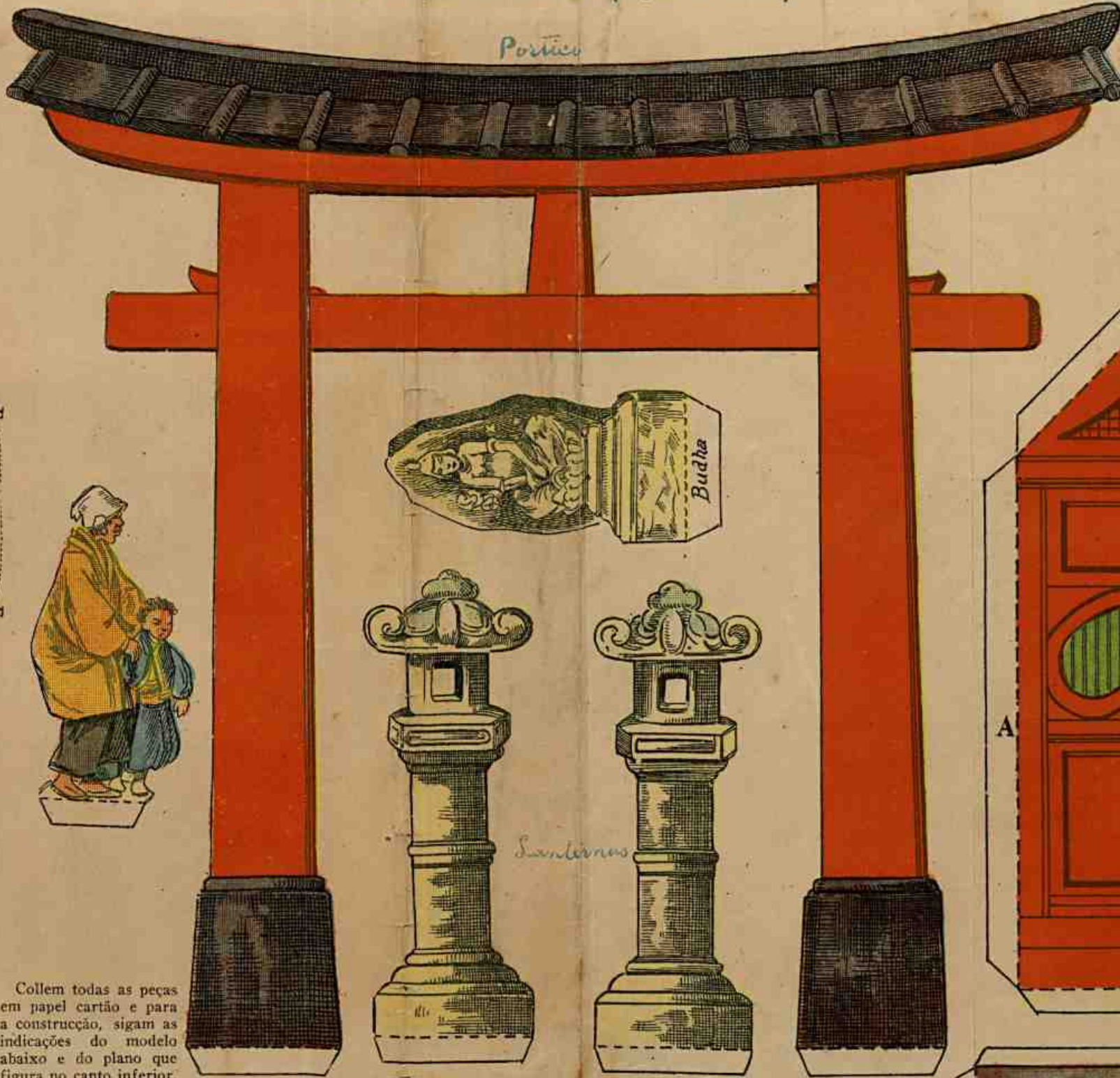
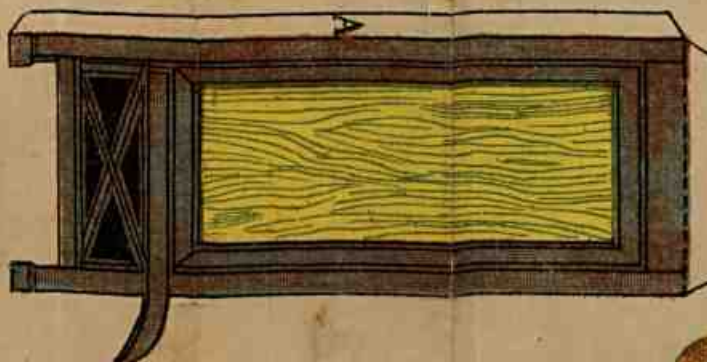
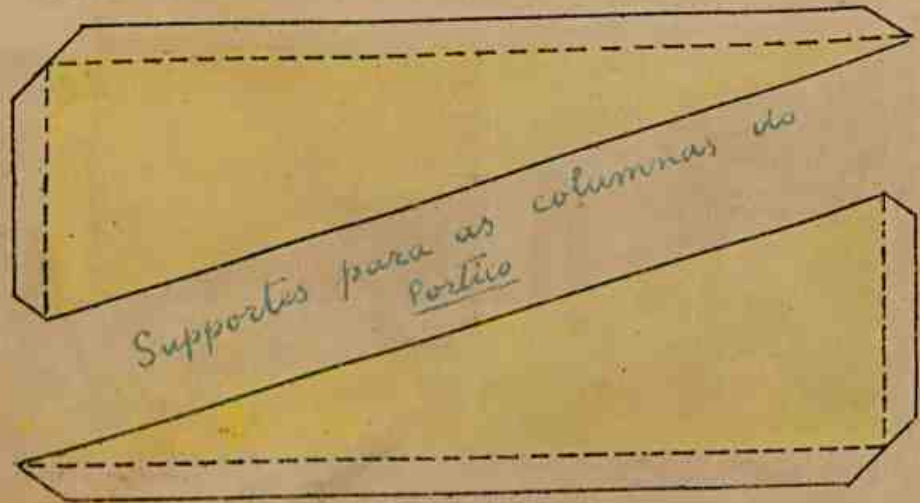
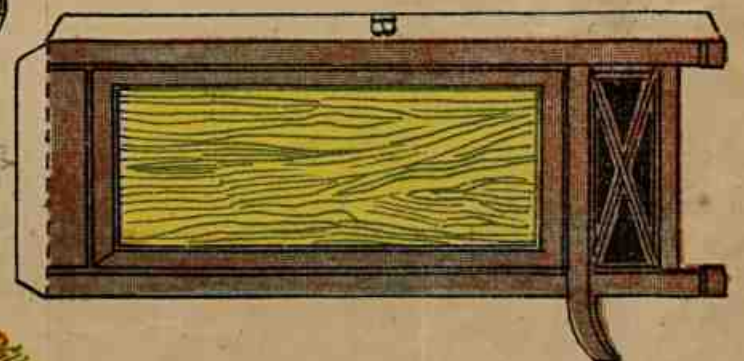
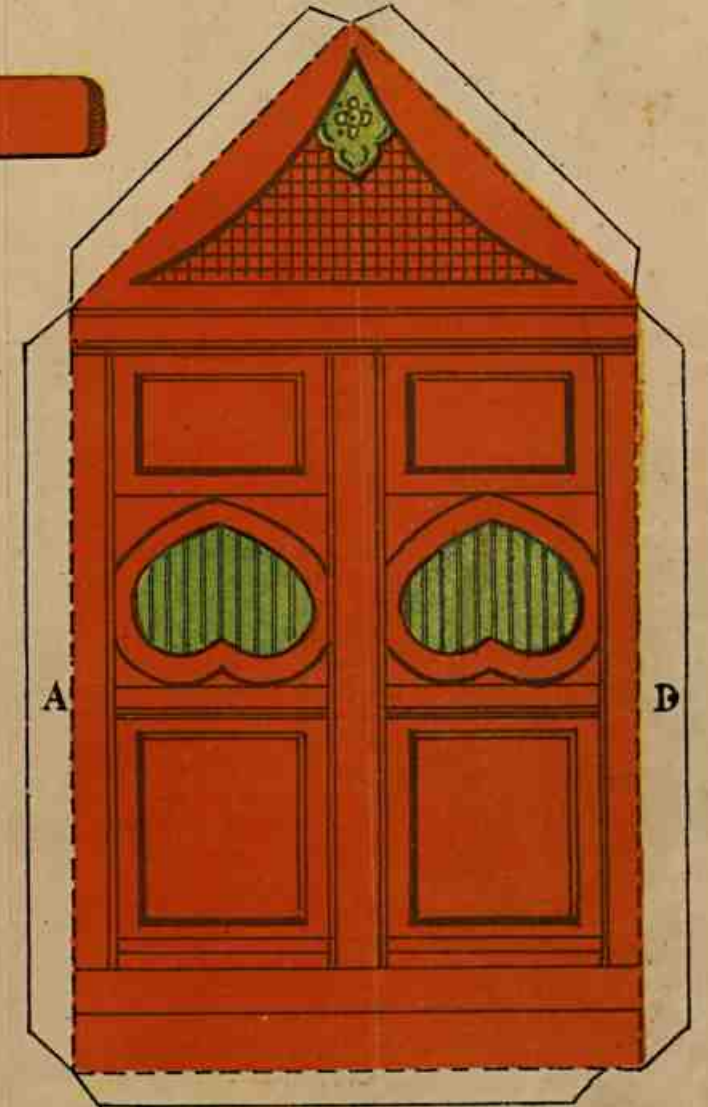
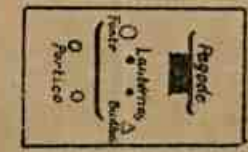
Depois de terem opinado, meçam-n'as com uma simples bitola de papel e verifiquem assim, se acertaram.

Depois, façam apostas com os seus amigos, porque, sabedores do resultado, podem sempre ganhar pela certa.

Palavras ao vento

Vento inclemente, impiedoso e mau !... eu não gosto de ti sómente pelos damnos que causas e pelo mau que fazes... odeio-te como as coisas mais vis e deshumanas... és o mensageiro das desgraças e o conductor de molestias... passas gemendo, uivando e zunindo furiosamente ; arrancando arvores, destelhando casas e gelando-me a alma... vento ferino e cortante ; eu te maldigo mil vezes e mil vezes te exconjuro, insupportavel vento. Não sejas mau assim, eu te peço... não me obrigues a odiar-te mais ainda... não arranques os fructos verdes e as flores que aromatisam as alcovas das virgens... bem se vê que não tens coração, és como certos homens que só procuram fazer mal ao proximo, sem que ao menos a consciencia os condemne ; esses homens podem gostar de ti porque tambem destroem e devastam ; vae portanto para o lado delles fazer-lhes companhia...

Vae, anda, vôa, corre depressa... não continues mais a gelar minha alma...

BENEVENUTO CARDOSO.

O PAGODE JAPONEZ (Pagina de armar)
Portico
Fonte Sagrada
Budha
Lanternas
A
D
B
Collem todas as peças em papel cartão e para a construcção, sigam as indicações do modelo abaixo e do plano que figura no canto inferior, á direita.
Tecto do Pagode (Fachada)
Supportes para as columnas do Portico
Modelo
Para collar nos lados do Pagode
Peregrino
Pagode
Lanternas
Portico
Budha

OS "50 LOUIS" DA PRINCEZINHA

Luiza de França, filha de Luiz XV, tinha um coração excellente, mas não gostava de estudar. Por isso, dava muito trabalho a seu mestre de leitura e de escripta.

Este gentilhomem, após soffrer revezes da sorte, estava numa situação difficil. A princezinha, logo que soube da emergencia em que estava seu professor, dirigiu-se ao Rei e pediu-lhe 50 *louis* para o mestre.

Luiz XV prometteu dar-lhe tal somma sob a condição de vel-a, durante uma quinzena, dedicada ao estudo a ponto de tornar satisfeito seu professor. Maria Luiza dedicou-se com ardor ao estudo.

Uma quinzena depois, munida de um certificado do professor, Maria Luiza foi pedir ao pae a somma promettida, que lhe foi dada.

A princeza, satisfeita, correu a leval-a ao mestre, que a recusou, ignorando a origem de tão generosa offerta. Luiza insistiu; o professor, por delicadeza, insistiu em recusar.

Impacientada a princeza atirou o dinheiro sobre a mesa, exclamando:—Fui tola em ter feito tanto esforço para ganhar este dinheiro, que não quereis receber!

— Talvez seja eu mais bem succedido que a princeza — disse uma voz
O professor voltou-se e inclinou-se, respeitoso, deante do rei que, curioso por saber como a offerta seria acceita, viera e assistira ao fim da scena. Elle disse como Luiza ganhara os 50 *louis* e o professor, com lagrimas de commoção, recebeu então a generosa dadiva.

A sombra do Velludo

João, Jacques e André, passeiando pela chacara, brincavam. Jacques ia enforcar *Velludo*, um cãosinho, que lhes era bastante affeiçoado.

Jacques, fingindo grande emoção, corria a avisar o commissario: — Senhor, lá na arvore está um enforcado, venha depressa.

André, o commissario, com um ar de autoridade mandava cortar a corda. João obedecia e *Velludo*, que não gostava de taes brincadeiras, salvava-se.

Uma tarde, *Velludo* ia ser enforcado. Jacques já lhe tinha passado o nó no pescoço e João correra a avisar o commissario...

...quando gritaram: — Tia Joanna está ahi! Os meninos deixaram os brinquedos e correram a ver tia Joanna, que sempre lhes...

...trazia muitos doces e presentes. Trocaram saudações, abraços, beijos e depois foram para o salão, onde a familia estava reunida.

Bellos doces e presentes foram destribuidos. De repente, Jacques exclamou, olhando para os irmãos: — *Velludo!* Com certeza morreu! O remorso feria-os.

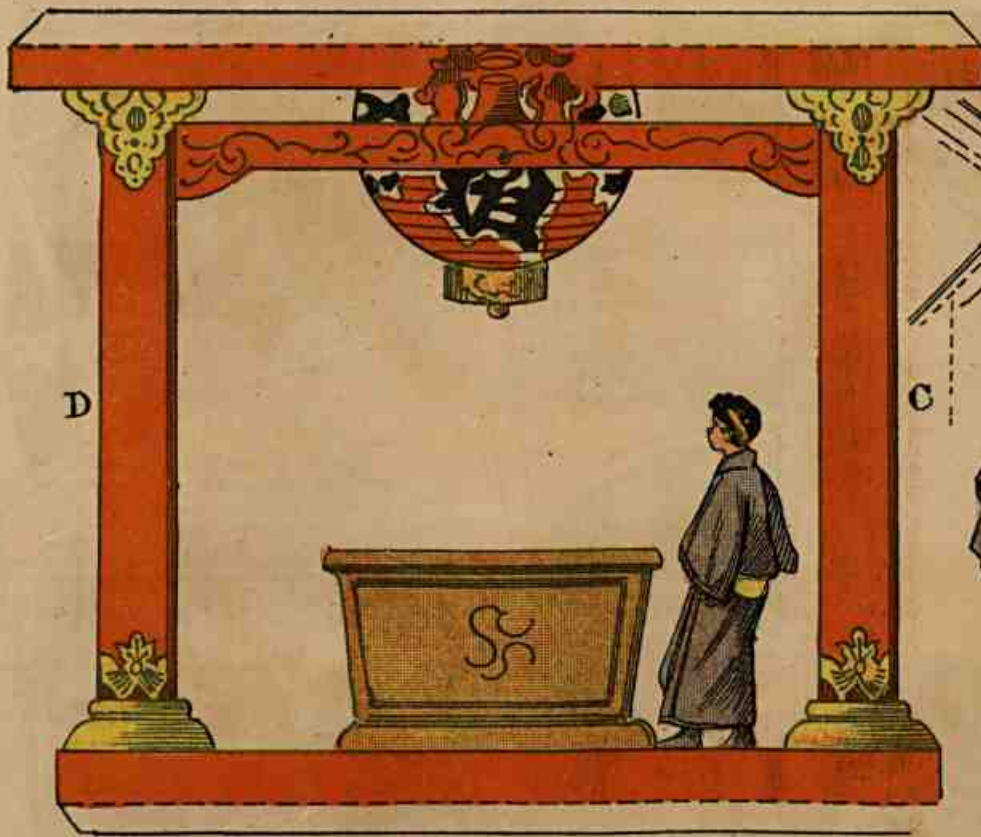
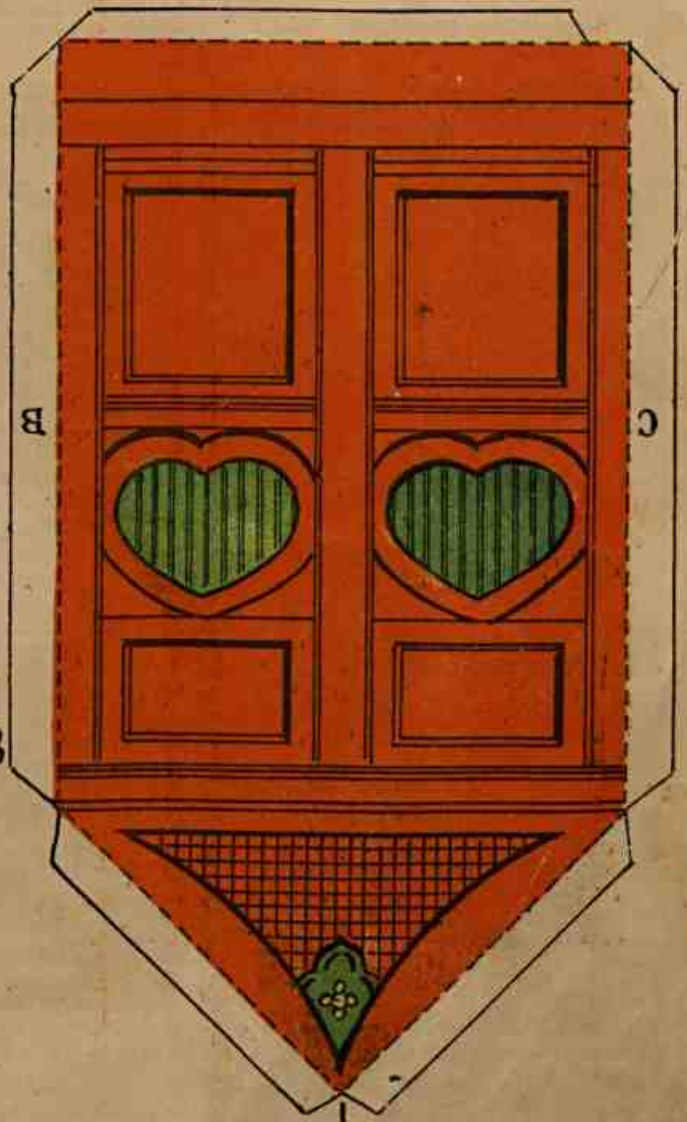
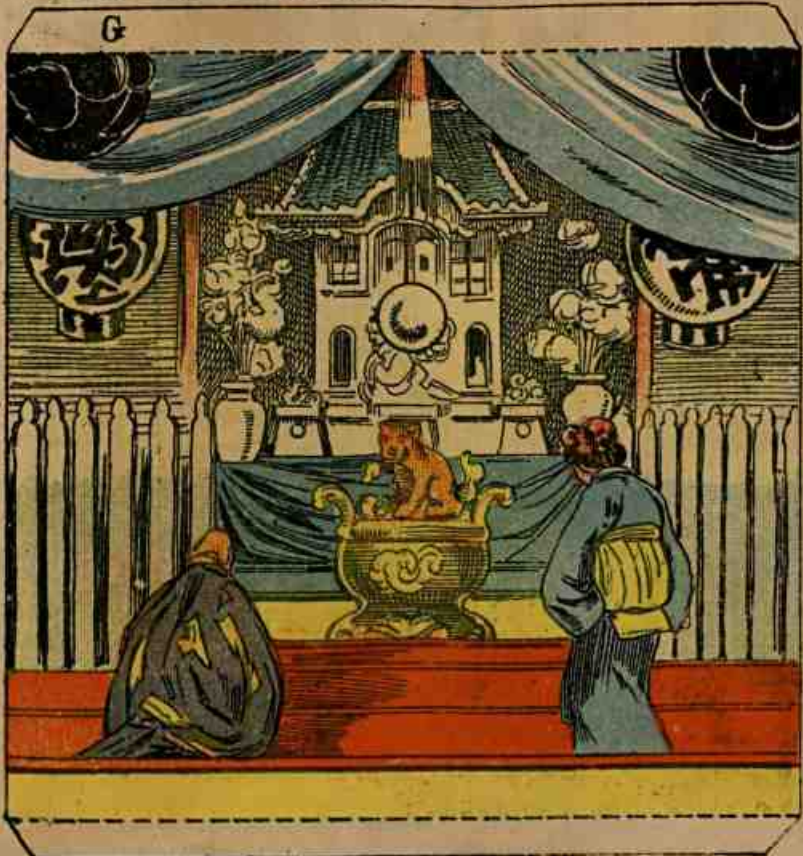
Nada disseram a ninguem com receio de serem castigados. A' tarde, porém, Jacques viu passar uma sombra...

...sombra de *Velludo*, enrolada num guardanapo branco. Jacques começa a tremer, chama os irmãos:

— A sombra lá está! E' *Velludo!!*—Arrependidos, cahem de joelhos pedindo perdão á sombra. Esta, porém, era o...

...proprio *Velludo* em carne e osso, com um guardanapo que lhe cahira ao hombro. Os meninos...

...reconhecem-n'o, affagam-n'o e supplicam-lhe perdão, mimoseando-o com doces e biscoutos que a tia Joanna lhes dera.

O PAGODE JAPONEZ (Pagina de armar, continuação)

A ESPIÃ MALDITA

Num palco improvisado num castello em festas ia-se representar a peça "A Espiã maldita". O castellão em pessoa dirigia os trabalhos. No 4º acto a espiã...

...devia esconder-se atraz de uma columna de dimensões muito exiguas. Dois cavalheiros correriam atraz, procurariam, mas não a encontrariam.

Então a espiã, contente por ter escapado, via uma porta e dizia : Fujamos por aquella porta ! E, com effeito, desapparecia pela porta.

Infelizmente, porém, á ultima hora a pessoa que fazia o papel de espiã torceu um pé, ficando impossibilitada de representar. Que fazer ?

O castellão teve uma idéa : telephonou para um theatro pedindo a presença de uma actriz que conhecesse o papel. Pouco depois chega a actriz. O castellão dá...

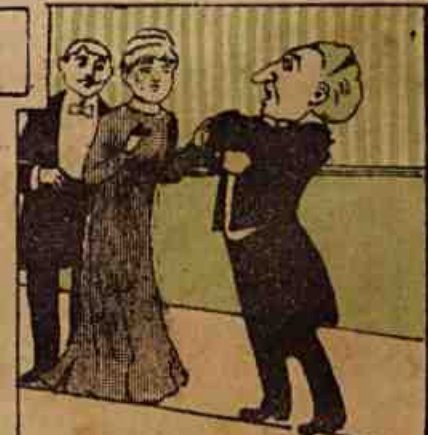
...ordem para começar o espectaculo. O ensaiador, solemne, grita : — Em palco ! — O espectaculo começa. Chega o 4º acto. A espiã tem de se esconder atraz...

... da columna, mas, coitada, é muito gorda, pesa 120 kilos e quando apparece em scena os espectadores riem ruidosamente. Quando se esconde atraz da columna ha uma explosão de gargalhadas.

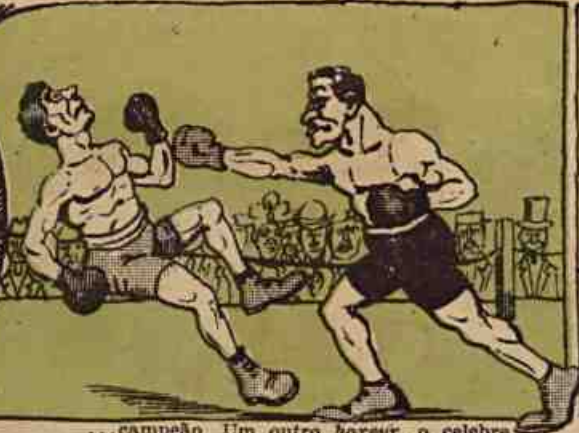
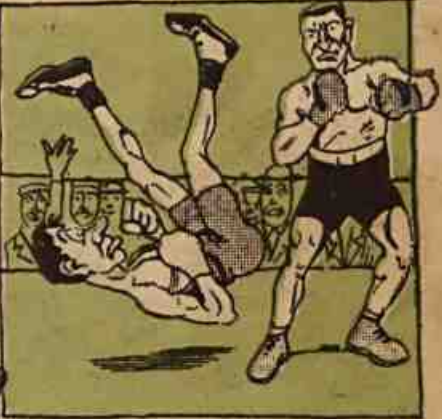
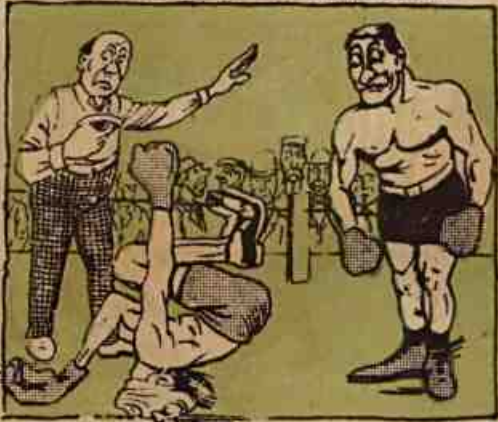
A actriz é maior do que a columna. Os cavalleiros que a procuram exclamam : — Onde está ella ? Onde se escondeu ? Um menino da platéa, galatamente, diz : — Os senhores...

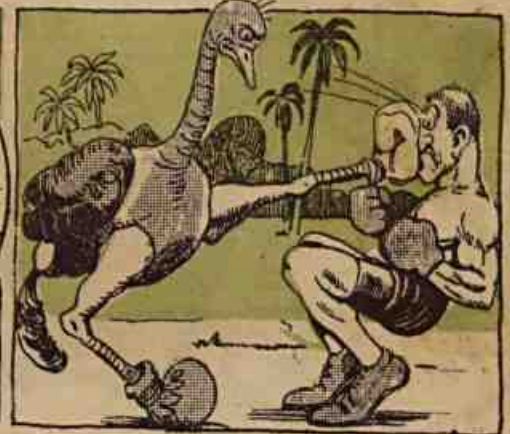
... não a vêm ? Houve um delirio de risos. Os cavalheiros, confusos, sabem de scena e a actriz diz : — Fujamos por aquella porta ! A porta porém é pequena demais para dar passagem ao seu grande corpo.

Mil esforços faz a actriz para ver se consegue passar pela porta. Por fim fica presa entre os portaes e a platéa...

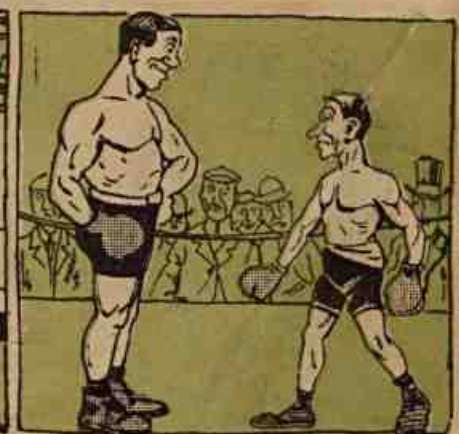
...faz-lhe ensurdecedora manifestação de...gargalhadas. O castellão foi obrigado a interromper o espectaculo e jurou nunca mais levar á scena peças theatraes sem...

... antes ter a certeza de que as portas dêssem passagem ás actrizes.

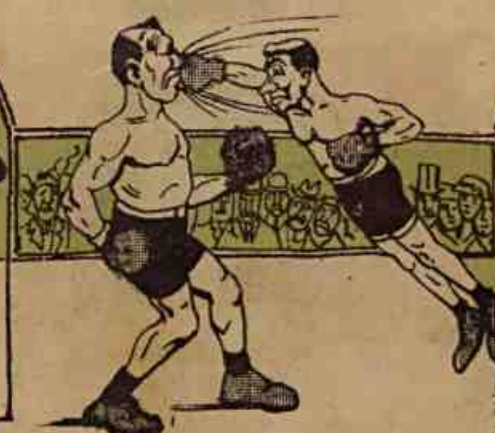
A primeira derrota de Juca Forçudo

Juca Forçudo era campeão mundial de box. Nunca fôra derrotado. Vencera até o famoso Jackson, que era respeitavel...

...campeão. Um outro *boxeur*, o celebre Deygomm não foi mais feliz do que Jackson, pois foi vencido em menos de tres minutos de luta. João Marron, outro campeão das Indias, não se mediu com...

...Juca Forçudo senão uma vez, em que levou formidavel trompasso, gyrou tres vezes no ar e veiu, afinal, cahir ao chão...

...onde deixou, num lago de sangue, cinco dentes e um pedaço da lingua. Estas victorias de Juca...

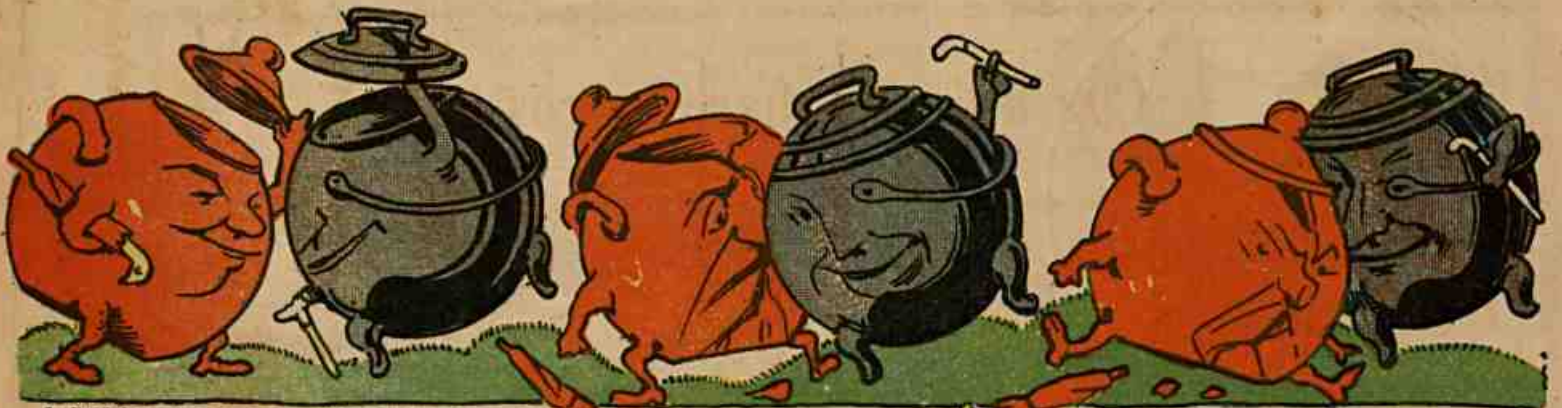
...Forçudo intimidaram os demais *boxeurs* e o nosso campeão foi obrigado a lutar com as féras. Mediu-se com um urso, com...

...um kanguru' e até com um enorme avestruz, vencendo-os todos. Restava bater-se com um leão.

E Juca bateu-se com um leão de verdade, conseguindo abatel-o no fim de duas horas de luta. Um dia, Juca foi procurado por um homemzinho...

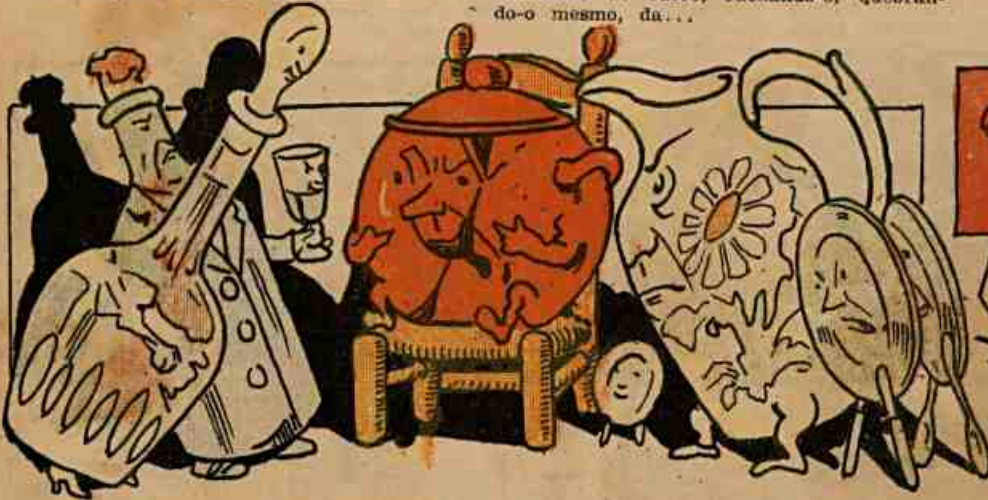
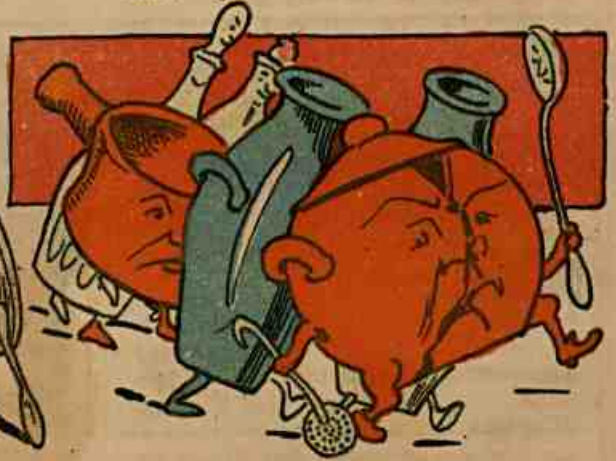
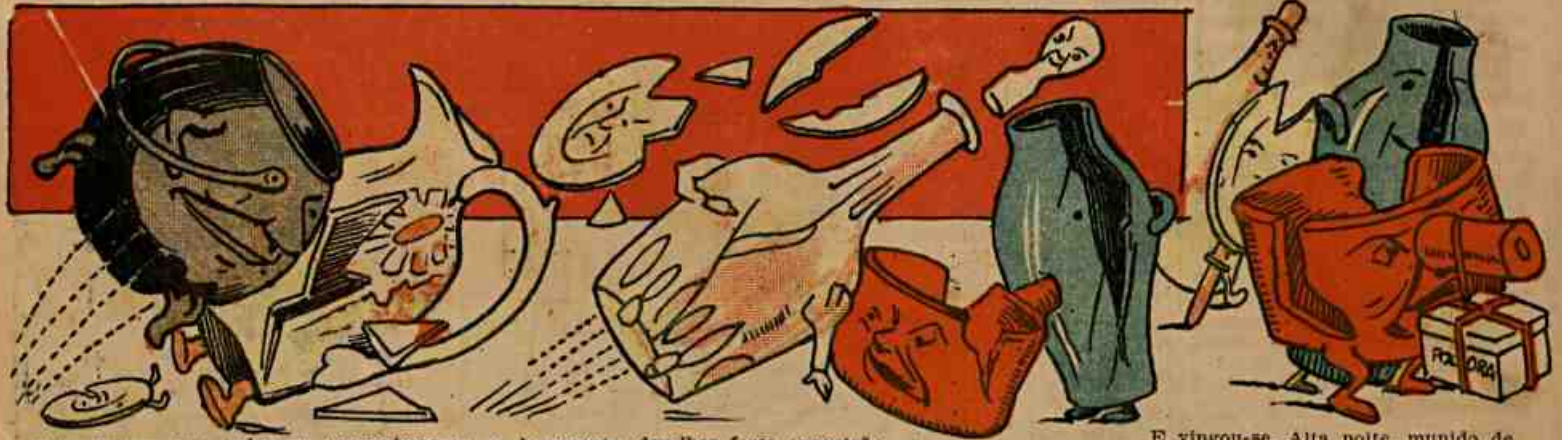
...franzino, que o desafiou para a luta. Juca, sorrindo, julgou tratar-se de um louco, mas Thomaz, o...

...homemzinho insistiu no desafio e Juca não teve outro remedio senão acceital-o.

No dia marcado, os adversarios iniciaram a luta, que não durou senão vinte segundos. Juca olhava com desdem para Thomaz...

...e não observara que este mólhara as luvas com um liquido mysterioso. Juca dá o primeiro socco, Thomaz evita-o e, por sua vez...

...desfere um socco no nariz do campeão, que cáe sem sentidos. As luvas de Thomaz tinham sido embebidas de chloroformio.

A vingança do caldeirão de barro

O Caldeirão de barro era muito amigo do Caldeirão de ferro. Mal se avistavam, tiravam logo as tampas, cumprimentando-se.

Um dia, porém, desavieram-se e o Caldeirão de ferro deu forte encontrão no Caldeirão de barro, rachando-o, quebrando-o mesmo, da...

...bocca ao fundo. E ainda zombou da infelicidade do pobre caldeirão, dizendo, a rir : — Colla teus cacos com gomma arabica !

O Caldeirão de barro, indignado, convocou toda a louça de vidro: garrafas, pratos, jarros, copos e mais os talheres, afim de lhes contar a offensa que tinha recebido do Caldeirão de ferro.

Todos encheram-se de indignação e resolveram ir, incorporados, tomar satisfações ao Caldeirão de ferro.

Este deixou que todos se approximassem e, de repente, deu-lhes forte encontrão, avariando a todos, inclusive a uma caçarola de barro, que jurou vingar-se.

E vingou-se. Alta noite, munido de uma caixa com polvora, foi, pé ante pé, e fez derramar sob o fundo do Caldeirão de ferro, que dormia.

Depois chamou o Caldeirão de barro, que accendeu um estupim para explodir a polvora. E fugiram a bom correr

Momentos depois, um forte estampido atirava aos ares o Caldeirão de ferro, que veiu cahir no lagedo da cosinha, entortando-se todo.

Nessa occasião appareceu o Caldeirão de barro e disse, vingando-se da offensa que recebera :—Não é nada, meu amigo ; colla tuas aiças com gomma arabica !

METEOROLOGIA

Os animaes barometros

PELO habito de viverem na atmosphera, no espaço, as aves, muito melhor do que os mais preciosos e caros instrumentos de meteorologia, são excellentes prophetas do tempo.

A andorinha, tão nossa conhecida e denominada vulgarmente como mensageira da Primavéra, o é tambem da chuva. Quando voa rasteiro, quasi ao rez do chão, é porque está para chover; os insectos que ella prefere tambem vêm á superficie do solo. As gaivotas voam á flor das ondas assim que o tempo começa a mudar.

Se os passarinhos se banham na areia humida, piando de um modo irrequieto, tome sempre o guarda-chuva.

Os gansos que não são tão tolos como parecem, e que desde o bom tempo antigo mostram instinctos divinatorios, parecem desorientados no seu banho quando está para chover, mergulham frequentemente e sacodem-se com inquietação, e quando batem azas e alisam as pennas com o bico, fiquem certos de que não só virá chuva, mas de que haverá uma verdadeira tempestade.

Tambem o "gentil rouxinol que prolonga os seus trinados nas noites suaves de luar até á madrugada" prediz o bom tempo para o dia seguinte!

Mas, se elle suspender o seu canto á meia-noite previna-se, porque o tempo mudará.

A propria prosaica e gorda gallinha indica-nos as variações atmosphericas: sentindo esfriar o tempo, esconde a cabeça na aza, como n'um collar de pennas, e, se ameaça chuva, ella incha como uma bola, rola-se sobre si mesma, fazendo-se pequena, pequena como si quizesse esconder-se.

Igualmente, quando o vivo tintilhão esvoaça na gaiola, fica triste e dá uns gritos surdos, cuidado! a chuva não faltará!

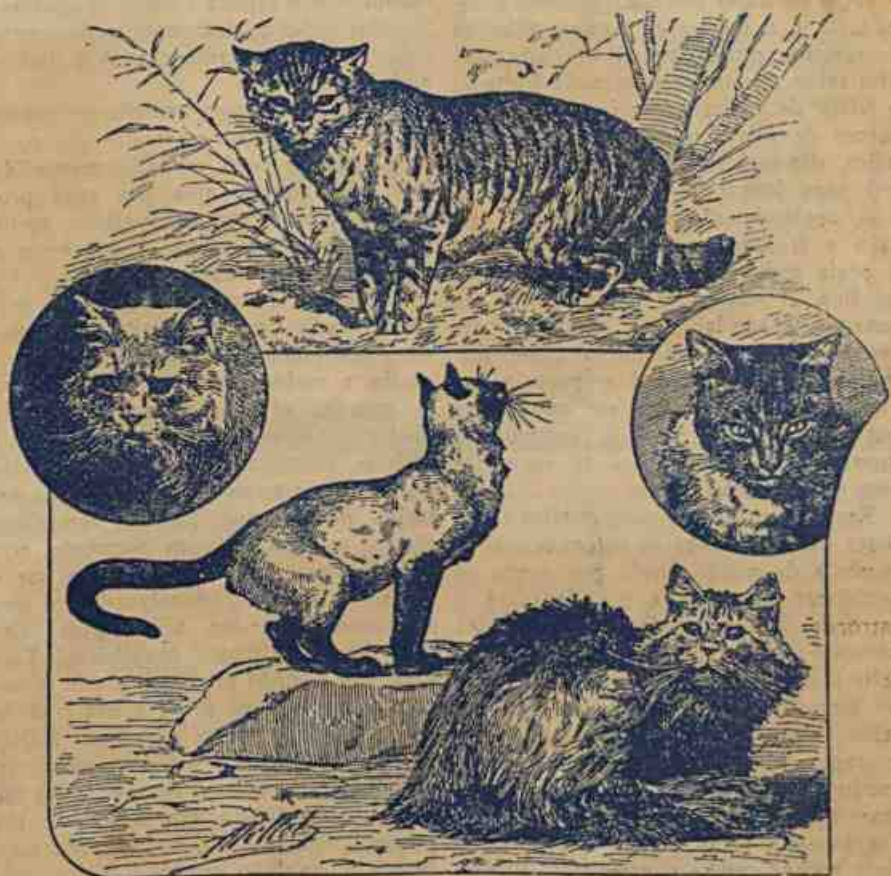
Quando a grande e desconjunctada cegonha, chocando os seus pequenos, incha as pennas escondendo a cabeça no peito é signal de que uma perturbação atmospherica está para produzir-se e mais especialmente na direcção para a qual está voltada a cabeça da cegonha mãe!

Os tordos suspendem o canto manifestando um medo louco. Ao contrario, o gallo, cantando fóra de horas, annuncia a volta do bom tempo; e este manter-se-á assim, quando se ouvir a cotovia voar alto no céo, cantando até perder o folego.

A pava, ao contrario, que de costume pouco se levanta do chão, quando cantar com muita furia, elevando-se no ar, não annunciará nada de bom; e será tambem indicio de chuva quando se virem os pombos entrarem aos bandos no pombal ou pararem para uma longa sesta debaixo de algum abrigo.

Se a codorniz, á volta da primavera, procurar domicilio nos campos seccos, leve um guarda-chuva de preferencia a um guarda-sol, pois o verão annuncia-se chuvoso; se, ao contrario, ella construir o seu ninho n'um terreno alagadiço, póde-se estar certo de um verão secco.

Mas não é só privilegio das aves a predição do tempo.

As chronicas do tempo de Luiz XI contam que, naquelle tempo, o rei de França, tendo organisado uma grande caçada nas suas terras, interrogou os mais famosos astrologos que lhe prometteram um excellente tempo.

Tambem o gato quando lambe continuamente o pello annuncia a mudança do tempo

Mas, a meio caminho, um camponio preveniu-lhe que fazia bem de voltar atraz porque estava para estalar uma terrivel tempestade. O rei, de facto, acceitou o conselho e refugiou-se no seu castello.

Apenas lá chegou, as nuvens abriram-se cahindo agua ás catadupas.

Os astrologos tão pouco prespicazes

A' approximação do mau tempo, o cavallo escorva a terra, relincha, move incessantemente com as orelhas, como temendo o desencadeamento dos elementos

O carangueijo guerreiro

Nas praias pedregosas do Japão encontra-se um gigantesco e bizarro carangueijo com que muitos naturalistas se têm occupado. Os seus instinctos bellicos lhe deram o nome de *Carangueijo guerreiro*. Armado dos pés á cabeça como um combatente, o enorme crustaceo é um campeão intrepido que briga pelo prazer de brigar, pela attracção do perigo e da gloria.

E' o paladino dos mares como o espadarte é o mestre de armas. Não ha certamente outro animal tão brigador. Um seixo agasta-o ; uma onda irrita-o; a vista de um adversario fal-o estremecer de raiva. Só pensando em desafios, elle está sempre á cata de um rival para lançar a luva.

A approximação do combatente agita-o e transforma-o ; e elle percorre a praia como um cavalleiro que entra na liça. A sua casca é um escudo, as suas pinças são lanças. E' o desafio personificado, prova de que o maior inimigo do carangueijo é o proprio carangueijo. Ha familias em que uns e outros se odeiam ; na dos carangueijos guerreiros, os individuos se esquartejam mutuamente.

Encontram-se dois carangueijos : isto basta para que elles se empenhem num combate de morte, tendo por arena os penhascos da praia e por fanfarra o estrondo das ondas. Os dois campeões atracam-se : a poeira voa, a espuma salta ; combatem em terra, combatem no mar. E' ao mesmo tempo uma batalha campal e um combate naval. As couraças chocam-se, encontram-se como machinas de guerra. As pinças projectam-se como arpéos ou cruzam-se como espadas vivas. A's vezes parecem duas rochas que se querem mutuamente escalar. Os escudos estão tão proximos que constituem um só escudo. Unhas, pernas, couraças, tudo se agita, se aperta e se confunde. Finalmente um dos campeões morde o pó : fica prostrado, de costas na areia, immovel e vencido, apontando para o céo as suas armas impotentes.

Pensaes que elle pede mercê ao vencedor ? Jámais. Entre a gente carangueija ninguem se rende. O derrubado ainda desafia, á espera do golpe mortal. Prompto : com as suas grandes pinças, frementes da alegria do triumpho, o vencedor toma a unha do vencido, quebra-a, arranca-a, leva-a e passeia com ella ainda palpitante. Não é um cadaver mas um pobre amputado que elle deixa no campo de batalha.

O triumphador dá voltas pela arena, agitando com orgulho a pinça arrancada, como bandeira tomada ao inimigo. Deixa com vida o adversario, mas toma-lhe a sua espada ; como se quizesse cumular todas as deshonras sobre o vencido, mutila-o, accrescentando a disformidade á derrota.

Nada se compara ao furor bellico de um carangueijo guerreiro em combate. Se no cego encarniçamento da luta, elle segura uma das suas proprias pinças, arranca-a, parte-a, tortura-se sem perceber que é aggressor e carrasco de si mesmo.

A couraça do carangueijo é um perfeito escudo, uma obra prima de factura e resistencia. E' a sua força, a sua gloria e muitas vezes o seu desespero. A couraça effectivamente não acompanha o crescimento do guerreiro e pode-se imaginar o terrivel supplicio que resulta : torna-se o escudo uma estreita prisão, que aperta, comprime, abafa, esmaga. E' um tormento sem remedio, uma camisola de força que o embaraça no andar, paralysa-lhe os movimentos, vence-lhe a coragem. Faz pena ver o brilhante cavalleiro ! Tornado seu proprio prisioneiro, elle arrasta penosamente na praia a sua cota de malhas, que o aperta como um collete de ferro. Parece, na sua dolorosa ancia, perguntar a si mesmo por que Deus lhe deu uma vestidura tão rebelde e tão pequena, quando fez a onda tão elastica e o mar tão grande.

Mas prepara-se uma mysteriosa crise, e a hora da libertação approxima-se. Um bello dia, a couraça estala e o prisioneiro sae da sua prisão, livre e triumphante. E' esse momento a mais interessante phase da vida dos carangueijos guerreiros ; no seu horrivel tormento, o carangueijo atira-se de costas como se fosse morrer, apoia fortemente as pinças doloridas uma de encontro a outra ; afinal a carapaça fende-se e abre-se como muralha carcomida que desmorona ; todo o corpo estremece, palpita, incha ; e as juntas do estreito escudo partem-se pouco a pouco, sob o ventre prestes a estalar. O captivo está livre ! Sae da sua roupa de dor, deixando na areia a velha vestidura que era o seu tormento...

Agora, fica á espera que nova couraça substitua a armadura insufficiente, de que se libertou. Ha carangueijos que succumbem a essa terrivel provação. A armadura e o guerreiro são tão intimamente unidos que, ao deixar a couraça, elle perde muitas vezes a vida.

Até que o novo escudo tenha adquirido a necessaria consistencia, a sua unica armadura é a sua pelle, um pergaminho. Impõe-se uma temporada de vida prudente, de paz obrigatoria, mas tambem de incessantes perigos. Os inimigos do carangueijo guerreiro não se podem gabar da generosidade de que seriam um dia victimas, e, cobardemente, lançam-se cheios de rancor e de raiva sobre o soldado sem armas, ao qual, por uma horrivel morte, fazem pagar a execranda gloria dos seus antigos triumphos.

Ao ataque humilhante e cruel, o carangueijo armado apenas com a sua colera sente reviver os seus instinctos bellicos ; procura por toda a parte o seu escudo ; parece perguntar á areia, ás ondas, aos rochedos, á natureza que o poz nú ; quer o seu escudo, quer brigar, quer vencer ! Onde estão as suas armas ? Mas a natureza, que talvez esteja occupada em armar um exercito inteiro, está agora surda. A couraça não está prompta. E, então, sem defesa, sem resistencia, sem valentia, sem combate, sem gloria, o carangueijo guerreiro, o grande bravo das praias, é devorado como um simples camarão.

COUSAS IMPOSSIVEIS

Pentear uma cabeça de prego.

Nascer um abcesso em um olho de abacaxi.

Coser com uma linha de bonde.

Um dentista collocar um dente na bocca do forno.

Calçar uma botina num pé de vento.

Vestir uma camisa de gaz.

Chumbar um dente de alho.

Arrancar as unhas dos pés duma cadeira.

HEITOR LOPES AMADOR

tiveram que passar um máo quarto d'hora, ao passo que o pobre homem, chamado á presença do rei e interrogado por elle, informou a todos, com grande espanto, que devia a sua sciencia meteorologica ao seu burro ! De facto é sabido nos campos que, quando os burros zurram tristemente, é signal de chuva; o mesmo acontece quando elles caminham lentamente, com as orelhas e a cabeça baixas, como victimas levadas ao sacrificio ; e pobre do cavalleiro que vir o seu burro esfregar-se á parede.

Os cavallos manifestam a sua sensibilidade e sua inquietação antes de um temporal, batendo com os pés e açoutando o ar com a sua cauda. Os mesmos indicios manifestam as vaccas nos prados, voltando a cabeça para o vento, cheirando o ar, mugindo tristemente e lambendo o focinho.

Julga-se que tambem os gatos dêm prova de annunciar a chuva passando graciosamente a patinha humida de saliva sobre a orelha e accommodando-se no chão com as pernas trazeiras preguiçosamente estendidas.

A QUE DISTANCIA SE ENCONTRA O HORIZONTE?

A palavra horizonte deriva-se do vocabulo grego *horos*, que significa limite, mas nós sabemos bem que o horizonte não é o limite real entre a terra e o céo e sim o limite entre o que nós vemos da terra e do céo.

A que distancia se encontra o horizonte? E' uma pergunta que constantemente fazem as creanças. Quando estamos numa praia e dirigimos o olhar para o mar, parece que este se encontra, lá bem distante, com o céo. Vemos entre céo e mar uma linha que nos dá a illusão de ser o fim do mar e o limite do céo. Esta linha é o horizonte.

Do mesmo modo, se estivermos numa grande planicie, onde não existam arvores ou casas para tirar-nos a vista, veremos uma linha, distante, onde o fim da terra parece tocar o céo. Esta linha é ainda o horizonte. A distancia do horizonte varia, segundo a altura em que estiverem os nossos olhos acima do nivel do mar ou do nivel da terra, conforme estivermos no mar ou em terra. A gravura que publicamos junto, explica, claramente, o assumpto destas linhas. O menino, que se encontra em baixo, na praia, olha o mar de um ponto que se acha precisamente a 1m,20 do nivel das aguas. E' a altura a que estão collocados seus olhos em relação ao nivel do mar. Assim, elle só poderá ver até pouco mais de quatro kilometros.

Já o rapaz que se encontra á beira do rochedo, numa altura de 30 metros acima do nivel do mar, verá cerca de 21 kilometros, distancia que constitue seu horizonte, e o que se encontra na torre, numa altura de 45 metros, teria a ver uma distancia de 26 kilometros.

Assim, ficamos sabendo que alcançamos muito maior horizonte á medida que nos elevamos, pois o campo de visão é determinado pela altura em que se encontra o observador. Isso, é facil de perceber, acontece porque vivemos sobre a Terra, que tem a fórma espherica.

Mais facil explicação teriam os nossos leitores para o caso se pudessem observar uma estrada cheia de arvores, que tivesse a fórma de um arco de circulo. Se se collocassem junto de uma das arvores do meio do arco e olhassem, tanto para a direita como para a esquerda, talvez não vissem mais do que o tronco de duas arvores contiguas áquella onde se tivessem collocado.

Se recuassem alguns passos para o meio da estrada e de novo olhassem, viriam, então, maior numero de troncos, se bem que não vissem todos. E se, finalmente, se collocassem no lado opposto, bem afastados do arco um numero muito mais consideravel de troncos lhe entraria no campo de visão.

O phenomeno é o mesmo que se dá quando olhamos o horizonte. A terra é redonda e quanto mais nos afastarmos do solo, maior será o campo de nossa visão e mais afastado estará o horizonte.

O ESTUDO DE GEOGRAPHIA

NÃO ha estudo mais bello e attrahente do que o de geographia. Conhecer o Universo, a sua forma, o que ha de mais importante; conhecer tambem os outros astros que se acham no espaço infinito, é ter satisfação de admirar esta bellissima obra do Creador!

As aulas de geographia eu acho simplesmente uma brincadeira, uma distração para os que as assistem e é verdadeiramente o estudo que se aprende com mais facilidade.

Todos nós temos necessidade de conhecer a geographia, principalmente o — Homem — no commercio sobre a geographia que trata deste assumpto.

O mundo está progredindo; mais ainda é preciso andar para diante.

A Europa e a America são os partes do mundo que estão progredindo mais, a America exporta muita cousa para a Europa assim como para as outras partes do mundo e entre os paizes deste mesmo continente.

E' ou não indispensavel o conhecimento da geographia? Sem elle, não poderia haver a exportação á outra parte do mundo, porque não sabiamos onde ficava situada.

Quem se dedicar á geographia, aperfeiçoe-se bem nesta materia desde creança pois é em creança que della se deve ter as primeiras noções.

As creanças de hoje serão os homens de amanhã. Assim sendo, applicae-vos bem nesta materia e tereis assim a felicidade da familia e da patria!

Antonio José Velho Junior

A SORTE...

... da bala de estalo.

Nossos leitores

Oswaldo Novaes Filho, nosso leitor residente nesta capital.

Os galantes meninos Ary e Serginho, nossos leitores residentes nesta capital.

BÉBÉS

Carlos, de 10 mezes de edade, filhinho do Sr. coronel Ildefonso Simões.

O interessante Evaldo, filho do Sr. Manuel Caminha Ferreira, do alto commercio desta capital

NOSSAS PAGINAS DE ARMAR
O GALLINHEIRO

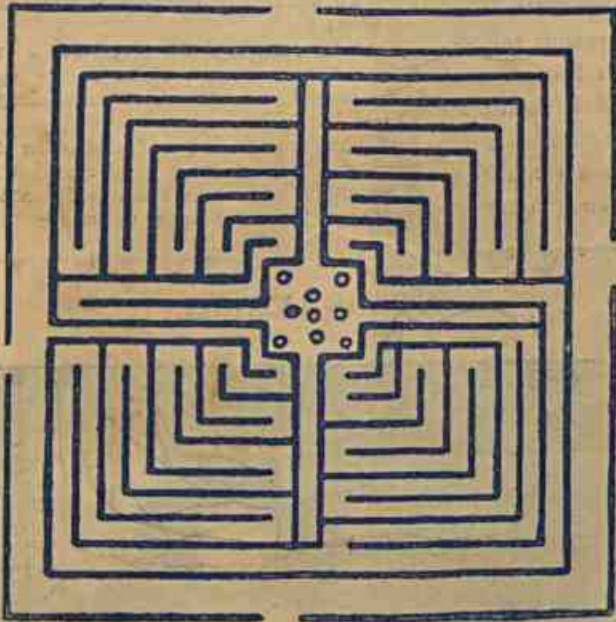
Para a construcção da bella pagina de armar — "O gallinheiro", — que damos no presente "Almanach", julgamos desnecessarios quaesquer outros esclarecimentos além do modelo que se encontra na propria pagina e que elucidará qualquer duvida que os nossos amiguinhos leitores possam encontrar. Toda a pagina é collada em cartolina, excepto o rectangulo que serve de chão, que deve ser collado em papelão.

LABYRINTHOS FAMOSOS

Os labyrinthos, como sabem os nossos leitores, são construcções compostas de multiplas divisões, dispostas de tal modo que é difficilimo achar-lhes a sahida.

Entre os labyrinthos mais conhecidos pelo seu renome na historia, citam-se o de Creta, conhecido pelo nome de Dédalo, o do Egypto e varios em Londres.

Como simples notas de curiosidade, damos a seguir o *croquis* de alguns labyrinthos.

LABYRINTHO CENTRAL DO LABYRINTHO DO EGYPTO

Este labyrintho está situado proximo do lago Morris, no Egypto, e disputa primazias, neste genero de construcções, ás de Dédalo, em Creta. Depois de muitos annos de trabalho assiduo, os archeólogos lograram desenterrar os restos deste labyrintho, e hoje sabe-se que era todo de marmore e de fórma quadrada.

No interior ficava o labyrintho propriamente dito, rodeado por doze palacios, quadrados tambem, os quaes constituiam outros tantos labyrinthos. A obra era disposta em dois pavimentos, um delles subterraneo; e em doze quadrados, chamados palacios, havia nada menos de tres mil edificios separados. Em todo o contorno exterior havia um muro adornado por milhares de estatuas.

Os doze palacios, encerrados no perimetro limitado por esse muro, circumdavam os jardins centraes, cujas veredas e caminhos constituiam outro labyrintho, formando todo o conjuncto uma das sete afamadas maravilhas do mundo.

O LABYRINTHO DE MONTEREY, NA CALIFORNIA

E' um labyrintho, existente no Hotel do Monte, em Monterey. Destinado á exploração commercial, é o maior e o mais antigo que existe nos Estados Unidos. E' trabalho de jardinagem e foi plantado, ha pouco mais de trinta annos, por um jardineiro de grande reputação na America do Norte, chamado Ulrich. A distribuição das suas ruas foi baseada sobre as do labyrintho de Hampton Court, em Inglaterra.

O LABYRINTHO INGLEZ DE LONDON E WISE

E' um dos mais bellos labyrinthos de Inglaterra, paiz onde se encontram multissimos outros, porque os inglezes são muito afficionados á diversão que essas construcções proporcionam. Possuem alguns que são verdadeiramente maravilhosos.

As perolas são como as cebolas

A CRENÇA de que as perolas são ôcas e de que se podem quebrar com a simples pressão dos dedos é erronea. Muito ao contrario, as perolas são duras como uma pedra e custa immenso trabalho quebral-as, mesmo apertando-as fortemente entre os dentes.

O motivo é por serem formadas como as cebolas, isto é, com capa sobre capa, e a differença que ha entre as grandes e as pequenas é aquellas terem maior numero de capas do que as segundas.

Quando se tem usado uma perola durante muitos annos em uma joia exposta ao roçar continuo, como, por exemplo, um annel, perde uma boa parte do seu merito principal, ou seja do seu oriente, que é como se chama aos irisados a que deve a sua formosura; torna-se amarella, suja e opaca.

Não devem apoquentar-se com isso, pois os grandes joalheiros têm sempre nas suas officinas uns especialistas, cuja missão é tirar, cuidadosamente ás perolas estragadas a capa exterior, que se estragou com o roçar. A operação é delicada, porque é preciso não arranhar a superficie, que fica por baixo da capa que se quer tirar; por isso, uma vez realisada, a perola fica tão nacarada e tão brilhante, como se acabasse de sahir da ostra. Claro é que perde alguma coisa do seu valor, visto reduzir-se o seu tamanho, porém não muito, porque as capas são summamente delgadas e de grossura quasi inapreciavel.

O que um homem contém

Qual é a composição chimica de um homem, que pese 70 kilogrammas ?

Sabe-se, com exactidão, pois tudo foi rigorosamente contado.

No corpo humano ha 13 elementos, 5 dos quaes são gazes e 8 solidos.

O homem é, antes de tudo o mais, constituido por oxygenio num estado extremo de compressão. Com effeito, o nosso corpo encerra 44 kilogrammas de oxygenio, cujo volume, á temperatura ordinaria, excederia 30 metros cubicos.

O hydrogenio, cuja densidade aliás é fraca, entra na composição do homem, apenas com o peso de 7 kilogrammas ; mas este peso, no estado livre, corresponde a um volume de 80 metros cubicos. Com o hydrogenio de 12 homens, encher-se-ia facilmente um aerostato de 1.000 metros cubicos, susceptivel de levantar tres ou quatro pessoas.

O peso do azoto figura simplesmente por 1 kg. 72 ; o chloro por 800 grammas e o fluor por 100 grammas.

Entre os elementos solidos, o carvão occupa o primeiro logar. Nós representâmos 22 kilogrammas de carvão. Em seguida, vem o phosphoro, por 800 grammas, e o enxofre por 100 grammas.

O que o nosso corpo não encerra é nenhum metal precioso, o que talvez seja uma fortuna para nós. O metal mais abundante é o calcio, cujo peso se eleva a 1.750 grammas ; depois o potassio, 80 grammas ; o sodio, 70 grammas ; o magnesio, 50 grammas ; e finalmente o ferro, 50 grammas.

Accrescentemos, porém, para que não haja mal entendido, que os diversos elementos estão todos empregados em conbinações muito variadas e formam compostos cuja enumeração seria sufficiente para encher um volume. Todavia, um chimico paciente e com boa vontade poderia destruir uma a uma todas essas combinações e reduzir em ultima analyse o corpo humano aos elementos caracteristicos, que acabamos de enumerar.

Apólogo oriental

Um homem tinha tres amigos : o seu dinheiro, sua mulher e as suas boas acções.

Estando proximo da morte mandou chamar os tres para lhes dar o ultimo adeus.

Disse ao primeiro que se apresentou :

— Adeus, amigo, vou morrer !

O amigo respondeu :

— Adeus : quando estiveres morto, farei queimar um cirio pelo repouso de tua alma.

O segundo veiu, disse-lhe adeus, promettendo acompanhal-o até ao cemiterio.

Finalmente chegou o terceiro.

— Eu morro ! — disse-lhe o moribundo — adeus !

— Adeus, não ! — lhe respondeu o amigo — não me separarei de ti : se viveres, viverei ; se morreres, te acompanharei.

O homem morreu ; o dinheiro lhe deu um cirio, sua mulher o acompanhou até a sepultura e as suas boas acções acompanharam-n'o na vida e na morte.

O BRASIL DO FUTURO

Mario, applicado alumno do Collegio Santo Antonio Maria Zacarias e filhinho do sr. Coronel Ildefonso Simões.

NOSSAS LEITORAS

Maria Simões, filhinha do Coronel Ildefonso Simões, alumna do Collegio Sion, com as fitas de distincção e louvor.

A BELLA PERSA

QUANDO o celebre Harum-Al-Raschid tornou-se califa de Bagdad, resolveu fazer seu sobrinho Zenebi rei de Bassora. Zenebi, que era solteiro, pensou então em casar-se desde que encontrasse uma mulher que fosse digna de se tornar sua esposa e rainha de seus subditos. Chamando seu primeiro ministro, Zenebi deu-lhe ordem de partir á procura de uma joven tanto perfeita em educação e encantos como em belleza, e além disso que fosse dotada de espirito e de intelligencia.

Muitos e muitos dias andou o primeiro ministro por valles e aldeias e cidades e villas, tentando descobrir a joven sonhada por seu soberano. Um dia, pela manhã, um mercador trouxe á sua presença uma joven escrava persa, de belleza peregrina e dotada de qualidades de intelligencia e de espirito maravilhosas. O primeiro ministro, muito satisfeito por ver que ia agradar ao seu amado soberano, deu á escrava um rico aposento em seu proprio palacio e decidiu-se leval-a á presença de sua Magestade. Mas no correr da tarde daquelle mesmo dia, o filho do primeiro ministro, Noureddin, um joven bello e de coração magnanimo, viu a joven escrava e, desde logo, dedicou-lhe ardente affeição. A joven persa, por sua vez, correspondeu á amizade de Noureddin e de tarde, quando o primeiro ministro chegou para conduzir a bella persa ao palacio do rei encontrou-a sentada ao lado de Noureddin, na mais amigavel palestra.

— Malsinado filho! — exclamou elle. E's capaz de arruinar minha vida! Que o rei nunca saiba que adoras a mulher que elle pretende desposar!

Os dois jovens nada disseram, mas o velho ministro viu que aquelles dois seres já se amavam e que seria cruel separal-os. Assim, o velho ministro, após muito hesitar entre a affeição que tinha pelo filho e a fidelidade que devia ao rei, concedeu a Noureddin licença para casar com a linda persa. Resolveu depois dar uma desculpa ao rei, explicando-lhe quanto era difficil encontrar uma joven que possuisse esse rarissimo par de virtudes que é constituido da belleza e da sabedoria.

— Desculpae-nos, senhor, de estarmos dormindo aqui...

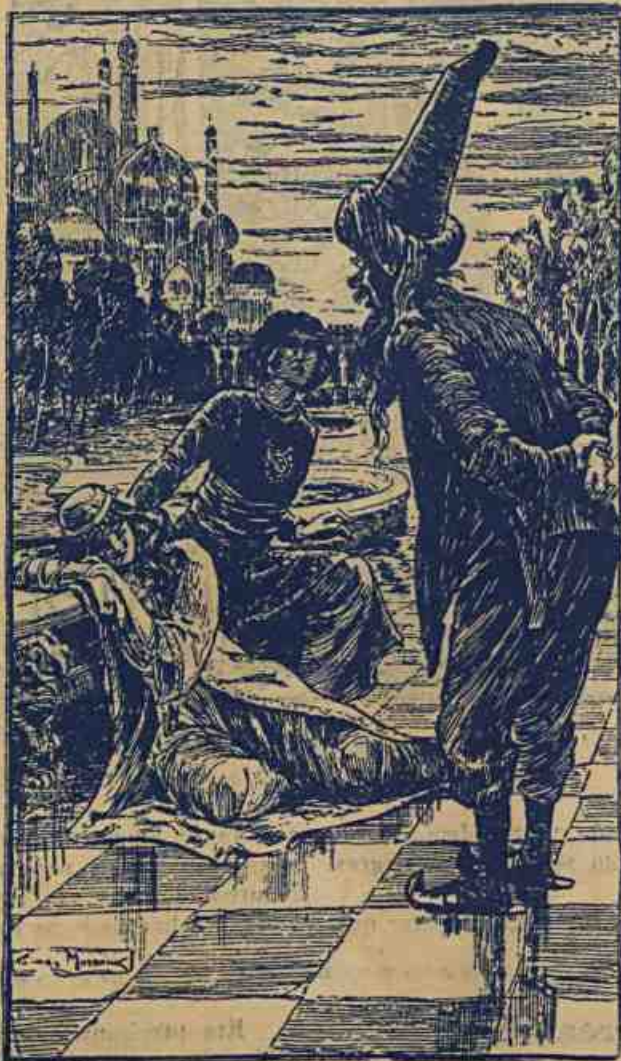
Não tardou muito, porém, e o rei soube da existencia da bella persa, dando então ordens a seus servos para procurarem Noureddin e a joven persa e os trazerem á sua real presença. Felizmente um amigo do joven ouviu a ordem que o rei dera aos seus servos e, immediatamente, communicou-a a Noureddin, que, sem perder tempo, fugiu de Bassora, com a bella persa, para Bagdad.

Chegados a esta cidade, não sabiam onde ir e, após andarem pelas ruas cheias de povo, sentindo-se fatigados, tomaram uma aléa que levava a formoso e esplendido jardim e, ahi chegando, sentaram-se á beira de uma fonte e adormeceram profundamente. Quasi noite um velho chegou ao jardim e despertou-os.

— Desculpae-nos, senhor — disse Noureddin, de estarmos dormindo aqui. Somos estrangeiros, não conhecemos Bagdad e andámos por todas as ruas e praças; por fim a fadiga venceu-nos justamente quando chegámos a este jardim, o mais lindo que tenho visto em toda a minha vida! Quem será o feliz possuidor de tal maravilha, o senhor?

O jardim era uma das muitas e das mais sumptuosas propriedades do grande califa de Bagdad, e o velho que despertara os dois jovens era o guarda do palacio. O velho ficou tão orgulhoso de ser tomado como o dono do jardim que convidou Noureddin e a bella persa para visitarem a casa de campo senhorial, que se erguia ao centro do jardim, justamente defronte do palacio do califa. Levando os jovens pela sumptuosa escadaria de marmore, o velho introduziu-os num grande salão dourado ornado dos mais ricos thesouros do paiz. A' vista de tanto esplendor, Noureddin, doido de satisfação, deu ao velho, como recompensa, um punhado de moedas de ouro, dizendo:

— Permitta, senhor, que dê uma festa aqui. Leve este dinheiro a um de seus escravos e peça que compre as iguarias mais finas, os vinhos mais raros e os fructos mais caros!

O velho correu á cidade para comprar o rico farnel e voltou com as provisões á casa de campo

onde Noureddin e a bella persa, após terem feito accender as lampadas que pendiam das oitenta janellas, sentaram-se á mesa, para a festa.

Do seu palacio, o califa via a casa de campo e ficou verdadeiramente surprehendido por ver accesas todas as lampadas do salão da casa. Qualquer outro soberano teria enviado um de seus cortezãos para inquerir do facto, mas Harum-Al-Raschid gostava de tudo ver com seus proprios olhos. Disfarçado em mendigo, o califa entrou no jardim e foi até á casa de campo, onde chegou justamente na occasião em que a bella persa, ao som de um polycordio, cantava maviosa canção.

— Que voz melodiosa! — disse elle. E' bem possivel que encontre um meio de ver esta maravilhosa cantora sem que me reconheçam. E poz-se a pensar quando viu passar pelo jardim um vendedor de peixes. Chamando-o, o califa indagou se queria vender os peixes que levava.

— Quero, custam dois mil réis!

O califa comprou-os, pagou-os e, entrando na casa senhorial, dirigiu-se a Noureddin:

— Vejo que daes uma festa e trago-vos estes dois peixes para figurar no cardapio!

— Muito bem, respondeu Noureddin, ide vós mesmo á cosinha preparal-os!

— Vejo que daes uma festa e trago-vos estes dois peixes para figurar no cardapio!...

O califa obedeceu, voltando pouco depois com os dois peixes fritos, que foram servidos aos alegres convivas.

Quando Noureddin provou o pedaço de peixe que lhe foi servido, deu a Harum-Al-Raschid um punhado de moedas de ouro, dizendo:

— Acceitae este modesto presente. Nunca saboreei tão gostoso prato!

O califa acceitou as moedas de ouro e agradeceu a Noureddin nestes termos:

— E eu posso pedir-vos um favor? Tenho vontade de ouvir esta joven cantar uma das suas bellas canções!

A bella persa accedeu immediatamente e, afinando o polycordio, tangeu-o com arte e cantou varias canções, lindas, harmoniosas, arrebatadoras, que o califa, encantado, ouviu sem se cançar.

Nos intervallos das canções, Noureddin contou ao califa a historia do seu casamento e da sua fuga para Bagdad.

Harum-Al-Raschid revelou então a Noureddin que elle era o califa, mandando depois uma carta ao rei Zenebi na qual havia a ordem de renuncia a favor de Noureddin e da bella persa, que se tornaram, assim, reis de Bassora.

Para tomarem posse do sceptro que o califa lhes dera, os dois jovens embarcaram num dos navios da esquadra de Bagdad, o mais bello de todos, cujas velas eram de seda e de purpura e os remos de prata e de ouro puro.

Quando chegaram a Bassora, o povo, em imponentes festas, os recebeu e durante longas semanas houve por todo o reino solemnes festejos para celebrar a feliz coroação de Noureddin e de sua esposa a bella persa, que tão bonitas e harmoniosas canções sabia cantar!

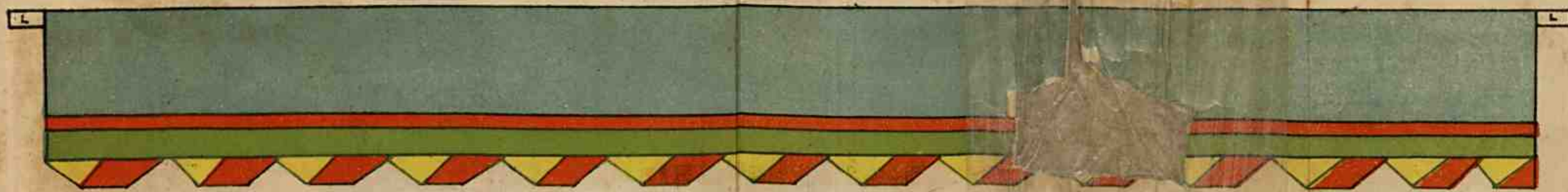
Alimentação das creanças

ESTA' cada dia melhor demonstrado que o leite é um *liquido vivo* e que, por conseguinte, fazel-o soffrer grandes temperaturas (esterilisação a 115 gráos), ou ainda a pasteurisação, desnaturalisa este alimento e difficulta nas creanças de anno a sua digestibilidade.

O professor Concetti, de Roma, e os seus ajudantes Valagusa e Spolverini apresentaram no ultimo congresso internacional de medicina, celebrado em Madrid, importantes trabalhos de clinica e de laboratorio, a este respeito, e dizem ter resolvido a digestibilidade do leite de vacca, administrando a este animal a *pancreatina*, que favorece a dissolução e absorpção da *caseina* do leite.

Era precisamente este o obstaculo, pois a maior differença entre o leite de mulher e o de vacca está na excessiva quantidade, que este ultimo possue de caseina, e si se quizer diminuir esta accrescentando agua, empobrece-se o alimento em gordura e assucar.

Está demonstrado que a digestão do leite se verifica a expensas de diversos fermentos (leveduras) soluveis, que em todos elles existem normalmente. Estes fermentos perigam com a ebullição. E', portanto, necessario que não faltem, e como não são inteiramente iguaes os que ha no leite de vacca e no leite de mulher, as experiencias Concetti são utillissimas.

Como se vê, a lactação artificial está-se aperfeiçoando.

(Vejam referencia no texto)

LIÇÃO DADA PELOS ANIMAES
Jorge é um bom menino, mas possue o feio defeito de ser preguiçoso. Uma noite, por não ter sabido as lições, sua mãe reprehendeu-o...
e elle foi deitar-se bem triste. Sonhou, agitado, que ia a caminho da escola, chorando, quando encontrou uma grande abelha.
— Senhora abelha, disse elle então, quer brincar commigo? — Não, meu menino, não tenho tempo, vou trabalhar para poder ser feliz!
E alou ligeira, pela estrada florida. Jorge seguiu seu caminho, encontrando pouco depois uma andorinha — O' andorinha, queres
brincar commigo? — perguntou elle — Não, meu menino, tenho de procurar as minhas irmãs e com ellas construir os nossos ninhos para crearmos nossos filhos. A vida é curta e
é preciso aproveital-a par... balho. Adeus! E, batendo ... geiras, a ando... pelo espaço...
O preguiçoso menino, envergonhado, continuou a andar e encontrou um cão: — Bom cão, disse elle, como invejo a tua vida! Não és, como eu, obrigado a estudar e a ir á escola! Nada tens a fazer! — Nada tenho a fazer? — respondeu...
...o cão, bem mostras que não conheces a minha vida! Não sabes que sou eu que vigio e guardo a casa emquanto meu dono dorme? Eu sou o guarda fiel dos bens do meu senhor! Presto-lhe ainda outros serviços, taes como
...os de correr atraz dos carneiros que desgarram do rebanho! Trabalho muito e sou feliz. Tu te queixas porque não trabalhas. Vá para a escola.
Neste momento Jorge acordou mas o sonho que tivera se gravara de tal modo em sua imaginação que, no dia seguinte, bem cedo
...vestiu-se e foi para a escola, tornando-se um bom alumno, estudioso e annualmente galardoado com medalhas de merito.
A ILHA FLUCTUANTE
CONTO HISTORICO-LENDARIO
Quando os Sarracenos invadiram a França quizeram á viva força apoderar se da cidade de Baumes.
Para o conseguir, derrubaram os celeiros, cortaram as plantações e incendiaram os moinhos.
Julgaram que a fome obrigaria os habitantes á rendição. Estes, porém, defendiam-se corajosamente.
Para obrigal-os a abandonar a cidade, os Sarracenos puzeram fogo a uma aldeia visinha, após terem saqueado as casas...
...e fuzilado as pessoas que resistiram. Dois meninos, orphãos, tinham se escondido numas ruinas fumegantes.
Pouco depois, na imminencia de serem soterrados, fugiram para evitar uma morte certa.
A correr, medrosos, não sabiam que direcção tomar, pois viam inimigos por todos os lados.
Crearam alento quando viram um caminho que levava a um lago, proximo da aldeia. Chegaram até o lago
mas alli não havia embarcação alguma e elles estavam irremediavelmente perdidos. Já os soldados brandiam as espadas para feril-os!
Num desespero supremo, ajoelharam-se, supplicando misericordia, quando, de repente, o sólo onde estavam destacou-se.
com violencia para o lago, levando-os, como se fosse um barco, salvos! Seus impiedosos aggressores foram...
precipitados ás aguas e morreram afogados. Tal é a lenda da Ilha fluctuante de Cervin, na França, que vive perennemente florida.

FIGURINOS PARA O CARNAVAL

(Vide nota no texto)

Marina — *Odette* — *Arlette*

Netas da Exma. viuva D. Luiza Pereira e sobrinhas do apaixonado e estimado turfman *Sr. Domingos Pereira Filho, negociante desta praça, e assiduas leitoras d'O* Tico-Tico.

O violino do cégo...

Sob o religioso silencio desta magnifica noite tropical, á luz nostalgica d'um luar evocativo, oiço, ao longe, o tremulo som de um violino entoando uma aria repassada de emocionante tristeza...

No lyrismo profundamente sentimental dessa ária nocturna vibra a resignada angustia de uma alma delicada e soffredora.

Cada nota é um gemido, cada surdina é um abafado soluço que se desafoga na harmonia do som, traduzindo em musica a tormentosa epopéa de um soffrimento ignorado...

E, a scismar, eu bemdigo o genio do artista que pôde exprimir nesse turbilhão de sons a magua intraduzivel de todos os que soffrem, a ancia de todos os que amam e a allucinação de todos os que sonham!

Eu sinto na vibração das cordas desse violino, que a trémula mão de um cégo vae tangendo, a dolorosa resurreição das minhas esperanças que falharam, dos meus sonhos que mentiram!

— E tu, pobre cégo, que occulta magua empresta á tua musica esse estranho sentimentalismo que tanto commove o coração da gente?!

A desoladora historia da tua vida é, talvez, um romance desconhecido para todos os que te escutam, indifferentes, pelas ruas...

Mergulhado nas trévas dessa cegueira irremediavel, pobre violinista esfarrapado, choras a tua desdita pelas sentidas notas arrancadas desse humilde instrumento, — teu unico amigo e confidente!

Após um dia inteiro de peregrinação por essas ruas e avenidas, na conquista de um óbulo á tua miseria, voltas, tacteando, ao tugurio onde adormeces a tua fadiga, para recomeçar na manhã seguinte o teu tristissimo fadario, numa dolorosa successão de dias, de mezes, de annos, até que a morte te venha afinal libertar desse martyrio.

A multidão ociosa dos que passam no tumulto das ruas, pára, ás vezes, sensibilisada pelos accordes do teu violino... Pagam-te esse instante de emoção com uma esmola arrogante e passam...

Passam, e tu ficas gemendo nas cordas gastas desse instrumento a dôr anonyma do teu soffrimento incomprehendido!

A noite, insensivel á tua retina, desce... A Lua — magnolia feito astro — derrama sobre as miserias da vida a suavissima uncção de sua luz... Tu não n'a percebes, mas sentes, certamente, na alma o seu milagroso effeito!

Tacteando então te recolhes á morada, onde a solidão — tua companheira — te espera...

Cançado, talvez, estacas no meio do caminho e, para anesthesiar tua propria dôr, entôas no violino essa ária singularmente impressionante que eu oiço agora, saudoso e commovido...

Nunca meu sêr vibrou empolgado por uma emoção tão intensa como agora, ouvindo, ao longe, sob a limpidez estrellada deste céo e a magia deste luar, o amargurado e triste violino do cégo!

Rio—919.

NESTOR GUIMARÃES

GALERIA INFANTIL

Elsa, Gerson, Haydéa e Fernando, nossos amiguinhos.

Curiosidades

Dentro em pouco, o papel manipulado com hervas ha de ser um facto, a julgar pelos bons resultados que estão dando os ensaios feitos.

Todas as classes de hervas servem para o fabrico do papel; unicamente se exige, que sejam cortadas antes de começarem a florescer.

A fibra deste novo papel é muito flexivel e de grande duração e tem uma superficie lisa, fina e de bom aspecto.

Um só kilogramma de relva produz um quarto do seu peso de papel e um hectare de terreno, plantado de relva, basta para fabricar 2.500 kilogrammas de palpel

ANIMAES INTELLIGENTES

O cão, amigo do homem

Nem um dos nossos leitores desconhece a serie interminavel de factos que patenteiam as qualidades de intelligencia e a affeição de certos animaes pelo homem.

O cão, em primeiro logar, é o animal que mais se dedica ao homem e sempre que póde dá-lhe provas sobejas do seu affecto. A narração dos factos que damos abaixo, absolutamente veridicos, mostra o grau de intelligencia do cão e quanto é grande o seu amor pelo homem.

O CÃO DE FILA DAS AVALANCHES

As montanhas da Suissa em alguns logares acham-se cobertas duma camada de neve de desmesurada grossura, que encobrem precipicios que não têm fundo e são muitas vezes funestos aos passageiros que não são versados nellas. Massas enormes de gelo que, erguidas até ás nuvens, não tendo por base senão as margens escarpadas dos rochedos, se debruçam sobre a estrada, assim que, com o menor impulso se desprendem de improviso, e tombam, fazendo um fracasso comparavel com o do trovão, e por vezes deixam para sempre enterrados cavallos e cavalleiros.

Para remedio das desgraças, que, nestes logares inaccessiveis e selvaticos, frequentemente occorriam, fundaram-se hospitaes, onde os que erram o caminho e as pessoas que são pobres acham remedio e de que momentaneamente se sustentarem.

Costuma-se nestes hospitaes crearem-se grandes cães de fila, que andam de ronda pelos atalhos estreitos e tortuosos. Trazem ao pescoço atada com uma corrente de ferro uma garrafa empalhada com aguardente e apresentam-n'a aos passageiros cançados e enteiriçados de frio, para se aquecerem, e depois conduzem-nos ao hospital.

Um desses cães de fila, estando de ronda, topou com um menino de seis annos, cuja mãe havia cahido em um fojo de neve sem que tivesse sido possivel saber-se o que era feito della. Estava o pobre do menino morto de frio, fome e cansaço, deitado na estrada a lamentar-se. Avisinhou-se delle o cão de fila, e erguendo a cabeça mostrou-lhe o licor restaurador que trazia para uso dos passageiros. Não entendendo aquelle offerecimento, assustou-se o menino e fez acção de querer fugir do cão, porém, o animal, para o animar, levantando uma das patas, pôl-a em cima dos pés, e lambeu-lhe as mãos já quasi amortecidas por effeito da intensidade do frio.

Cobrando o menino insensivelmente animo com estas demonstrações amigaveis e pacificas, fez um esforço para erguer-se; tinha as pernas, braços e em geral o corpo todo tão inteiriçado e dorido com o frio, que se deixou outra vez estar como estava. Compadecido da fraqueza do menino, teve o cão a industria de ajudal-o. Chegou-se para bem perto delle, deitou-se com a barriga no chão, e convidou-o com um ar expressivo a subir ás suas costas. Sobe-se o menino arrastando-se conforme poude. O animal benefico o leva com a maior attenção ao hospital, onde lhe deram todos os auxilios de que necessitava.

O mesmo praticam os cães do Monte de São Bernardo, ensinados pelos anachoretas que nelle moram.

O CÃO DO CONTRABANDISTA

Quem poderia imaginar que um cão fez com que um homem ganhasse mais de tresentos francos? E comtudo assim aconteceu como passamos a referir.

Um destes individuos industriosos, que são capazes de fazer com uma acha de lenha trinta saccos de carvão, determinou de sahir da pobreza a chatinar. Nesta resolução fez escolha da fazenda que occupa menos logar e que tem maior valor. Pediu emprestado um pouco de dinheiro a um amigo, foi a Flandres e empregou-o em rendas que passou por alto com felicidade, conforme se vae ver.

Havia elle ensinado um cão dogue para aquelle designio, e tinha procurado uma pelle de outro cão da mesma côr e tamanho. Tosquiou de todo em todo, o seu, enrolou á roda delle as rendas e poz-lhes por cima a pelle estranha com tanta habilidade, que não era facil dar-se com o engano.

Em tendo arranjado a fazenda, dizia para o cão, o nosso negociante: "Toca a dar ás trancas, amigo!" Como isto ouvia o cão, punha-se a correr e passava as portas de Malinas, ou de Valenciennes á barba dos empregados que ali estavam para impedirem semelhantes extravios.

Em se achando longe dos empregados e das portas, esperava o cão pelo dono, o qual em chegando o afagava de boa vontade e dava-lhe bem de comer; depois punha a fazenda em logar seguro e ia buscar outra em a tendo vendido.

Foi tão bem succedido o dito individuo que em menos de cinco para seis annos ganhou boa fortuna. Porém, todo aquelle que prospera tem invejosos. Um visinho o denunciou; por mais que pintasse e disfarçasse o cão tinham-lhe dado os signaes; e como o observavam foi afinal reconhecido. Mas que grande que é a astucia e finura de alguns animaes! Se os empregados o esperavam numa porta, como se lhes lesse nos olhos, sahia o cão por outra; se todas as portas se achavam tomadas, saltava ora por cima das muralhas, ora se cozia com algum carro, ou mettia-se entre as pernas dos que iam a sahir e conseguia o seu intento. Com ser, porém, tão destro e sagaz, não se poude guardar de um ataque inevitavel. Atravessava o cão uma manhã a nado as vallas de Malinas, quando lhe pregaram tres balas no corpo, de que logo morreu. Tinha elle nesta occasião á roda de si em rendas por mais de cento e cincoenta mil francos. O dono foi mais sensivel á sua morte que á perda daquella quantia, e dizia com todas as veras de sua alma: "De boa mente daria quanto possuo para resgatar da morte o meu cão, que valia o seu peso em ouro."

SAGACIDADE DUMA PODENGA

Sabido é que esta especie de ganhões que apanham os trapos que se deitam á rua, andam sempre á espreita dos cães quando são bonitos, para vendel-os, e quando são feios, para aproveitar-lhes as pelles. E' por este motivo que os cães conhecem de longe os farrapeiros e farrapeiras, e saltam-lhes ás pernas por toda parte onde os encontram.

Uma dessas mulheres furtou, em casa de um tendeiro, um cão de mama. Estava a mãe ausente, e quando veiu e se inteirou da falta de seu cachorro, já a farrapeira estava longe; mas como a cadella tivesse bom faro, foi-lhe no encalço e achou-a num logar escuso a ligar o cachorrinho.

Não se atreveu a cadella a chegar ao pé, mas poz-se a ladrar-lhe de longe com a força que lhe dava a desesperação e o natural instincto, com o que acudiram logo muitos cães. Vendo-se acossada delles, ergueu-se a far-

rapeira e armada do gancho, deixando o cãosinho atado ao pé do cesto em que arrecadava os trapos, correu após os podengos.

Fugiram estes primeiro, mas voltaram logo, mais encarniçados, e fizeram-lhe um cerco: uns lhe mordiam por traz nas pernas, outros lhe puxavam pela esfarrapada saia, e esquivando habilmente os golpes do gancho que bate no chão, fogem ladrando ainda com mais força.

Emquanto a farrapeira furiosa se envia aos cães e trata de sacrifical-os á sua vingança, a mãe do cachorrinho, que estava á espreita, não tendo forças, vale-se dum ardil, e deixando seus companheiros guerrear a seu sabor, faz uma grande volta e, encaminhando-se para onde estava o cachorrinho, rôe com os dentes a corda com que estava atado, e, vendo-o livre, volta á toda pressa com elle para a casa do dono.

UM INÉDITO DE OLAVO BILAC

EM 1898, Olavo Bilac e Coelho Netto escreveram, de collaboração, uma pequena obra intitulada *"A terra fluminense"* e, fiados em promessas politicas, ajustaram-lhe a impressão com o director da Imprensa Nacional.

Concluido o trabalho typographico recorreram os dois autores ao então governador do Estado do Rio, para que, em cumprimento do que lhes dissera, retirasse os exemplares da officina, distribuindo-os pelas escolas fluminenses, depois de lhes haver pago a quantia estipulada pelos direitos que lhes cabiam.

O governador adiou o negocio.

Passaram-se mezes e, um dia, Bilac, procurando Coelho Netto, communicou-lhe que a "Terra", que haviam amanhado com tanto carinho, ia ser vendida a peso para indemnisação dos cofres publicos.

Que fazer?

Tentaram salvar alguma coisa, e conseguiram, obtendo cada um dos autores um exemplar como lembrança do que haviam feito. E nessa "Terra Fluminense" quantos castellos edificaram elles!

Do livro dizem elles no prefacio: "Não conseguimos, por certo, apresentar um trabalho perfeito. Mas animanos a convicção de que não poupamos esforços para escrever um livro original, em que a creança encontrará, summariamente indicadas, toda a vida politica, toda a vida moral e toda a vida commercial da Terra Fluminense. Neste livro a Historia e a Fantasia andam unidas; e procuramos aproveitar os assumptos, de maneira que pudessem elles interessar, não somente a intelligencia, mas tambem o coração das creanças."

E' de tal livro, que não chegou a circular, o *inédito* que publicamos, do grande poeta da *Tarde*. Eil-o:

O FUTURO

Hymno escolar

Vamos fugindo de um passado escuro,
Patria querida, ás glorias do Futuro!
Para teu nome e teu porvir cantar,
Num hymno vasto que o triumpho exprima,
Falem teus campos que o trabalho anima,
Teus verdes montes e teu largo mar!

Conduza a vossa mocidade,
Irmãos! este hymno triumphal!
Avante em busca da Verdade,
Luz immortal!

A mocidade é como a primavera:
Abre-se em flores, e o futuro espera...
A mocidade é da esperança irman!
A nova Patria vive em nossos peitos:
Das flores de hoje hão de sahir perfeitos,
Os fructos de amanhan!

Conduza a vossa mocidade, etc.

A mocidade é como as nebulosas,
Que, em confusão, nas amplidões radiosas,
Guardam milhões de estrellas, a dormir...
Sahirão do teu seio, ó mocidade,
O' nebulosa de uma nova idade,
Os astros do porvir.

Conduza a vossa mocidade, etc.

O chefe dos famosos trinta e tres orientaes, general D. Juan Lavalleja, morreu em Montevidéo a 22 de Outubro de 1852.

Durante muitos annos, usou-se na Escossia gravar na lage do tumulo o emblema do officio que em vida se seguia.

Vendeu-se recentemente, em Melbourne, por 1.475.000 francos um pedaço de terreno que em 1837 valia apenas 375 francos.

UMA FAMILIA FELIZ — *Cinco gatos satisfeitos da vida*

O mendigo

N'UMA miseravel palhoça que quasi não se sustinha em pé, no meio de um deserto capinzal, morava um ancião.

Quasi cégo e bastante enfermo, não podendo trabalhar, sahia de casa ainda de madrugada e, a um lado da estrada da aldeia, postava-se, implorando á caridade.

Certo dia, como de costume, sahiu de casa, para aquella faina diaria. Naquelle dia não foi feliz, pois as raras pessoas que por ali passavam olhavam-n'o desdenhosamente, quando dizia: "Uma esmolinha pelo amor de Deus".

A' tarde, curtindo, tristonho frio e fome, caminhava lentamente para casa, quando ouviu do arraial soar na capellinha o toque de Ave-Maria.

Ajoelhou-se e dirigiu uma fervorosa prece ao poderoso Senhor para que o não abandonasse.

Depois continuou o caminho. Chegando á choupana, encostou a porta e, deitando-se n'um monte de palhas, dormiu.

O ancião tinha um filho que lhe havia sido ingrato.

Certo dia, deixando o pae doente, sahiu de casa e foi para longe em busca de riqueza e felicidade.

O velho, sonhando, via que o filho chegava de longes paragens á casa paterna, trazendo a felicidade e a abastança.

Palpitante de alegria, acordou e sentiu um estranho rumor.

A porta, correndo nos gonzos enferrujados, abriu-se.

De repente, sentiu grossas lagrimas cahirem-lhe no rosto.

Era o filho que ali estava. Era elle que havia sido tão ingrato... e abraçaram-se demoradamente.

Dahi em deante a alegria voltou. O velho não precisou mais de esmolar, pois o sonho tornou-se realidade.

E desse dia em diante viveram na mais doce harmonia.

JOÃO QUEIROZ DE FREITAS

Figurinos para o Carnaval

O *Almanach d'O Tico-Tico* offerece aos seus leitores uma primorosa pagina de figurinos para o proximo Carnaval. Os modelos são lindissimos e representam, na ordem em que se alinham, um *Fidalgo romano*, do tempo de Nero; *Amor Perfeito*, *Sinbad*, o marujo; *Mercadora de Violetas*, *Rainha das Borboletas*, *Estrella d'Alva*, *Valete de Copas*, *Toureiro*, *Principe Danilo*, *Arvore de Natal*, *Trevo* e *Girl americana*.

A espiral

(PASSATEMPO)

Se o leitor se quizer dar ao incommodo de collocar esta pagina horizontalmente e de lhe dar certo movimento de rotação (o mais facil e visivel é da esquerda para a direita, no sentido em que se movem os ponteiros do relogio), verá como a espiral aqui desenhada começa a dar voltas, ou antes, como parece que as dá, pois, bem entendido, que se trata simplesmente de uma illusão optica.

Todavia, não foi por esse motivo, que collocámos aqui a espiral em questão. O nosso fim é propôr aos leitores um problema de desenho.

Toda a gente (ou pelo menos toda a gente que desenha) sabe que é bastante difficil traçar uma espiral. Ora, do que nós tratamos é simplesmente, de desenhar uma espiral, como a da gravura, sem mais utensilios de desenho do que o papel e um vulgar compasso munido do seu porta-lapis. Procure o leitor conseguil-o, e diga-nos como procedeu, porque, no fim de contas, a solução do caso não é difficil.

VIDA INFANTIL

Graça Pereira de Oliveira, filha do sr. Roberto Machado Pereira de Oliveira.

Sylla, Semiramis e Georgie, dilectos filhos do sr. coronel Alberto Rodrigues dos Santos, negociante em Recife.

Carlos e Lilian, filhinhos do sr. capitão-tenente Frederico Soledade, commandante da Escola de Apr. Marinheiros de Paranaguá.

MINHA FILHA

Sôam trindades... vem ó minha filha,
Adormecer aqui no meu regaço.
Deixa os brinquedos, vem, que já rebrilha
Uma estrellinha a arder, no azul do espaço.

E ella acorre, alegre, pequenina,
Dando-me beijos, que me fazem bem;
A natureza é placida, e, em surdina,
Pipitam grillos, pelo matto, além...

—"Olhe, mamã, você conta uma historia?
—"Conto, sim, meu amor: eu já começo
E, nesse instante, acóde-me á memoria
Apenas uma historia que eu conheço.

A cabecita, no meu hombro pousa,
Com a alma ingenua a palpitar na minha
E eu principio sempre a mesma cousa,
—"Era uma vez a dona Baratinha,

Que foi dar um passeio no jardim,
Um baratão que a viu, apaixonado...
—"Era linda mamã?
— "Assim, assim"
Poz-se tambem a passeiar ao lado...

E deste modo a historia continúa...
Dizendo phantasias que vão dar
Num casamento em que a madrinha é a
Lua,
E em que uma folha é o singelo altar.

Mas minha filha a pouco e pouco dorme,
Enlanguecida por um somno denso;
Brilham estrellas pela esphera enorme,
E, emquanto sonha, eu absorta penso.

Como o meu coração é ninho de ave,
Como a vida tem graça e tem enleio,
Quando, ao luar, bem pura e bem suave,
Posso ter a innocencia junto ao seio.

(Enviado pela menina *Carmen Paulino*)

Um castigo bem merecido

Residia numa pequena aldeia um velho avarento, que tinha por visinho um sabio. O avarento levava toda vida a contar o seu rico ouro, no goso dos seus milhões; se lhe batia um mendigo á porta, procurando uma dormida, um pouco de comida, ou um vintem com que pudesse matar a fome dos filhinhos, emfim, uma esmola, elle mandava agarrar o pobre e dar-lhe uma grande surra em logar do que tinha pedido. Já o sabio não era assim: tinha um bom coração, dividia suas parcas economias com os pobres, de modo que o que a mão direita dava a esquerda não sabia, e dizia comsigo, a rir, que o sabio é mais rico do que o avarento.

Uma vez estando o sabio necessitado, foi ao avarento, afim de pedir-lhe um real com que pudesse matar a fome. O avarento negou-se a emprestar.

Tempos depois, rebentou uma guerra. Granadas cruzavam nos ares, destruindo tudo do avarento, emquanto o sabio ficava são e salvo.

MOACYR CARDOSO (11 annos)

ALBUM DA INFANCIA

Hermantina de Barros, applicada alumna da "Escola Nilo Peçanha", nesta capital

SAUDADE

Visitando um acampamento de manobras, tive occasião de apreciar a alegria e o garbo que existem entre os jovens soldados do nosso valoroso exercito. Percorrendo as diversas barracas onde uns palestravam alegremente e outros jogavam, numa dellas, sentado no chão com as pernas entrelaçadas e uma carabina na mão, estava um joven de vinte annos, moreno, cheio de corpo, de cabellos e olhos pretos; em dado momento em que limpava a arma, largou-a e, introduzindo a mão rapidamente no bolso, retirou um pequeno retrato e, levando aos labios serenamente, exclamou:

— "Minha velha e querida mãe" — e volvendo os olhos para o horizonte duas crystalinas lagrimas lhe rolaram pelas faces, ainda abrasadas pelo sol do dia que morria.

Bello gesto de um filho, que em hora de descanço se recorda com saudades de sua velha e querida mãe.

E a pallida e serena lua surgia illuminando aquelle quadro magestoso e bello.

PETIT BLEU

Diccionario de fantasia

Tigre — animal feroz, que é rio da Turquia.

Tição — negro, que é lenha queimada.

Matriz — Igreja, que é filial.

Mestra — abelha, que é professora.

Ré — nota da musica, que é condemnada.

Lucio — homem, que é peixe.

Alda — mulher, que é medida.

Bomba — explosivo que é de agua e onde se toma matte.

Vaso — de guerra, onde põem flores.

Maria — quadrupede, que é lago da America.

Martha — mulher, que é porto da Nova Granada.

Mascate — vendedor ambulante, que é cidade da Arabia.

Alpaca—quadrupede, que é tecido.

Bonds — titulo de divida, que é carro.

Margarida — mulher e flor, que é ave.

Móra — sobrenome que é residencia e cidade da Hespanha.

Morena — cadeia de montanhas, que não é clara.

Olinda — mulher, que é cidade de Pernambuco.

"Tico-Tico" — a melhor revista que vôa.

VICTOR DA CUNHA MÓRA

A SECCA

Transposição do soneto: "A secca" de D. Mangarinos.

Apresenta-nos um espectaculo muito triste essas regiões queimadas pela secca!

Nesse logar só se nota melancolia, tristeza, miseria e tortura. O céo apresenta-se muito claro, dum brilho forte como um metal reluzente; nada nelle se percebe: nem uma nuvem, nem um passaro voando!

As montanhas nuas pela chamma esbrasiada do sol, as pastagens requeimadas, as arvores completamente sem folhas, parecem gritar uma blasphemia aos espaços afogueirados.

E' nesse terreno completamente secco que encontramos homens e creanças mortos, pela horrenda secca.

E' nesse logar terrivel que estão morrendo, sem recursos, os nossos irmãos cearenses!

PHILEMON LOPES AMADOR

GALERIA INFANTIL

Martha Marabá, applicada alumna do Collegio da Sagrada Familia de Nictheroy.

Maria do Carmo Carneiro da Cunha, gentil filhinha do Coronel Francisco Xavier Carneiro da Cunha.

José Marianno Netto, filhinho do Dr. José Marianno, director do Horto Florestal.

Lupe, Laura e Gigina, galantes filhinhas do Dr. Caio Carneiro da Cunha.

O vestido de rendas da Princezinha Borboleta

Ia casar a princezinha Borboleta ao entrar a Primavera.

Imaginem que reboliço não era aquelle no brilhante e irrequieto Principado dos insectos d'azas.

As cabeças ferviam. Nas rodas elegantes, nas finas rodas do mundanismo do Principado, havia mais de um mez que se não falava noutra cousa.

Um caso sensacional aquelle casamento! Os alfaiates não acceitavam mais encommendas; as modistas trabalhavam noite e dia para dar conta das suas. Nos armarinhos havia policia á porta para regularisar a entrada e a sahida da freguezia; os ourives mais afamados cinzelavam joias custosissimas que iam ser offerecidas á noiva. Um acontecimento!

Só de joias a princezinha ia ter na sua *corbeille* uma fortuna. O Pyrilampo, que era quem possuia as pedras mais raras do Principado, ia dar-lhe um diamante fabulosamente luminoso, que apagava e accendia na escuridão. As Abelhas, ao que noticiavam as chronicas mundanas, pretendiam servir á mesa de noivado uns favos de um mel maravilhoso que ellas tinham conseguido extrahir das flores.

Até os passarinhos, que viviam em guerra com o Principado, comendo os insectos que lhes cahiam no bico, esperavam a festa com o mesmo ardor que o povo da princezinha.

O Canario, o mais alegre de todos, tomara um professor de canto para adestrar-se numa aria allucinante, com que ia estreiar-se nos salões de sua alteza. O Rouxinol e o Sabiá desappareceram da circulação e viviam agora no fundo dos bosques, a estudar gorgeios impressionantes. O Beija-Flor, ao ter noticia do mel que as Abelhas descobriram, andava nos jardins, de corolla em corolla, a ver se distillava das rosas um outro mel maravilhoso.

Já os jornaes da elegancia começavam a dar informações das *toilettes*. As mariposas, as *melindrosas* mais festejadas, tinham contratado um batalhão de modistas para darlhes um talhe original as azinhas inquietas. As Cigarras, as mais bohemias das moças conhecidas, que não sahiam das avenidas e dos parques, mesmo quando o sol escaldava, sempre a cantar como se a vida fosse uma eterna festa, iam estreiar um vestido cor de ouro, com irisações esverdeadas. Os Gafanhotos mandaram ao alfaiate o figurino bizarro de um vestuario todo verde. Os Besouros, segundo a noticia de uma revista da alta roda, acabavam de contratar desenhistas laureados para lhes colorir as azas.

Ia ser um successo o casamento da princezinha!

* * *

Mas uma noticia estalou no Principado, como um trovão. O casamento da princezinha não seria mais á entrada da Primavera.

Foi uma revolução. As Abelhas fizeram um "zum-zum" dos diabos, lastimando o mel que se ia azedar com a transferencia da festa. Os Besourinhos andavam pelos chãs a mostrar o receio de que a pintura de suas azas se apagasse antes do casamento da princezinha.

A Vespa, sempre venenosa, enterrava aqui, ali o ferrão da intriga, inventando umas historias em que se comprehendiam que a transferencia não era mais do que o resultado de um arrufo entre a Borboleta e o noivo.

Mas porque arte do diabo a princezinha adiava o casamento?

Um capricho feminino, um capricho absurdo de menina voluntariosa.

Dera-lhe na sua cabecinha tonta que o seu vestido de noivado devia ser de uma certa e estranha renda que a sua fantasia concebera.

A tal renda foi procurada por todo o Principado. Não havia.

Fizeram-se então encommendas para a Europa. Vieram rendas de toda a casta, as mais lindas, as mais leves, as mais caras. Nenhuma se approximava da renda sonhada pela caprichosa.

Os chefes das casas de armarinhos quasi enlouqueceram.

Os seres femininos vão até ao sacrificio com as suas frivolidades. A princezinha bateu o pé:

— Não me caso emquanto não tiver um vestido a meu gosto.

Vieram tecedores de renda até do fim do mundo. Não houve um tecido que agradasse áquella cabecinha louca.

A Primavera entrou, a Primavera sahiu, entraram e sahiram muitas Primaveras e nada da princezinha casar.

* * *

Um dia appareceu no Principado a figura exotica da Aranha. Vinha offerecer-se para fazer a magnifica peça de renda que a princezinha imaginara.

ALBUM DA INFANCIA

Ernesto, Léa e José, filhos do Sr. José Lobo, residentes em Curityba

Uma troça em toda a parte. Pois se os grandes tecedores de rendas da Europa e do Oriente não se tinham approximado siquer do que sonhara a menina, como ia aquella pobre diabo, desageitada, troncha, sem nenhuma expressão de delicadeza e bom gosto, produzir o fulgurante trabalho d'arte que a Borboleta fantasiara para o seu dia de noivado?!

A curiosidade feminina não se contém. Apezar de tudo a princezinha quiz experimentar a Aranha.

A mais alta gente do palacio reuniu-se para assistir o trabalho da tecedora.

Foi no parque do palacio da princezinha que a Aranha armou o seu tear. E, mal começou o trabalho, a Borboleta saltou de contente, batendo palmas e gritando:

— E' isso! é isso mesmo!

Era uma renda assim, com aquelle fio quasi intangivel, com aquella delicadeza milagrosa que ella sonhara para o seu vestido de nupcias.

A Aranha continuou a trabalhar. As suas patinhas mexiam-se, mexia-se-lhe o corpo todo e, a cada movimento, um pedaço de renda apparecia, faiscando maravilhosamente ao sol.

A princezinha não se continha, a esvoejar, a bater palmas, gritando:

Bravos! bravos!

Mas uma rajada de vento veiu e quebrou uns fios. A princezinha rebentou num pranto. Todos vieram consolal-a, veiu a Aranha tambem. Aquillo se concertava, bastava emendar os fios quebrados.

— Não! não! não!

Não queria remendos naquelle trabalho prodigioso. Que se começasse de novo!

Foi começado. E estava a renda quasi prompta quando outro sopro de vento a desmanchou. Foi preciso recomeçar. De novo uma rajada de ventania.

Mudou-se o tear para um salão do palacio e a tecedora trabalhou de janellas fechadas. Mas, no outro dia de manhã, um creado que não sabia do tear, vindo espanar o salão, arrebentou a renda toda.

Mudou-se de logar. Um outro creado desastrado inutilisou tudo.

* * *

E até hoje a Aranha vive daqui p'ra ali, sem concluir a renda do vestido da princezinha. Quando está a terminar a obra surprehendente lá vem um golpe de vento, lá vem um criado, uma creança, um diabo qualquer estragar o serviço.

A princezinha teima em não querer remendos...

E assim está a Aranha, desde o começo do mundo, a tecer, a tecer, por toda a eternidade.

VIRIATO CORRÊA

As roupas de Bébé e seu irmão (Pagina de armar)

A PRIMEIRA CAÇADA

O pae de Alberto e Diogo partiu para uma bella caçada na floresta visinha. Os meninos quizeram acompanhal-o, manifestando desejos de seguil-o, mas...

...o pae dissera-lhes que só seriam admittidos nas caçadas quando tivessem bigodes. A resposta consternou-os.

Alberto, o mais velho, reflectiu :
— Se é sómente por bigodes, não será difficil arranjal-os !
E os dois meninos confeccionaram logo bastos bigodes de estopa molhada em tinta preta.

Foram depois para defronte do espelho, collocaram os bigodes orgulhosamente. — Com taes bigodes — disse Alberto — seremos recebidos na caçada.

A floresta é proxima. Equipados do melhor modo, de bolsa com gulodices, partem para a caçada. Ha quasi duas horas que os caçadores...

...perseguem, lá na floresta, um veado, que, arredio, cança os bellos cães que o acutilam. Os dois meninos entram na floresta. Estão indecisos. Para que lado tomar ?

Ouvem o som da trombeta, que parece vir da esquerda. Caminham para ahi. Mas — ó decepção ! — um instante depois a trombeta resôa á direita, longinqua. Pouco a pouco enfraquece, até que se extingue o som da buzina.

Começam então a desorientar-se. — Sigamos sempre a mesma direcção ! — disse Diogo com importancia. E seguem sempre o caminho até...

...que chegam a um logar onde ha quatro caminhos. Qual delles tomar ? — E' melhor voltarmos ! — propõe, medroso, Alberto. Mas, por onde voltar, se não conhecem mais o caminho ?

Depois avançam. Não ouvem ruido algum. A floresta está silenciosa. De vez em quando um animal foge entre as hervas. Estão com medo... Que horas são ? Não sabem.

Estão com fome, sentam e comem as gulodices que trouxeram. O sol vae se escondendo por entre a ramaria da floresta.

Cáe a noite. Os caçadores retiraram-se, cançados. Passaram todo o dia a perseguir um veado que, ferido embora, fugira. Os caçadores foram jantar em casa do pae dos meninos.

Estes, tremendo de medo, vendo animaes ferozes por todos os lados, lembram-se de subir a uma arvore, afim de se defenderem dos lobos.

Sobem á grande arvore e procuram descansar. Nem um nem outro, porém, dorme: estão de ouvido attento aos menores ruidos. Por volta de meia noite, ouvem...

...um galope desordenado. Um lobo, talvez, attrahido pelo cheiro da carne humana. O animal cáe junto ao tronco de arvores. Deve ser o lobo. Os meninos ficam...

...immoveis. Quando amanhece, elles ousam olhar para baixo, para o *lobo*, e vêm um animal coberto de sangue. E' o veado, ferido pelos caçadores, que vem cahir ali.

Reanimados, descem da arvore. Nésse momento, pagens cruzam a floresta, procurando-os. Encontram-os, afinal e conduzem-os á casa, juntamente com o veado.

Seu pae, reprehendeu os severamente. Para a estréa de uma caçada — pensam elles — a aventura foi brilhante, mas juraram nunca mais desobedecer á vontade paterna.

A MORINGUE DA PRINCEZA

—Fiz uso deste moringue muito tempo — disse a princeza — e estou certa de que a guardarás como preciosa lembrança! Sivala recebeu o moringue, affectando profundo reconhecimento.

Intimamente, porém, estava furiosa. Em casa, colerica, ante a senhoria, disse: — Acredita sem duvida a princeza, que vou usar objecto tão grosseiro!

E dispunha-se a quebrar o moringue, quando a senhoria pediu que lh'o désse, pois que ella a venderia. — Pois leva-a! — disse Sivala.

(Continúa)

VIDA DE UM GATO CONTADA POR ELLE PROPRIO

CONTO DO NATAL

No velho castello de Aragoem, em França, de que hoje só restam ruinas, vivia uma familia rica, em cujas veias corria o sangue da nobreza.

No sopé da montanha onde estava situada aquella magestosa morada da familia Aragoem, existia uma humilde choupana onde uma pequena familia de aggregados se abrigava.

Olinda, menina orgulhosa e má, era filha do dono daquellas terras soberbas, daquellas vastas pastagens e trigaes sem conta, o visconde de Aragoem.

Mais ou menos da mesma idade, Maria, creança caridosa e humilde, habitava com seus paes, a quem ajudava nos trabalhos domesticos, a cabana do sopé da montanha.

O visconde de Aragoem, homem rico e bondoso, teve noticias pela governante de sua filha, que Olinda era orgulhosa e desapiedada. O pae de Olinda ficou tristissimo com essa revelação, mas duvidou do genio de sua filha, que para elle parecia exemplar. Resolveu tentar uma prova.

Na tarde da vespera de Natal, na estrada que ia ter ao castello, Olinda divertia-se em destruir flores, emquanto, mais adeante, Maria colhia carinhosamente bellas florinhas com que iria ornar o modesto presépe armado por seus paes em sua casita.

Um velho andrajoso, de longas barbas brancas, passava nesse instante pela estrada. Chegando defronte de Olinda, estendeu-lhe a mão supplicante, pedindo uma esmola com que pudesse mitigar a fome.

Olinda, má e orgulhosa, enxotou-o com palavras injuriosas e repellentes. O velho, maguado com o procedimento da menina, continuou triste e lentamente o seu caminho. Não havia dado muitos passos, quando encontrou Maria que, admirada da scena que se passára não longe de si, parára de colher florinhas.

O homem de longas barbas brancas, então, parando defronte della, repetiu-lhe as mesmas palavras.

Maria, compadecida, convidou o pobre velho a ir á sua casinha, onde certamente lhe arranjaria alguma cousa com que lhe suavisasse o soffrimento.

O homem, satisfeito visivelmente, falou ás duas meninas:

— Eu sou "Papá-Noel". Desci hoje á terra para experimentar as creanças a quem amanhã darei doces e brinquedos.

Agora vejo que nem todas merecem presentes.

As orgulhosas e más, as que repellem injuriosamente os necessitados quando os podem acolher, não são dignas da minha estima e da estima do Deus Menino".

Dahi a instante, o velho desapparecia na encosta da montanha. No outro dia, aos repicados sons festivos do Natal, Olinda pulou da cama e dirigiu-se aos seus sapatinhos que havia deixado atraz de uma porta. Encontrou-os vasios como os deixára.

Olinda, recordando as palavras de "Papá-Noel", chorou muito, promettendo regenerar-se.

Ao mesmo tempo, lá em baixo, na cabana humilde, Maria expandia-se alegremente ao encontrar seus sapatinhos cheios de brinquedos e "bonbons".

Aquelle velho que na vespera do Natal apparecera ás duas meninas era o proprio pae de Olinda, que fôra tentar a experiencia que promettera.

Foi o visconde de Aragoem quem, para castigar o genio da filha, tirou-lhe os presentes do Natal daquelle anno e os accumulou nos sapatinhos de Maria para recompensar-lhe a acção bondosa do dia anterior.

Olinda, meditando sobre as palavras de "Papá-Noel" e sob os conselhos de seus paes, tornou-se uma menina bondosa e delicada, prompta a acolher outro "Papá-Noel" que apparecesse...

Rio — Setembro — 919

SANTIAGO

A MORINGUE DA PRINCEZA (Conclusão)

A velha senhoria foi ao mercado e vendeu o moringue a uma mennia muito pobre, a quem a tia mandara comprar justamente um moringue.

Terminada a compra, a menina foi-se embora e, ao passar por uma fonte, quiz encher o moringue. Qual não foi seu espanto quando verificou que o moringue vasava toda a agua!

Temendo ser castigada, poz-se a chorar e Meridjé, joven operaria que passava, indagou a causa de suas lagrimas. A menina contou-lhe o facto.

Meridjé era orphã, muito pobre, mas muito bondosa. Reembolsou a menina do dinheiro que gastara e levou comsigo o moringue.

— Concertarei este moringue! — dizia ella, examinando, attentamente, o objecto, cujo fundo percebeu a joven ser falso. Tirando-o geitosamente, Meridjé viu sobre elle gravada a inscripção seguinte:

"A' pessoa que ler estas palavras darei 5.000 moedas de ouro — *Cravina*". Louca de alegria, correu ao palacio e contou á princeza o que se passara. Cravina mandou chamar Sivala.

— Que fizeste da lembrança que te dei? — perguntou ella. — Guardo-a commigo, Alteza! — respondeu Sivala. Mas Cravina confundiu-a: — Se a guardasses terias descoberto a...

... inscripção e possuirias a recompensa que a ti destinava. A providencia permittiu que o premio cahisse em mãos de quem, mais do que tu, é merecedora delle. Meridjé...

... recebeu as cinco mil moedas e, a pedido da princeza ficou substituindo Sivala no palacio. Meridjé, rica então, tomou sob sua protecção a pobre menina a quem comprara o moringue

A GLORIA DO TAMANDUÁ

Convocados pelo tamanduá ajuntaram-se na clareira todos os animaes da floresta e já começavam a impacientar-se com a demora de quem, com tão palavreado convite, os reunira, quando o tamanduá sahiu do ôco de uma arvore coxeando, mas tão orgulhoso de si que nem um tuxána quando congrega a tribu para proclamar a guerra.

Era tal a arrogancia do bicho formigueiro que as proprias onças, sempre orgulhosas, affastaram-se abrindo-lhe caminho.

Subindo, então, para um girau que levantára, o tamanduá cumprimentou para a direita e para a esquerda e disse em voz sonóra de empafia :

— Meus amigos, convoquei-os para esta reunião afim de mostrar-vos um sello de gloria para a nossa raça. Tenho-o aqui na perna, feito pela mussurana do tuxána, em cuja companhia passei muitas luas, habitando com elle na mesma óca, dormindo debaixo da sua rede.

Os que nunca tiveram a ventura de ver de perto o senhor dos homens pódem, graças á minha generosidade, admirar no meu corpo o vestigio da sua força temida. Eil-o aqui !

E, estendendo a perna esfolada, mostrou o lanho que nella fizera o arrocho do captiveiro.

Entreolharam-se os animaes pasmados de baixeza tamanha e o macaco, que mais de perto examinára o estygma de que tanto se ufanava o companheiro, disse-lhe :

— Honras taes não as quero eu e por tal preço prefiro viver entre as palmas seccas de um coqueiro a ter agasalho e fartura na óca de um chefe. As marcas do servilismo são indeleveis, como nos logares do corpo, roçados pela mussurana, nunca mais nascem pellos e ficam para sempre, em manchas.

Mostras com orgulho o que devias esconder com vexame, porque affrontas, tanto avilta a que faz um apegana humilde como a que imprime um tuxána que commande tantos arcos quantos são as estrellas do céo.

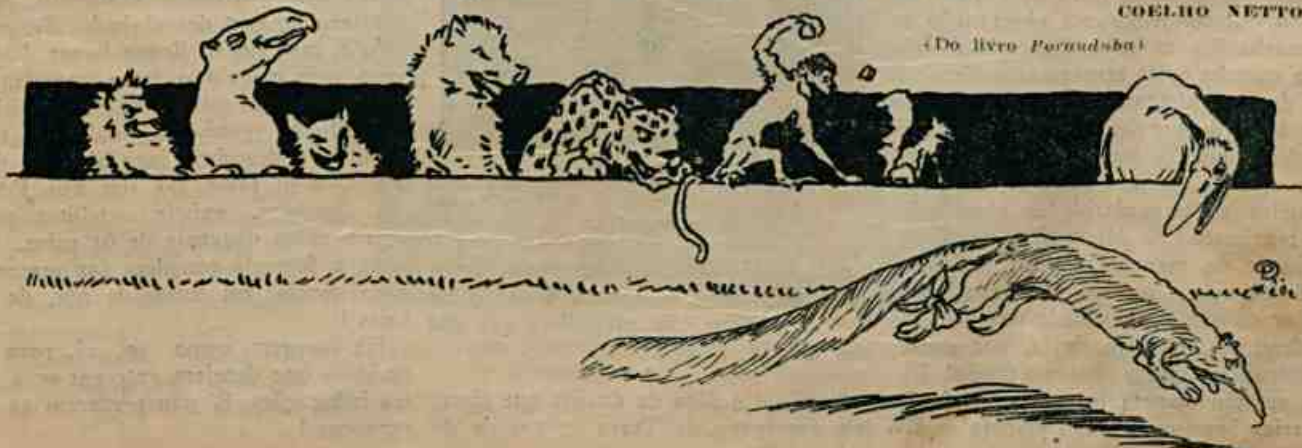
Quizeste, soberbamente, humilhar-nos com a tua intimidade com um tuxána e apenas conseguiste provar que foste escravo.

Para honra dos tamanduás, melhor seria que escondesses essa vergonha. Vincos de mussurana são mostras de captiveiro.

De que te vale haveres habitado a óca de um tuxána, se tens no corpo o signal da corda da escravidão ? E' melhor viver na floresta com o corpo limpo a andar em côrte marcado de vilania.

Dizendo palavras taes o macaco pulou do girau e os animaes romperam em estrondosa vaia ao ridiculo tamanduá.

COELHO NETTO.

(Do livro *Poranduba*)

ASTRONOMIA

UMA SEGUNDA LUA

Ha tempos, os jornaes estrangeiros annunciaram que um astronomo de Munich, chamado Waltmath, tinha descoberto um segundo satellite á Terra, uma segunda Lua. Os leitores sorriram com a noticia, e, pouco depois, esta cahiu em esquecimento. Ora, é perfeitamente exacto que Waltmath observou sobre o Sol um ponto negro, que levou mais de uma hora a atravessar o disco. O astronomo calculou approximativamente, os elementos desse ponto: duração da revolução, excentricidade, distancia média á Terra, etc. Esta distancia seria pouco mais ou menos de 161 raios terrestres, sendo, como se sabe, de 61 raios a distancia da Lua. O diametro do novo astro deveria ter 700 kilometros ; e a sua massa deveria andar por 1|80 da da Lua.

Segundo o calculo, o astro devia passar á vista da Terra, em 3 de Fevereiro de 1898, e outra vez em 30 de Julho do mesmo anno. Ora, o que é interessante é que, com effeito, a 4 de Fevereiro desse anno, segundo affirmou o astronomo Brendel, de Griefswald (Pomerania), viu-se perfeitamente um ponto negro atravessar o Sol. O chefe de estação postal Ziegler, e muitas outras pessoas observaram, nesse dia 4, a passagem de um corpo obscuro sobre o Sol, dirigindo-se para N. O. da 1h,10 ás 2h,10 (tempo de Berlim). Esse corpo foi visto um quarto de hora antes da sua entrada no disco do Sol, e poude ser acompanhado durante uma hora proximamente, depois de sahir do mesmo disco. Ora, ignorava-se então a observação recente de Waltmath ; e póde, por conseguinte, considerara-se como boa a observação indicada.

Mas, tratava-se do astro já visto pelo astronomo de Munich, ou de qualquer outro corpusculo celeste ? Haveria simples coincidencia na data da apparição ? A data do novo apparecimento, annunciado para o fim de Julho, deveria tirar as duvidas a esse respeito. Infelizmente, essa data passou, não confirmando as previsões.

* * *

Esta passagem de um corpo opaco sobre o Sol fez lembrar a observação de Lescarbault, em 1853. Lescarbault viu uma mancha preta atravessar o disco solar durante 1h17m. Le Verrier tinha a convicção de que devia existir um planeta desconhecido, muito visinho do Sol, pois não se podiam explicar de outra maneira as irregularidades observadas no movimento de Mercurio. Ora, a velocidade da mancha seguida por Lescarbault sobre o disco solar era muito maior do que a velocidade dos planetas conhecidos ; o astro devia, por conseguinte, estar muito proximo do Sol. Devia ser um planeta intra-mercurial. Le Verrier baptisou o novo planeta com o nome de *Vulcano*. Infelizmente, nunca mais, até agora, se tornou a vêr o tal Vulcano, o que não quer dizer que elle não existia.

* * *

Tambem é fóra de duvida que circulam em torno da Terra corpos de dimensões reduzidas, que revelam algumas vezes a sua existencia, perfilando-se sobre o Sol ; pequenos astros erraticos, velhos fragmentos de mundos ou de planetas quebrados, gottas da materia primitiva da nebulosa solar, captadas pela Terra, ou mesmo pela Lua. A idéa de novos satellites, em geral invisiveis, é muito admissivel. O espaço está sulcado por corpusculos ; quando a Terra os apanha na passagem, vêmol-os sob a forma de bolidos e de aerolithos. Mas poderá succeder, que certas massas mais importantes tenham conservado o seu movimento parcial e girem em torno da Terra á semelhança de verdadeiros satellites. Não têm os outros planetas varias Luas, algumas das quaes só foram descobertas no meado do seculo decorrido (XIX), e outras, como os satellites ou Luas de Marte, e os novos satellites ou Luas de Jupiter e de Saturno, em annos muito recentes ?

* * *

A distribuição dos astros no nosso systema solar parece obedecer a uma lei ; não é arbitraria a distancia dos planetas ao Sol. A lei de Bode, ou de Ticio, verifica-se até Neptuno. De alguns annos pára cá, tem-se procurado ligar por formulas mais exactas o agrupamento dos planetas. E Roger, inspector geral das minas, em França, consagrou á questão numerosas memorias, submettidas á Academia das Sciencias, daquelle paiz. Entre outras fez conhecer uma formula empirica, que dá as distancias dos diversos satellites da Terra, no caso em que esses satellites tenham sido realmente produzidos na origem dos tempos.

Sendo de 61 raios terrestres a distancia da Lua á Terra, basta para obter successivamente as distancias, que é possivel attribuir aos satellites mais afastados de nós, do que a Lua, multiplicar o numero 61 por 1,62 (coefficiente que desempenha papel predominante na theoria da formação dos planetas e dos satellites). Obtem-se 99, primeira distancia de um satellite a descobrir, se elle realmente existe. Depois, multiplica-se este resultado, novamente, por 1,62, o que dá um producto de 160 para um outro satellite a descobrir.

Ora, facto interessante, 160 raios terrestres foi precisamente a distancia indicada pelo astronomo Waltmath, para o asteroide que descobriu ! Ter-se-á dado o caso de E. Roger haver descoberto pelo calculo o astro encontrado, por acaso, pelo astronomo de Munich ?

E. Roger prevê, na totalidade, tres satellites a descobrir para além da distancia de 61 raios: 99, 160, 259. Poderão, tambem, existir satellites, para aquem dessa distancia de 61 raios. No total, a formula completa faz presentir a existencia, em torno de nós, de 18 Luas !

Ha margem, como se vê, para os curiosos que desejem entregar-se a estas indagações. E' não perderem as esperanças !

ALBUM DA INFANCIA

Anna Luiza Carneiro da Rocha, galante filhinha do Sr. José Carneiro da Rocha, netinha do Sr. commendador Antonio Jannuzzi.

O intelligente Aloizio Gonçalves da Silva, filho do nosso companheiro Sr. Luiz Caetano da Silva.

Conselho de amigo

Cigarra! Levo a ouvir-te o dia inteiro,
Gosto da tua frivola cantiga,
Mas vou dar-te um conselho, rapariga,
Trata de abastecer o teu celleiro.

Trabalha, segue o exemplo da formiga:
Ahi vêm o inverno, as chuvas, o nevoeiro,
E tu, não tendo um pouso hospitaleiro,
Pedirás e é bem triste ser mendiga!

E ella, ouvindo os conselhos que eu lhe dava,
(Quem dá conselhos, sempre se consome...)
Continuava cantando.... continuava...

Parece que no canto ella dizia:
— Si eu deixar de cantar, morro de fome,
Que a cantiga é o meu pão de cada dia.

OLEGARIO MARIANNO.

(Ultimas Cigarras)

O nariz e o caracter da pessoa

Os scientistas asseguram que o caracter das pessoas e muito particularmente das mulheres, póde adivinhar-se pela fórma do nariz.

As jovens que o têm pequeno são habilidosas, praticas, economicas, laboriosas, sempre fieis, porém, um pouco ciosas.

As que têm o nariz ponteagudo são alegres, vivas, de caracter variavel; gostam de movimento e sentem grande inclinação para os *sports*, mas são vingativas e egoistas.

O nariz aquilino corresponde a uma mulher elegante, activa e sincera; facil em irritar-se e aborrecer-se, mas sempre leal.

Por ultimo as mulheres que têm a extremidade do nariz grossa são ligeiras, inconstantes e muito amaveis, affeiçoadas á musica, aos espectaculos, á vida animada, de resto são pouco caseiras e com pretenções artisticas.

Lembremos, porém, no final destas observações, que não ha regra sem excepção.

GALERIA INFANTIL

Interessante grupo de creanças, filhinhos do sr. Julio de Souza, socio da "Casa Guiomar"

A utilidade do eucalypto

Para os paizes pobres de hulha ou que a tem em jazidas inexploradas ou de difficil exploração, o melhor combustivel em substituição ao mineral será a lenha do eucalypto, donde provém a necessidade do plantio intenso de florestas desse vegetal, formando verdadeiras jazidas inesgotaveis pelo plantio systematico.

O professor e botanico inglez E. Hertolfins acaba de realisar experiencias sobre o poder calorifico da lenha do eucalypto e deduziu dellas que este poder é realmente superior ao da hulha.

Unindo a esta vantagem a conhecida faculdade curativa do eucalypto para as affecções das vias respiratorias, facilmente se comprehende que os fogões alimentados com esta especie de lenha, não só darão calor ás habitações, mas proporcionarão um ambiente em que muitos enfermos poderão encontrar allivio ou cura aos seus males.

ALBUM INFANTIL

O galante Gerson Favella Pardi, nosso amiguinho.

NOSSAS LEITORAS

Yêda, de 6 annos de idade filha do Sr. Dr. Telles de Menezes.

A PULGA

Destruir uma pulga póde parecer a todos cousa facil. Pois a não ser pelo processo pouco asseiado de imprensal-a unha á unha, a cousa é muito mais séria do que se pensa. Um relatorio sobre a "Flea Destruction", do Serviço Americano de Saude Publica, esclarece o caso. A pulga não morre pelo ether, pelo chloroformio, nem por suffocações por outros vapores venenosos. Sobrevive aos agentes que matam seus "hospedes" taes como o rato e o esquillo: e com o seu maravilhoso poder de saltar distancias infinitas encontra pousada noutra pelle viva ou morta. Uma pulga que não se mexe durante meia hora parecerá morta; abandonada como tal, salta longe, bem viva, quando mal se pensa. Calculou-se ao certo que, guardadas as proporções, se a perna de um homem tivesse a elasticidade e força das de uma pulga, poderia este, de um salto, attingir o zimborio dourado da torre de "Singer". A pulga morde com energia no secco, crispa no molhado. Um dia deixa de fazel-o. Morta? Não. E' impossivel afogar a pulga. Mas na agua ensaboada, sim. No alcool absoluto parece ficar paralytica. Pois ponha-se-lhe o dedo... e saltará longe. Os bons wiskys contém 50 por cento de alcool e não ha memoria de pessoa sobreviver immergida no wisky. A pulga sobrevive. Até na formalina fica ella apparentemente morta durante 12 horas... e resuscita. Nem o kerozene, nem o sublimado, nem o enxofre matam as pulgas.

NOSSAS LEITORAS

Maria Emilia e Maria Dulce, galantes filhinhas do Dr. Emilio Cunha

O numero usado nos pares de luvas inglezas é a medida em pollegadas tirada em redor dos nós dos dedos, com a mão fechada.

A bala de uma espingarda adquire a sua maior velocidade, não ao sahir da bocca do cano, mas sim quando se encontra a uns tres metros della.

CORAÇÃO DE OURO

Em magestoso palacio de architectura oriental, no meio de bem cuidado jardim semeiado de lagos de aguas multicores e canteiros de raras e formosas flores, residia o conhecido barão de Rio Azul, casado com a prendada senhora Eugenia, dama muito estimada e conhecida pelo nome de "Mãe da pobreza". Tal cognome fora lhe dado pela legião, dia a dia mais numerosa e mais grata, dos necessitados, que, em verdadeira romaria, accorria ao palacio em busca da esmola, do pedaço de pão, do vestuario e da palavra doce, carinhosa, confortativa, consoladora, que a "Mãe da pobreza" nunca negava áquelles que se acolhiam á sombra de sua protecção.

E a esmola, o consolo que a "Mãe da pobreza" distribuia era a semente sã que, cahindo no coração dos beneficiados, medrava e dava arbusto: — a gratidão — sentimento generoso que todo o ser humano deve cultivar.

...os olhos de Elisa brilhavam de alegria...

Ricos, muito ricos mesmo, pois que herdaram de antepassados fortunas volumosas, os barões de Rio Azul gastavam quasi a totalidade de seus rendimentos em esmolas, já custeando a manutenção de asylos e orphanatos, já soccorrendo, assistindo á pobreza que lhes vinha supplicar o obulo. Para completar a felicidade de lar tão caridoso, o casal tinha uma filha. Elisa, encantadora creança, loura, mimosa, risonha, como se estivesse sempre a manifestar pelo meigo sorriso a satisfação que os paes tinham pelo desempenho da cruzada de caridade de que faziam um apostolado.

A casa dos paes é a escola dos filhos ! Elisa herdara de seus progenitores uma alma affeita á pratica do bem, um coração sensivel a todas as dores e infortunios alheios.

Chegara a vespera do Natal — essa noite tão povoada de sonhos infantis, de anciosos desejos — e Elisa, beijando a fronte de sua mãe, pediu, carinhosa, irresistivel de bondade e graça:

— Has de pedir ao Papae Noel que deixe no meu sapato uma roupinha de homem. Sim ?

— Sim, meu anjinho, vae dormir, que eu espero pelo bom Noel, a quem darei teu recado !

E cobrindo de beijos a loura cabecita da filha, a baroneza levou-a ao leito, aconchegando-lhe ao corpo as cobertas de lã.

Muito cedo ainda, na penumbra do quarto de dormir, Elisa abre os olhitos, levanta-se e corre á janella, onde, de vespera, depositara os sapatinhos de couro. Um gritinho, uma risada de satisfação — tal como um gorgeio de canario dourado a saudar o despontar do dia — sahiu-lhe da garganta : — lá estavam as bonecas de vestidos rendados, os carrinhos de rodas polidas e — ó satisfação ! — a roupita de homem que Elisa desejava !

Tomada de alegria, veste-se, apanha a roupinha e corre á presença da ama, a quem segreda uma phrase. A boa rapariga sorri e retira-se, voltando pouco depois com um menino, um pobrezinho dos muitos que esmolavam pelas ruas.

Elisa fal-o vestir a roupita de lã e uns sapatos novos, e emquanto a ama compunha, solicita, as vestes novas do pobrezinho, os olhos da meiga e caridosa filha dos barões de Rio Azul brilhavam tão expressivos, tão alegres, como se quizessem mostrar a pureza, a expontaneidade, a delicadeza da primeira esmola de um coração de ouro !

CARLOS MANHÃES

Os frades do grande São Bernardo

Os frades do grande São Bernardo não se occupam sómente em soccorrer e hospedar os viajantes perdidos na neve. Acontece-lhes tambem dar hospitalidade ás avesinhas.

Não ha muito tempo, numa tempestade, elles notaram um bando de andorinhas que se dirigia para o hospital para refugiarem-se nelle.

Logo foram abertas as portas e as janellas.

A neve cahia em pesados flócos. Num instante, todas as salas se encheram com os pequenos passaros extenuados pela fome e pela fadiga, tremendo de frio.

Havia-as na capella e no refeitorio, haviaas até nas cellas dos frades que accenderam grandes fogos para aquecer as pobres avesinhas.

No dia seguinte, tendo voltado o bom tempo o bando de andorinhas retomou vôo para o Meiodia. Mas parece que os soccorros não foram sufficientes, porque os frades encontraram nas visinhanças do convento centenas de cadaveres desses passaros migratorios, que na vespera não tinham podido recuperar de todo as forças.

Claudio, Nestor e Adhemar, filhos do Sr. Claudio J. Toussaint, operoso chefe das nossas officinas.

Randolpho, Juracy e Armando, interessantes filhinhos do Sr. Manoel da Silveira Gomes.

Sentença Philosophica

A sentença deve ser esta :

Considerando que as feras não devem andar pelas ruas;

Considerando que a ignorancia do assassino concorre para o assassinato;

Considerando que a miseria do criminoso foi um dos incentivos do crime;

Condemnamos o monstro a ser mettido numa jaula;

Condemnamos o ignorante a ser mettido numa escola;

Condemnamos o vadio a ser mettido numa officina;

Dêm-lhes uma cadeia, um alphabeto, uma ferramenta;

Considerando que se a sociedade tivesse fornecido um A B C ao ignorante e um officio ao mendigo, a somma da ignorancia com a miseria não produziria o resultado : o crime;

Considerando a sociedade a causa e o bandido o effeito;

Condemnamos a sociedade a que dê instrucção a todas as creanças e dê trabalho a todos os famintos, tornando-se assim mais solicita em evitar os assassinios.

Guerra Junqueiro

Nossas paginas de armar - O THEATRO DO ALMANACH

Desde o principio do anno temos recebido pedidos dos nossos leitores para que no presente *Almanach* figurasse um theatro de armar, amplo, onde as bonecas e os bonecos, movidos e guiados pelos seus gentis donos, pudessem representar scenas comicas. Attendemos tão justo pedido, dando, além do theatro, pequenas peças, mesas e cadeiras, para mobilar o palco.

Explicação — Collem todas as peças, com excepção do panno de bocca, em papelão de grossura regular e recortem-nas convenientemente. Collem depois as peças A B e C D nas linguetas brancas (A B e C D) da peça onde está escripto *Almanach d'O Tico-Tico*. Estará armado o frontal do palco. O panno de fundo é a peça E F, onde deverão ajustar, respectivamente, os lados E' e F' dos bastidores.

Os lados oppostos destes bastidores, isto é, os marcados com as lettras G e H, devem ficar collados á parte interna das columnas que formam o frontal do palco.

O panno de bocca não deve ser collado em papelão mas em qualquer papel fino. Uma pequena e delgada tira de papelão pode ser collada, pelo lado de dentro, á altura das duas settas indicativas, afim de esticar o panno quando esteja arriado. Um pedaço de arame ou uma varinha será collada na face Z Z e nella enrolar-se-á o panno sempre que houver de ser suspenso. As extremidades desta varinha descansarão nos entalhes J e J' dos bastidores lateraes. Nos entalhes I, L' e K K' deverão descansar, por processo igual, as bambinellas L e K.

O chão do palco será feito ou arranjado na occasião segundo as exigencias da scena ou da peça que as bonecas irão representar.

O intelligente menino Ernesto, de cinco annos, filho do Sr. Casimiro da Silva, administrador do Hospital S. Zacharias e de D. Eunice Silva.

A LUA RUSSA

E' um phenomeno que aterra os camponios dos climas frios no mez de Abril. A Lua toma uma côr de ferrugem, dizem elles, quando, começando em Abril, fica cheia no fim desse mesmo mez ou no principio de Maio.

Os camponios asseguram que á noite quando o céo está sereno e resplandece a Lua russa, as folhas e os brotos gelam, mesmo quando a temperatura se mantém a alguns gráus acima de zero. Se, ao contrario, o céo está coberto, os raios da Lua não chegam até as plantas e não se dá a geada.

Que essas geadas succedem em Abril e Maio, é a verdade, e as colheitas ficam compromettidas, é verdade igualmente que ellas cahem de um céo sereno quando ha luar. Deve-se pois attribuil-as aos effeitos desse astro?

Aqui se enganam os camponios. As plantas aquecidas durante o dia pelos raios do Sol, perdem o seu calor durante a noite, irradiando-o no ambiente, e o esfriamento póde ser tal que se produza a geada mesmo com uma temperatura acima de zero. O céo sereno favorece essa perda de calor, e, entretanto, nas noites de Abril e de Maio, nas quaes a temperatura não vae além de 14 ou 15 graus, as plantas gelam, se ha luar, mas é a Lua que brilha porque o céo está puro, não o contrario, e é a pureza do céo que favorece a geada. Tanto é verdade que mesmo sem a Lua, gêa-se o céo está limpido.

* * *

A côr russa ou enferrujada da Lua é devida aos vapores de que está carregado o ar. A superstição da Lua russa é antiga. Ao Papa Sixto X, os camponios das Marcas, logar de onde elle era originario, mandaram uma supplica para que os livrasse daquelle flagello e lhes concedesse fazer duas colheitas por anno. Elle respondeu que, quanto á "Lua russa" não havia meio de abolir, mas concedeu as duas colheitas, fazendo porém o anno de 24 mezes.

Arago conta que Luiz XVIII, rei de França, recebendo um dia uma deputação de astronomos, pediu-lhes que lhe explicassem o que era a "Lua russa" e por que tinha effeito malefico sobre as colheitas. Ao que o astronomo Laplace, que estava presente, ficou embaraçado.

Consultando com o olhar os collegas, e não vendo nenhum disposto a tomar a palavra, respondeu :

—Sire, a "Lua russa" não está em tratado algum de astronomia e portanto não estamos em condição de satisfazer a curiosidade de Vossa Magestade.

A' noite, o rei riu muito com os seus intimos do embaraço que tinha causado aos seus astronomos.

SILHUETAS GLORIOSAS

MARECHAL JOFFRE

Para que os nossos leitores possam fazer os retratos juntos, dos dous gloriosos generaes do exercito francez é mistér que collem as duas gravuras em papelão e depois com o auxilio de um canivete bem afiado, cortem todas as partes das figuras que não forem brancas.

Colloquem em seguida o papelão entre um foco luminoso e uma parede branca e verão, com toda a nitidez, os retratos dos marechal Joffre e general Castelnau.

GENERAL DE CASTELNAU

O annel do casamento

Remonta aos hebreus o uso do annel symbolico do casamento e delles herdaram o costume os gregos.

Na sua origem era de ferro, tendo a superficie interior imantada, o que significava que, arrancando uma mulher dos braços da familia, o marido devia attrahir a esposa tão intimamente como o iman ao ferro.

O annel do casamento, que é commummente conhecido pelo nome de alliança torna-se como que o penhor da união entre o marido e a mulher.

Deve-se usar a alliança na mão esquerda porque a direita indica autoridade e a esquerda obediencia.

PÓ DE ARROZ SANA CUTIS
Pó de arroz SanaCutis
Pó de arroz SANACUTIS
ASSIM MESMO, "SEU" CHIQUINHO! PODE ESFREGAR A' VONTADE QUE O "CHOCOLATE" QUER FICAR BONITO. DEMAIS, E' O "PO' DE ARROZ SANA CUTIS" O MAIS ADHERENTE E PERFUMADO E QUE PRODUZ SOBRE A CUTIS UMA SENSAÇÃO AGRADAVEL, DANDO-LHE UMA ALVURA INCOMPARAVEL.
PREÇO .... 2$500 — PELO CORREIO .... 3$000
PERFUMARIA KANITZ
127, Rua Sete de Setembro, 129
RIO DE JANEIRO
ATELIER ASS

Ao alto, o caminho novo do Gymnasio Anglo-Brazileiro, vendo-se o carro que conduz as visitas ao collegio ; no medalhão, o 1° corte do caminho novo ; do centro, a secretaria vista de lado e outras dependencias ; em baixo, um grupo de alumnos em recreio.

no. Entretanto, os senhores chefes de familia poderão se dirigir á secretaria do Gymnasio Anglo-Brazileiro, para obtenção de programmas e albuns de vistas do referido instituto, adquirindo assim dados necessarios para delle formar seu juizo perfeito e cabal.

dos alumnos. O estudante não é opprimido com regulamentos exigentes, não é vigiado a cada passo, como um suspeito. Os professores procuram captar a amizade dos alumnos, e o respeito destes se obtem, não pelo rigor e frequencia dos castigos, porém com a sua certeza e absoluta imparcialidade. Emfim a vida do collegio é a duma familia bem ordenada e não a de um quartel. A directoria procura incutir nos meninos o desejo de se tornarem perfeitos cavalheiros. Os preceitos da civilidade á mesa constituem uma parte do ensino. Nas lições de moral aos domingos, as virtudes proprias do homem bem educado são collocadas em primeiro logar. O corpo docente é composto de reputados professores, estrangeiros e nacionaes, o que muito tem concorrido para o desenvolvimento e preferencia desse instituto.

Extrahimos dos estatutos do Anglo-Brazileiro a parte referente aos cursos, que assim os disse :

"*Preliminar*, o *Gymnasial* e o *Preparatorio para as universidades estrangeiras.*

O curso preliminar tem por fim preparar os alumnos para o Curso Gymnasial.

O curso gymnasial seguirá os programmas officiaes, conforme as explicações acima.

Os alumnos approvados nos exames finaes do 5º anno, com boas notas, estarão em condições de entrar para os cursos superiores.

A estes se concederá um *Diploma de Estudos Fundamentaes e Preparatorios.*

No curso especial *de preparatorios para as universidades inglezas e norte-americanas, o ensino é administrado em inglez e por professores inglezes.* Só depois de approvados nos exames do 4º anno gymnasial os alumnos poderão ser admittidos a esse novo curso. Os que, sem cursar o Gymnasio, desejarem matricular-se directamente terão de prestar um exame de admissão em inglez.

Feito este curso, os alumnos não encontrarão difficuldade para entender as prelecções que ouvirem naquellas universidades. Quasi sempre succede com os estudantes brasileiros, que recebem toda a sua instrucção em portuguez, o facto de se verem obrigados a repetir, nas universidades estrangeiras, o primeiro ou mesmo os dois primeiros annos do curso. Isto os desanima a ponto da maioria desistir da formatura".

Pela rapida resenha que acima fizemos, assignala-se o Gymnasio Anglo-Brazileiro como um dos melhores, senão o melhor estabelecimento de ensino secundario do Brasil, estabelecimento modelar e digno de apreço, cujo conceito desde a sua fundação está firmado.

O devotamento á causa da instrucção, ministrada com racionalidade, pelos seus directores, é, sem duvida, a causa unica desse conceito e desse apreço, que jámais serão destruidos, antes, pelo contrario, cada vez mais se firmarão na opinião publica do paiz.

Impossivel, porém, descrever nestas poucas linhas o que é esse grande estabelecimento de ensi-

Varios aspectos dos exercicios de gymnastica sueca e do jogo da corda pelos alumnos do Gymnasio Anglo-Brasileiro.

O progresso da instrucção no Brasil

O que é o Gymnasio Anglo-Brazileiro desta Capital

O Gymnasio Anglo-Brazileiro desta Capital, pela sua optima situação, pois está collocado em sitio deliciosamente agradavel e salutar e ainda pelas suas magnificas installações e methodo de educação, é considerado um dos mais notaveis estabelecimentos de ensino do Brasil.

O seu programma não tende apenas a ensinar, mas a educar, com solida moral e base intellectual positiva, o alumno, norteando-o para a vida pratica, de fórmas que, ao entrar na luta, qualquer que seja o ramo de actividade que o mesmo abrace, elle se sinta capaz, apto a assumir as responsabilidades em vida.

Seu fundador, o Sr. Charles Armstrong, pedagogo de renome, vindo ha muitos annos para o Brasil, adaptou ao systema brasileiro de instrucção o methodo de ensino inglez, reconhecidamente o mais pratico e racional, de sorte que, cuidadosamente organisado o seu programma de ensino, foi posto em pratica com francos e reaes successos. O Sr. Armstrong chamou mais tarde para auxilial-o na direcção do grande estabelecimento de ensino ao Sr. Stanley B. Allan, educador esforçado e intelligente que tem, igualmente, dedicado toda a sua attenção ao Anglo-Brazileiro, melhorando sempre suas installações e mantendo com a mesma capacidade do Sr. Armstrong o modelar programma de educação. Entretanto não é só a instrucção moral e intellectual que preoccupa a direcção do collegio. A educação physica do alumno é ali rigorosamente cumprida.

O batalhão do Gymnasio Anglo-Brazileiro, desfilando pela Avenida Central, num dia de festa nacional.

E com os exercicios militares, a natação e os exercicios ao ar livre, formam assim uma geração nova, com espirito novo, sadio. Entre o corpo discente é mantido uma disciplina perfeita, sem que a sinta e nisto se acha o segredo da boa ordem e do contentamento

A praia do Vidigal, Leblon, Rio de Janeiro, pertencente á magnifica chacara onde está installado o Gymnasio Anglo-Brazileiro.

O PÓ DE ARROZ LADY
J.R. SANTOS
LOPES
Lady
ATELIER A.S.S.
CHIQUINHO — Muito bem, Lili ! Gostei da idéa. Não deves usar senão o pó de arroz *Lady*. Se soubesses como estás com a pelle linda.... e por tão pouco dinheiro...
JAGUNÇO — Seu Chiquinho é um bicho !
Mediante um sello de 200 réis enviaremos um Catalogo illustrado de Conselhos de Belleza e uma amostra do "LADY". Caixa grande 2$500, pelo correio 3$200, em todas as casas do Brasil — Deposito : Perfumaria Lopes, Uruguayana, 44 — Rio
Preço nos Estados : Caixa grande 3$000, pequena 600 reis.

PASSATEMPOS CURIOSOS

Damos abaixo alguns passatempos que, além de muito curiosos e interessantes, são de facil execução :

ACCENDER LUZES COM AGUA

E' uma aposta facil de ganhar : accender um cigarro, um papel, uma vela, qualquer cousa, em summa, apenas com agua.

Basta, para esse fim, que colloquemos disfarçadamente um pedacinho de potassio no objecto que quizermos fazer arder. Deixando depois cahir um pingo de agua em cima, immediatamente se accenderá. E está ganha a aposta.

UM VULCÃO NUM OVO

Para conseguirmos um vulcão num ovo, fazemos-lhe um furosinho na casca e sorvemol-o, enchendo-o em seguida com cal viva e camphora em partes iguaes, e tapando o buraco com cera. Podemos tambem trocar o ovo por outro que se tenha preparado.

Deitando-o num copo, ou bacia, com agua, começarão a sahir chammas do ovo parecendo um vulcão.

A AGUA QUE NÃO MOLHA

Num prato, dos de sopa, colloquemos uma moeda : ao lado ponhamos um copo invertido e depois deita-se agua no prato até que a moeda fique coberta por completo. Digamos então que vamos tirar a moeda do prato sem molhar os dedos. Todos duvidarão e, se alguem quizer apostar, apostemos. Para ganharmos faremos o seguinte : cortemos uma rodela de uma rolha de cortiça e nella collocaremos alguns phosphoros. Accendam-se e colloquem-se sobre a agua, tapando com o copo invertido, que servirá de campanula hydropneumatica. A' medida que a combustão se vae effectuando veremos desapparecer a agua do prato e entrar para o copo deixando a moeda completamente em secco para a podermos tirar e ganhar a aposta. Em seguida diremos que foi assim que a agua do Mar Vermelho se retirou tambem para que os Israelitas pudessem passar e fugir á perseguição dos soldados do rei do Egypto.

PORQUE SÃO TRES?

— Porque é que cada caixa contém 3 sabonetes Reuter? — Perguntou um menino a seu pae.

— Porque todas as cousas de summa importancia na ordem politica e na ordem religiosa, sempre apresentaram esta trindade.

Porque são tres sabonetes distinctos e uma só virtude verdadeira.

E' justo pois que o sabonete Reuter tenha um prestigio mystico.

As senhoras que se lavam com elle viram desapparecer suas rugas prematuras, prestigiando a sua tez com as elasticidades e coloridos proprios da juventude.

Os meninos que desde a mais tenra idade foram educados sob o principio de amor e comprehensão da hygiene, facilmente receberam e acceitaram para sempre esses salutares ensinamentos, porque a suavidade e perfume do Sabonete Reuter os attrahia.

Os homens que pela primeira vez se barbearam com elle, observaram com alegria e admiração, que a navalha não arranhava mais, e que depois de enxugar bem o rosto este ainda ficava impregnado do seu aroma e suavemente perfumado com o balsamo da sua espuma, todos estes têm proclamado bem alto as virtudes idéaes do Sabonete Reuter, collocando-o á testa das suas predilecções como um dos maiores beneficios e prazeres que Barclay & C. fornecem ao genero humano.

JATAHY PRADO — O rei dos remedios brasileiros

NÓS ERAMOS ASSIM

CHEGAMOS A FICAR QUASI ASSIM

Soffriamos horrivelmente dos pulmões: mas, graças ao XAROPE DE ALCATRÃO E JATAHY, preparado pelo pharmaceutico *Honorio do Prado* — poderoso remedio contra tosses, bronchites, asthma, rouquidão e coqueluche

CONSEGUIMOS FICAR ASSIM

COMPLETAMENTE CURADOS E BONITOS

Em muitos casos uma ou duas doses são bastantes para a cura radical

Depositarios: ARAUJO FREITAS & Cia. — Rua dos Ourives, 88 — RIO DE JANEIRO

O SAPATO DO PRAXEDES

Pobre como Job, o Praxedes viu, com pesar, chegar a noite do Natal, sem ter, siquer um sapato para collocar á janella, afim de receber um presente de Papae Noel.

Este, porém, nunca se esquece dos infellizes: passando pela cabana e vendo tão pobre, entrou. Praxedes, ao ver o bom e generoso velhinho, cahiu de joelhos

— Meu amigo — disse Papae Noel — não tenho mais presentes porque já os distribui. Toma, no emtanto, um de meus sapatos. Pede-lhe tudo...

...que desejares, com a condição de ser coisa util. E dizendo taes palavras, o velhinho Noel descalçou um dos sapatos e entregou-o a Praxedes. Depois, desappareceu.

O pobre diabo, maravilhado, quiz logo pôr á prova o sapato e exclamou: — Estou com fome e quero comer uma gallinha assada!

Immediatamente surgiu do sapato um "garçon", apresentando uma cheirosa gallinha assada. — Muito bem — continuou Praxedes — venha agora vinho!

O "garçon" desappareceu e saltaram logo do famoso sapato tres garrafas de vinho fino. Após comer regaladamente, Praxedes...

...pediu varias coisas que tinha necessidade, inclusive um terno de roupa. Depois, manifestou desejo de possuir uma carruagem.

Um lindo cavallo surgiu de dentro do sapato, que, por sua vez, transformou-se numa bella viatura. E, pela primeira vez na sua vida de pobre sem vintem, Praxedes...

...passeou de carro. Insaciavel, Praxedes pediu depois ao sapato que lhe désse cem saccos de libras esterlinas. Desta vez, porém, em vez dos saccos de dinheiro, sahiu do sapato o proprio Papae Noel...

...trazendo á mão uma pá e uma picareta.

— Eil-os! — disse o bom velhinho. Se queres ser rico, trabalha primeiro. Praxedes comprehendeu a lição.

Recebeu as ferramentas, lavrou e semeou a terra e, se não possue cem saccos de libras, tem o necessario para viver.

As reclamações dos animaes

O Dr. Erudito, tendo de presidir á sessão da Academia de Letras, vestira seu dourado uniforme, quando o creado lhe veiu dizer:

— Estão ahi fóra muitos animaes que pedem para falar com V. Ex.

— Mande-os entrar — respondeu o academico.

— Sou o ganso, disse o primeiro visitante — e, como o senhor e seus collegas são encarregados de zelar e rever os vicios da lingua, venho protestar contra o abuso que fazem do meu nome quando dizem: "incomprehensivel como um ganso!"

O asno, por sua vez, falou:

— Protesto contra o costume de chamarem os ignorantes de asnos. Acredita o senhor que os asnos não são susceptiveis de serem sabios?

— Reclamo, disse o macaco, contra o deploravel habito de dizerem: "feio como um macaco". E' uma injustiça, porque todo o mundo sabe que a belleza não é só do rosto, mas tambem da alma, do coração!...

Veiu o camello: — Por que dão ao meu nome uma significação tão vil? Por causa das bossas que trazemos? Não ha razão para isso!...

— Eu, disse o carneiro, protesto solemnemente contra o habito da expressão: "docil como um carneiro!" Poderei mesmo provar que, ás vezes, o carneiro, por sua frocidade, será capaz de metter medo a um tigre!...

Nesta occasião entrou o tigre e, de dentes á mostra, reclamou contra o facto de compararem a elle todos os geniosos. O Dr. Erudito, ante tal fera, julgou prudente saltar pela janella e ir aconselhar aos collegas da Academia uma reforma em certas expressões da nossa lingua.

Dormir é bom

E' um trabalho, todas as manhãs, obrigar Nininha a levantar-se da cama. Gosta do leito e, por vezes pede que a deixem dormir, que é bom. E' bom quando se está doente — diz-lhe a mãe.

Um dia, Nininha fôra almoçar em casa de uma amiga e ouvira um senhor falar da "doçura do somno", que é contrahida em virtude da mordedura da mosca *tsé*.

Nininha não sabia que essa mosca não existe no Brasil e tomou a resolução de ficar com a "doçura do somno". Na manhã seguinte, quando a creada a veiu chamar, Nininha ficou de olhos fechados e não respondeu.

Deante de tal silencio e tal immobilidade, a creada inquietou-se e foi chamar a patrôa. Nenhum meio houve para vencer a inercia da simuladora. Assustada, a mãe de Nininha mandou chamar um medico. Este chega e...

...examina detidamente a menina. — Não ha perigo algum, disse elle á senhora. Deixem-na dormir emquanto quizer e sujeitem-na á diéta absoluta. Mesmo que ella accorde, não lhe dêem alimento senão á noite.

Sua mãe e o medico sahem do quarto Nininha rejubila-se ! Mas o chocolate da sua mãe está tardando... Passam as horas lentamente... Bate meio-dia. Morrendo de fome, Nininha *acorda* e chama sua mãe. Esta accorre.

— Mamãe, não sinto mal algum e queria comer. — Não, minha filha, o medico não quer. Amanhã, talvez, tomarás um chá simples. Nininha supportou ainda uma hora.

Por fim, não podendo reprimir a fome, confessa á mãe, chorando, o embuste. Sua mãe perdoou-a, deante do arrependimento que ella mostrára, mas diz sempre que Nininha é uma menina que é incapaz de mentir !

A ILHA DOS SONHOS (Conto do Natal)
Pedrinho, filho de pobre pescador, diverte-se fazendo navegar num pequeno lago um bote feito de um tamanco usado
Seu maior desejo, porém, era possuir um polichinello verde, amarello e vermelho. Na noite do Natal, Pedrinho deu a conhecer seu desejo ao pae e, collocando o tamanco á beira do fogão, adormeceu, pensando em papae Noel.
Em breve, porém, acordava: a neve que cahia no quarto, pouco a pouco transformava-se em agua, alagava tudo, ao mesmo tempo que o tamanco ia augmentando de tamanho...
...até tornar-se um navio de verdade, com mastro e vela. Pedrinho embarcou, lesto, no navio. As aguas augmentavam de volume e o filho do pescador estava agora em pleno mar.
Pedrinho, a principio, teve medo: as aguas, acossadas pelo vento, infundiam-lhe mesmo na escuridão da noite, um certo terror.
A tormenta amainou. Veiu o dia, e Pedrinho avistou uma ilha verdejante, illuminada por um sol de ouro. O vento impellia o navio para a ilha, em:...
...cuja praia um polichinello esperava Pedrinho de braços abertos. Aquelle polichinello verde, amarello e vermelho era bem, augmentado, já se vê, o que o menino almejava.
Uma recepção e um acolhimento dos mais carinhosos foram dispensados ao filho do pescador, que recebeu em sua honra um banquete maravilhoso, servido por muitos creados de libré dourada. No fim do banquete, um boneco de barbas mostrou a Pedrinho mimosa miniatura...
...da ilha, que era conhecida pelo nome de "Ilha dos Sonhos do Natal".
Pedrinho, no emtanto, lembrando-se de que seus paes poderiam estar inquietos com a sua ausencia, partiu para casa, em companhia do polichinello.
Chegam á cabana.
E' muito cedo ainda e Pedrinho dorme. Sua mãe, que o encontrára á noite, dormindo junto ao tamanco, deita-o no leito.
Pedrinho acorda, lembra-se da "Ilha dos Sonhos do Natal" e olha para o tamanco-barco: lá estava o polichinello, mas muito menor, muito menos rico do que o da ilha verdejante.